



# PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO

(RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 253, DE 06 DE ABRIL DE 2020 que aprova, *ad referendum*, a reformulação curricular do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Design de Ambientes– Bacharelado, Escola de Design, Campus Belo Horizonte.)

design de  
ambientes

ESCOLA DE  
DESIGN



# Projeto Pedagógico de Curso

## Design de Ambientes

Escola de Design / Universidade do Estado de Minas Gerais

## REITORIA

Lavínia Rosa Rodrigues

Reitora

Thiago Torres Costa Pereira

Vice-reitor

Fernando Antônio França Sette Pinheiro Júnior

Pró-reitor de Planejamento, Gestão e Finanças

Magda Lucia Chamon

Pró-reitora de Pesquisa e Pós Graduação

Michelle Gonçalves Rodrigues

Pró-reitora de Ensino

Moacyr Laterza Filho

Pró-reitor de Extensão

Liliana Borges

Diretora Geral do Campus Regional de Belo Horizonte

## UNIDADE ACADÊMICA ESCOLA DE DESIGN

Sérgio Antônio Silva

Diretor

Heloisa Nazaré dos Santos

Vice-diretora

Cláudia Fátima Campos

Coordenação do Curso de Design de Ambientes

Isabella Pontello Bahia

SubCoordenação do Curso de Design de Ambientes

Wânia Maria de Araújo

Departamento de Contextualização e Fundamentação - DECF

Andréia Menezes de Bernardi

Departamento de Sistemas de Utilização - DESU

Kátia Andréa Carvalhaes Pêgo

Departamento de Planejamento e Configuração - DEPC

Roberta Lopes Pinto  
Departamento de Sistemas de Produção - DESP

## COMISSÃO DE REFORMULAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO

Presidente da Comissão: Professora Me. Maria Bernadete Teixeira

### Equipe Técnica

Professora Dra. Angélica Oliveira Adverse  
Professor Me. Breno Pessoa dos Santos  
Professora Dra. Cláudia Fátima Campos  
Professora Me. Cristina Abijaode Amaral  
Professor Me. Igor Goulart Toscano Rios  
Professora Me. Isabella Pontello Bahia  
Professor Me. Marco Túlio Boschi  
Professor Me. Sérgio Roberto Lemos de Carvalho  
Professora Me. Tatiana Azzi Rosezenbruch

### Agradecimentos

A presente equipe agradece a colaboração dos Coordenadores e Colegiados dos Cursos, dos Centros de Pesquisa e Extensão, dos Laboratórios, Centros e Grupos de Estudo atuantes na Escola de Design, das Chefias de Departamento, dos Núcleos Docentes Estruturantes, da Biblioteca e Secretaria Acadêmica da Unidade, além de todos os professores voluntários, consultores, convidados, ex-professores que em diversos momentos compuseram a equipe de trabalho e demais representantes do corpo docente e discente.

Projeto Gráfico da Capa  
Paulo Botelho Junqueira

# SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO PROJETO.....	8
2. HISTÓRICO E COMPETÊNCIA INSTITUCIONAL.....	10
2.1 A Unidade Acadêmica – Escola de Design.....	10
2.2 Pós Graduação .....	11
2.3 Cooperação e intercâmbio .....	12
2.4 Centros e Laboratórios.....	13
2.5 Trajetória Curricular .....	16
3. CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL DA PROPOSTA.....	17
3.1 Demanda regional.....	18
4. JUSTIFICATIVA PARA REFORMULAÇÃO DO CURSO .....	21
5. OBJETIVOS DA REFORMULAÇÃO .....	22
6. O PROJETO DOS CURSOS .....	23
6.1 A Escola Aberta .....	23
6.2 Perfil dos Cursos.....	24
6.3 Os Cursos .....	25
6.3.1 Design de Ambientes .....	26
6.4 Perfil dos Egressos .....	27
6.5 Perfil do Corpo Docente.....	31
6.6 Princípios metodológicos de avaliação - Avaliação do curso.....	32
7. CONCEITO CURRICULAR .....	32
7.1 Currículo em “Constelações” Rizomáticas.....	32
7.2 Níveis e Eixos de Formação .....	34
7.3 Integração Teoria e Prática.....	38
7.4 Integração do Ensino, Pesquisa e Extensão.....	39
7.5 Métodos e Estratégias Pedagógicas.....	40
7.6 Princípios metodológicos de avaliação - Avaliação do Desempenho Discente .....	41
7.7 Metodologia de ensino .....	42
7.8 Seleção de conteúdos e formas de realização da interdisciplinaridade .....	42
8. COMPONENTES CURRICULARES .....	43
8.1 Trabalho de Conclusão de Curso – TCC .....	45
8.2 Estágio Supervisionado .....	46

8.3	Atividades Complementares .....	47
8.4	Atividades de Extensão Universitária.....	47
8.5	Matriz Curricular do Curso de Design de Ambientes .....	51
8.6	Estutura Curricular .....	53
8.7	Ementário.....	63
8.8	Monitoria .....	108
9.	INFRAESTRUTURA FÍSICA .....	108
10.	ESTRUTURA ACADÊMICO- ADMINISTRATIVA.....	110
10.1	Núcleo Docente Estruturante – NDE .....	110
10.2	Colegiado de Curso .....	110
10.3	Programa de Apoio aos Discentes .....	111
10.4	Departamentos da Escola de Design .....	111
11.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	113
12.	REFERÊNCIAS.....	114
12.1	Legislações.....	117
13.	APÊNDICES .....	118
	APÊNDICE 01 – CENTROS E LABORATÓRIOS .....	118
	APÊNDICE 02 – Trabalho de Conclusão de Curso - TCC .....	143
	APÊNDICE 03 – ESTÁGIO SUPERVISIONADO .....	146
	ANEXOS: ESTÁGIO SUPERVISIONADO .....	155
	PLANO DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO .....	156
	APÊNDICE 04 – QUADRO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES .....	157
	APÊNDICE 05 – QUADRO DE CORRESPONDÊNCIA E CARÁTER DAS DISCIPLINAS.....	159
	APÊNDICE 06 – QUADRO – DISCIPLINA POR DEPARTAMENTO / EIXO.....	161

Uma Escola Aberta é sensível a mudanças, corrige sempre e continuamente suas metas.

( ) A escola inovadora, criativa e universal necessita do aluno múltiplo, do professor múltiplo. O professor múltiplo perde a arrogância do saber, pela parceria e pela aglutinação de ideias sob os desafios. O aluno múltiplo da escola múltipla deve ser “*on the road*”, curioso, inquieto, ousado, informado, provocativo, ligeiramente “epilético”, pois assim tem mais chances de trazer o mundo para si, pelas próprias descobertas e reconhecimento de seus limites.

Romeu Dâmaso, 1995

## 1. APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Este documento apresenta a proposta de reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Design de Ambientes da Escola de Design, com o objetivo de atender às diretrizes do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão - COEPE da Universidade do Estado de Minas Gerais para os seus cursos de graduação, coerente com as ações e compromissos da Universidade com a sociedade. Orientado pelas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Design (BRASIL, 2004), a proposta visa, ainda, alinhar os cursos às demandas contemporâneas para o ensino e prática do design, apoiada na maturidade alcançada pela Escola de Design em mais de sessenta anos de atividade e na busca permanente de atualização na sua área de competência. O documento apresenta a sequência de itens e informações requeridas para sua avaliação nas diversas instâncias colegiadas da instituição: Conselho Departamental da Unidade e Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade - COEPE. Este Projeto Pedagógico do Curso de Design de Ambientes foi elaborado por uma comissão<sup>1</sup> constituída pela Diretoria da Escola de Design e composta pelos Coordenadores dos Cursos, com a participação dos Núcleos Docentes Estruturantes – NDE's<sup>2</sup> e a colaboração do corpo docente e discente.

---

<sup>1</sup> ESCOLA DE DESIGN. Portaria nº 011/2017, de 26 de abril 2017. Constitui a Comissão para Estudo e Reestruturação dos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação em Design da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais.

<sup>2</sup> ESCOLA DE DESIGN. Portaria/Diretoria ED de constituição dos NDEs. Constitui os Núcleos Docentes Estruturantes (NDEs) dos cursos de graduação da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais  
Portaria nº14/2018, de 19 de abril 2018.  
Portaria nº15/2018, de 19 de abril 2018.  
Portaria nº16/2018, de 19 de abril 2018.  
Portaria nº17/2018, de 19 de abril 2018.

## O Curso

### Dados de identificação do curso

Instituição de Ensino Superior:	Universidade do Estado de Minas Gerais
Unidade acadêmica:	Escola de Design
Esfera administrativa:	Estadual
Curso:	Design de Ambientes
Modalidade do curso:	Bacharelado
Turnos de Funcionamento:	Matutino e vespertino
Tempo de integralização do curso	
Mínimo:	4 anos
Máximo:	7 anos
Número de vagas autorizadas:	80 (40 por turno)
Carga horária total do curso:	3.210 horas
Formas de Ingresso:	Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Sistema de Seleção Unificado – SISU, Reopção, Transferencia e Obtenção de Novo Título.
Dias letivos semanais:	6
Início de funcionamento:	2020
Ato legal de autorização do curso:	Lei Estadual 3.065 12/12/1963 Decreto 55068/64 publicado no Diário Oficial de 16/02/1965
Ato legal de renovação de reconhecimento	Resolução SEDECTES nº 36 de 25/03/2019, publicada em 03/04/2019
Município de implantação:	Belo Horizonte
Endereço de funcionamento do curso:	Av. Antonio Carlos, 7545 – Bairro São Luiz (Região Pampulha)   Belo Horizonte – MG

\*O ingresso aos cursos da UEMG é proporcionado pelo SiSU (Sistema de Seleção Unificada) com utilização das notas das provas dos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), como modalidade de ampla concorrência. O candidato pode, se assim desejar, optar por concorrer em ambas as formas. Observando-se a distribuição de vagas e as condições especificadas e publicadas em edital, além da modalidade de ampla concorrência, é facultada ao candidato a inscrição na modalidade do PROGRAMA DE SELEÇÃO SOCIOECONÔMICA (PROCAN) que se refere à Política de Reserva de Vagas da Universidade. O PROCAN é voltado ao atendimento do candidato carente e ao que se inclui na categoria de cotas – afrodescendentes, indígenas, baixa renda, egressos da escola pública e pessoas com deficiência (MINAS GERAIS, 2017).

## 2. HISTÓRICO E COMPETÊNCIA INSTITUCIONAL

### 2.1 A Unidade Acadêmica – Escola de Design

O ensino de design é oferecido pela Escola de Design desde 1965 com uma trajetória intimamente relacionada à educação e à cultura no Estado e à história e o desenvolvimento do design no país. Criada em 1955 como Escola de Artes Plásticas, anexada à já existente Escola de Música da Universidade Mineira de Arte – Fundação Educacional, cuja inauguração data de 1954, resultante da Associação da Sociedade Coral, Cultura Artística e Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. Em 1956 realizou seu primeiro vestibular para cursos inéditos à época, voltados para as Artes Plásticas – Pintura, Escultura, Gravura, Desenho Industrial, Comunicação Visual, Decoração e Professorado de Desenho.

Em 30 de dezembro de 1963, sob a Lei Estadual 3065 e decreto n.º 55068 de 24 de novembro de 1964, a Universidade Mineira de Arte foi transformada em Fundação e agregada à Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular, passando a denominar-se Escola de Artes Plásticas da Fundação Mineira de Arte – ESAP/FUMA. Em 13 de maio de 1980 teve sua denominação alterada para Fundação Mineira de Arte Aleijadinho, pelo Decreto n.º 7693 de 13 de maio de 1980, identificada e reconhecida como FUMA.

Primeira escola de design no Estado e segunda no País, registra na sua história o primeiro formando em design no país. A Escola de Design foi uma das mais importantes iniciativas que marcaram o design mineiro. Ela deu origem ao IPPI – Instituto de Pesquisa de Produtos Industriais – e dela saíram profissionais que compuseram em 1972 o Departamento de Design do CETEC - Centro Tecnológico de Minas Gerais, onde foram desenvolvidos projetos e pesquisas de significativa importância nos seus dezessete anos de existência.

Em 1990, a FUMA fez sua opção pela absorção à recém criada Universidade do Estado de Minas Gerais, cuja presença em Belo Horizonte se deu pela incorporação de tradicionais instituições de ensino do Estado: o Curso de Pedagogia do Instituto de Educação de Minas Gerais da Faculdade de Educação (FAE/UEMG); Escola de Artes Plásticas da Fundação Mineira de Arte Aleijadinho ESAP/FUMA (Escola de Artes Plásticas /UEMG); Escola de Música da Fundação Mineira de Arte Aleijadinho - ESMU/FUMA (ESMU/UEMG) e a Escola Guignard (Escola Guignard/UEMG).

Em 1999 o Conselho Departamental da Escola, juntamente com o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e o Conselho Universitário da UEMG aprovaram a substituição da denominação Escola de Artes Plásticas para Escola de Design (Resolução CONUN /UEMG n.º 06/97 de 03 de dezembro de 1997).

A Escola de Design é membro fundadora da Rede Latina de Design composta por países de língua e cultura latina – Itália, Brasil, Espanha, Portugal, México, Argentina França e Cuba, dentre outros –, que organizam os Fóruns Internacionais do Design como Processo, tendo sediado sua 4ª edição com o tema Design e Humanismo em 2012.

## 2.2 Pós Graduação

A Pós-Graduação da Escola de Design da UEMG fundamenta-se nos princípios referentes das leis e documentos que regem e orientam a educação no país. A partir de um programa variado e flexível de conteúdos, na pós-graduação busca-se ampliar a discussão e o debate com a indústria, o público e o mercado, reconhecendo as múltiplas possibilidades do design de trabalhar em parcerias e de forma cooperada. Em sintonia com a missão da Universidade, definida no seu Plano de Desenvolvimento, integram-se programas e ações do Estado e do País relacionados à inserção do design na sociedade como um problema político, econômico, social e ecológico.

A proposta da Pós-Graduação, nível *lato sensu*, é a oferta de cursos que integram o desenvolvimento da área do design em interface com outras áreas, atendendo as expectativas do setor produtivo e demandas sociais. Dos cursos oferecidos pela Escola constam Museologia e Metodologia do Ensino Superior como os primeiros no nível *lato sensu*. Atualmente a Escola oferece Design de Móveis, Design em Gemas e Joias e Gestão do Design, com projetos de implementação de novos cursos para atender demandas da sociedade, de segmentos produtivos e do setor de serviços. Dentre estes, o curso de Design de Calçados e Bolsas, já aprovado.

No nível *stricto sensu*, desde 1995, quando a Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, a Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e o Centro Tecnológico de Minas Gerais - CETEC, assinaram convênio de criação da Rede Temática de Engenharia de Materiais - REDEMAT, oferece nessa parceria os cursos de mestrado e doutorado em Engenharia de Materiais. Em 2013, a CAPES concedeu à UEMG a condição de ser coofertante dos cursos, que até então eram somente de responsabilidade da UFOP.

Em 2009, foi criado o Programa de Pós-Graduação em Design - PPGD, assumindo os objetivos do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) (BRASIL, 2010a) de fortalecer as bases científicas, tecnológicas e de inovação, a formação de docentes e a formação de quadros para mercados não acadêmicos. O PPGD iniciou-se com o curso de Mestrado, ainda único no Estado, que apresentou um crescimento importante e levou à criação do Doutorado em 2015, resultado de uma trajetória já construída em pesquisa e estudos avançados na área de Design da UEMG.

Em mais de meio século de funcionamento regular, a Escola tem seus programas e projetos construídos sob os conceitos da formação humanística que se somam às vertentes das ciências, das tecnologias, das artes e da cultura. Nesse sentido alinha-se a programas voltados à melhoria de qualidade e aumento da exportação dos produtos brasileiros. Dentre eles, estão o Sistema Mineiro de Inovação - SIMI, voltado à promoção da articulação dinâmica entre pesquisadores, Instituições de Ciência e Tecnologia - ICTs, empresas, institutos de fomento e governo para inovação dos setores econômicos do estado; a Lei de Inovação (10973/04) instituída com a “finalidade de promover a execução de políticas de desenvolvimento para a geração de empregos em consonância com as políticas do comércio exterior, de ciência e tecnologia”; o Programa de Apoio a Pesquisa em Empresa - PAPE, da FAPEMIG, que reconhece a necessidade de formação *stricto sensu* em design para a disseminação da inovação dentro do parque produtivo mineiro; e a Política Nacional dos Resíduos Sólidos - PNRS - Lei nº 12.305/10 de 02/08/2010 do Ministério do Meio Ambiente cujas ações envolvem a adequação de produtos aos requisitos do mercado externo, com base em aspectos ambientais (BRASIL, 2010b).

### 2.3 Cooperação e intercâmbio

Ciente da importância de estreitar vínculos com a realidade produtiva e de mercado e ampliar o campo de conhecimento acadêmico, a Escola de Design por meio dos seus Centros, Laboratórios, Núcleos e Grupos de Estudo mantém parcerias com empresas públicas e privadas da região, bem como com outras instituições de ensino e pesquisa congêneres, para a troca de informações e experiências. Essas parcerias devem ser ampliadas, especialmente com outras unidades dos campi da UEMG, possibilitando o encontro de áreas dos diversos cursos no desenvolvimento de projetos integrados que atendam demandas específicas dos setores produtivo, econômico, cultural e ambiental das suas regiões. Também no âmbito nacional, por meio do PPGD, a Escola mantém relações com universidades e docentes de outros Programas de Pós-graduação no país.

Internacionalmente, a UEMG tem trabalhado para promover e expandir cooperações com instituições de pesquisa e de ensino superior, por meio de acordos bilaterais e parcerias que fomentem projetos conjuntos de pesquisa entre grupos brasileiros e internacionais. As parcerias têm se materializado por meio de ações conjuntas de intercâmbio docente e discente, de projetos de pesquisa e desenvolvimento da pós-graduação, além de consultorias, palestras e participação em disciplinas. Dentre os programas de cooperação e parceria institucionais destaca-se a parceria estabelecida com o Instituto Politécnico di Torino, da Itália, em decorrência do Memorando de Entendimentos assinado em abril de 2005 pelo Politécnico di Torino e o Governo do Estado de Minas Gerais. O Instituto Politecnico di Torino apresenta-se como parceiro importante por possuir extensa e longeva tradição em pesquisa e capacitação de recursos humanos em diversas áreas tecnológicas e culturais de interface com o design. A UEMG mantém atualmente com 16 instituições sendo sendo 2 (duas) na Alemanha, 1 (uma) na Argentina, 1 (uma) no Canadá. 1 (uma) no Chile, 2 (duas) na Colômbia, 1 (uma) Cuba, 1 (uma) França, 3 (três) na Itália e 4 (quatro) Portugal. A área do Design possui diversos níveis de cobertura como intercâmbio e admissão de estudantes; projetos conjuntos de pesquisa; parcerias universitárias; seminários e workshops conjuntos.

Em 2017 a UEMG realizou o concurso público que garantiu que todo o corpo docente da Escola seja composto por professores efetivos. Hoje, a Escola de Design conta com 941 alunos e 91 professores que se orientam pelos princípios que regem a Universidade e pela tradição construída em mais de 60 anos de história. Essa tradição da graduação em design permite responder a diferentes aspectos da formação na área a fim de atender a expertises internas e novas solicitações da sociedade, integradas à política institucional da UEMG de promover ações alinhadas à diversidade de vocações e demandas do Estado.

## 2.4 Centros e Laboratórios

Desde que se integraram à estrutura acadêmica da Escola de Design, os Centros, Laboratórios, Núcleos e Grupos de Estudo (APÊNDICE 01) têm consolidado a pesquisa e a extensão, enquanto contribuem para o desenvolvimento conceitual e o avanço da discussão crítica sobre a práxis do design. Eles são os lugares de convergência das grandes áreas temáticas, que se subdividem em estudos opcionais dentre as variadas possibilidades que o campo do design oferece. De caráter acadêmico, suas estruturas destinam-se às atividades, no âmbito da unidade universitária, que

venham complementar a formação do aluno e estimular o desenvolvimento de expertises e vocações. Suas ações inserem-se na interface da academia com os meios sociais e produtivos, por meio de atividades integradas de pesquisa, extensão e capacitação, conforme recomendação do Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI UEMG 2015-2024 (UEMG, 2014). Visam, assim, expandir o ensino para contextos que reforcem e autentiquem os conteúdos do curso e onde o aluno possa assumir-se como agente de autotransformação pela escolha de estudos e práticas de forma crítica, criativa e participativa. Assim, suas estruturas são o *locus* de atualização e reciclagem constantes, que cumprem o objetivo de alinhar a formação acadêmica em design ao seu contexto de atuação, consoante com as premissas da Lei de Diretrizes e Bases - LDB nº 9394 de 20/12/1996, referentes às vocações e atendimento às demandas regionais.

Com a inserção do design no Plano Nacional de Cultura - PNC - e no Plano da Secretaria da Economia Criativa – SEC, do Ministério da Cultura, abrem-se novas perspectivas para a atuação dessas unidades, seja na valorização das expressões e identidades culturais, seja no fortalecimento da produção autóctone. Considerando a diversidade cultural e a variedade de setores da economia nas diferentes regiões mineiras, essas unidades contribuem, também, para ativar recursos materiais, técnicos e humanos de uma região ou comunidade produtiva no desenvolvimento de seus produtos, estabelecendo uma relação dialética entre o conhecimento tácito e o conhecimento científico.

Com a nova localização da Escola de Design no Corredor Cultural da Praça da Liberdade, a partir de 2020, enseja-se ampliar as perspectivas de atuação desses espaços por meio de projetos colaborativos com outros equipamentos culturais da Praça. A integração design, educação e cultura pode contribuir para a valorização e preservação do patrimônio material e imaterial do Estado de Minas Gerais, por meio de uma rede de relações que implementem atividades de transferência de inovação técnica e tecnológica aos contextos de sua aplicação. Para tal prevê-se a requalificação permanente dos espaços já existentes, de modo a atuar junto aos territórios criativos em interface com as artes, o artesanato e as novas tecnologias.

Vale esclarecer que Centros e Laboratórios são espaços similares, de mesmo nível, onde se desenvolvem estudos, pesquisas e atividades de extensão destinados à aplicação acadêmica e/ou prática, cujos saberes são compartilhados por meio de dinâmica participativa. Envolve observação, experimentação e produção em um campo de estudo. Trata-se de espaços de convergência de pessoas e ações coordenadas de estudos específicos, de onde irradiam ideias e pesquisas relativas a uma ou mais vertentes do design. São espaços de transformação destinados à pesquisa e ao estudo experimental, além de sua aplicação nas diferentes áreas e

setores do design. Ambos desenvolvem atividades de pesquisa e extensão, capacitação e treinamento e publicam artigos e trabalhos. Ao incorporar as novas diretrizes constantes neste projeto, as atividades dos Centros e Laboratórios devem considerar a integração entre as habilitações, da graduação e pós-graduação e, quando pertinente, envolver outros centros, a fim de promover a inter, trans e metadisciplinaridade de temas e conteúdos.

Pela mesma orientação, a configuração de um Centro ou Laboratório<sup>3</sup> deverá necessariamente evoluir de um grupo de estudo e/ou núcleo, considerada a amplitude de suas atividades. A partir de demandas externas, interesse dos alunos e especializações do corpo docente, surgem os grupos de estudo que agregam pessoas com interesses direcionados a temas específicos. Ampliadas e consolidadas suas atividades, eles podem constituir-se em núcleos. Ambos, grupos de estudo e núcleos devem ser acolhidos por um Centro ou Laboratório, cujas ações integram suas atividades.

Os Centros e Laboratórios podem também dispor de estúdio, que é o espaço físico apropriado e equipado para a realização de determinados trabalhos; ateliê, espaço físico destinado à criação, experimentação e produção de diversos tipos de atividades; e oficina, destinada à construção e troca de experiências no âmbito tanto da reflexão, quanto da ação. Pelo seu caráter implementador de pesquisa, capacitação e desempenho profissional, simultaneamente, as atividades desenvolvidas nos centros e laboratórios são reconhecidas e avaliadas como estágio e atividades complementares.

---

<sup>3</sup> Os centros de estudo constantes do Projeto Pedagógico não são e nem podem ser geradores de cargo uma vez que não constam da estrutura apresentada pela Lei delegada nº 91, de 29/01/2003. De acordo com essa lei, na estrutura da Universidade existem dois centros CENTRO DE PSICOLOGIA APLICADA (Art. 41) e o CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS PARA A EDUCAÇÃO (Art. 49) para os quais são previstos dois cargos de Diretor de Centro. Ainda, de acordo com a Lei nº 91 fazem parte da estrutura complementar do Campus-BH as COORDENADORIAS DO CENTRO (Art. 51 e 57) diretamente vinculadas administrativa e tecnicamente ao Campus e para as quais são previstos seis cargos.

Com autonomia para gerir as atividades prescritas de sua competência, os centros, laboratórios, núcleos e grupos de estudo estão submetidos administrativamente à direção da unidade e, tecnicamente, ao Conselho Departamental.

## 2.5 Trajetória Curricular

Desde a instituição do currículo mínimo obrigatório para os cursos de Desenho Industrial em 1987 (Parecer 062 de 29/01/87, do Ministério da Educação) a Escola de Design tem participado do processo que culminou nas diretrizes nacionais que hoje orientam o ensino de design no país. Concebido em 1977, o currículo mínimo já entrou em vigor com uma defasagem de dez anos, desconectado das realidades, das necessidades e das características dos setores e regiões produtivas do país.

O processo de construção das novas diretrizes envolveu pesquisas, testes com os instrumentos de avaliação propostos pela SESu/MEC (1994), que foram aplicados aos corpos docente, discente e ex-alunos, incluindo sondagens feitas junto a setores da indústria e serviços. O trabalho revelou uma desconexão do ensino com a realidade, o que levou as escolas de design brasileiras a buscar a adequação dos conteúdos dos seus currículos ao contexto de oferta dos cursos e às novas linguagens tecnológicas contemporâneas.

A participação em todo esse processo incitou as discussões internas e mobilizou os órgãos colegiados da Escola de Design na reformulação dos currículos de seus cursos, criando uma comissão interna para pesquisar e catalisar informações, críticas e sugestões junto à comunidade como um todo.

Com base nesse processo e, segundo a nova Lei de Diretrizes e Bases, reconfigurada para reger e renovar a educação no país, a Escola de Design reformulou seus currículos. Com a extinção do currículo mínimo de Desenho Industrial, as habilitações de Projeto de Produto e Programação Visual constituíram os Bacharelados em Design de Produto e Bacharelado em Design Gráfico, respectivamente. O curso de Decoração passou a ser Bacharelado em Design de Ambientes.

Os cursos adotaram um núcleo comum à área do design acrescidos dos conhecimentos específicos correspondentes à vertente de cada curso. A proposta do currículo foi construída sobre uma prática desenvolvida ao longo de quase 50 anos de história, porém, voltado às novas competências e habilidades da área do design. Apresentada em 2003, a proposta pedagógica da

Escola também orientava a flexibilização dos métodos que conjugam a sala de aula com núcleos e centros de estudo e laboratórios, com vistas a articular conceitos teóricos com atividades práticas voltadas ao universo produtivo do Estado.

Os centros, laboratórios e núcleos, relacionados a diversos setores e vertentes do design, constituíram-se na principal forma de contato dos cursos com o seu entorno. Dessa dinâmica interativa nasceram as parcerias, convênios e redes de cooperação, que possibilitaram o fortalecimento de suas estruturas físicas e concorreram para o desenvolvimento científico e tecnológico das disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação.

Dos Centros emergiram vários grupos de pesquisa que, apoiados pelas agências de fomento, consolidaram experiências pioneiras em setores de vocação de regiões do Estado. Nessas regiões, aplicam-se ações como a capacitação em pequenas unidades produtivas, visando desenvolver nelas uma capacidade tecnológica própria, e para a qual elas necessitam vincular-se a um Centro de Pesquisa ou Universidade que lhes deem o suporte necessário.

Apesar das grandes dificuldades que tem enfrentado ao longo de sua existência, a Escola de Design tem explorado as relações entre o design e a sociedade, criando uma cultura de inserção dessa disciplina na concepção e diferenciação de produtos e serviços em Minas Gerais. O caráter dominante da cultura que orienta a atividade e o ensino de design na Escola manifesta-se nas premiações nacionais e internacionais e na atuação profissional dos seus egressos. Essa identidade, construída sobre uma história preservada e assumida como parte da totalidade que constitui a Universidade do Estado de Minas Gerais, ganha plena significação quando, em 2012, a Escola recebe do governo de Minas uma nova sede na Praça da Liberdade, a ser plenamente ocupada até 2020.

### **3. CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL DA PROPOSTA**

O Estado de Minas Gerais representa a terceira economia do país, cuja contribuição à economia nacional ganha destaque no setor industrial e particularmente na indústria de transformação e serviços. Caracterizado por grande diversidade regional, o Estado conta com a presença de regiões com grau de desenvolvimento relativamente avançado, como o Triângulo Mineiro e o Sul de Minas.

Distribuídas sobre uma superfície de 588.384 km<sup>2</sup> de secular configuração geográfica, as muitas regiões mineiras são ocupadas por 21,1 milhões de habitantes, sendo que dez milhões estão distribuídos em 10 cidades com população superior a 200 mil habitantes e interligadas por aeroportos. Somente a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), mais importante pólo industrial e de serviços do Estado, concentra três dos cinco municípios mineiros de maior população (Belo Horizonte, Betim e Contagem), que representam em torno de 30% do total da população do Estado (IBGE, 2017).

Com 265.000 km de estradas, Minas Gerais é a principal interseção rodoviária e ferroviária do país, ligando-se facilmente aos principais portos brasileiros – Rio de Janeiro, Vitória e Santos. Esse vasto território é conformado por um grande e diverso patrimônio material e imaterial com inestimável potencial econômico nos mais variados setores da economia. Além da vocação para o turismo e a gastronomia mineira, Minas Gerais tem significativa relevância na arte e cultura brasileiras, como demonstram seus museus, centros e monumentos históricos como a Praça da Liberdade em Belo Horizonte.

### 3.1 Demanda regional

O design é descrito como um ativo para o desempenho empresarial e produtivo que contribui na conquista e manutenção de mercados, diferenciação de produtos e serviços, redução de custos e otimização da produção, preservação ambiental, entre muitos outros benefícios. É também elemento essencial de recriação e aperfeiçoamento constante da cultura material e imaterial do mundo moderno. A introdução de diferentes inovações no mercado, o aumento da produção ad hoc, a disseminação de comunidades colaborativas em torno de ideias, o incremento de projetos de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação - PD&I Com a disseminação de comunidades colaborativas em torno de ideias desenvolveu-se os setores criativos em todo o mundo. Atualmente, o design integra o setor de criações funcionais da área de Economia Criativa, que em 2011 já apresentava 2.717 empresas no núcleo criativo de design. Situado entre as dez mais numerosas profissões criativas do contexto brasileiro, o design emprega 12,7% de todo o núcleo criativo do país. O Estado de Minas Gerais ocupa o terceiro lugar em termos de empregos (103 mil profissionais), chegando a 207 mil empregados em toda a cadeia do design.

Frente a essa dinâmica de mudanças, as empresas estão revendo suas organizações, estruturas, atitudes e funcionamento para responder adequadamente a novas demandas e assegurar seus níveis de competitividade. Nesse contexto o design deixa de ser apenas um prestador de serviço à indústria para cumprir um papel estratégico fundamental na ativação e comunicação de seus

bens imateriais e intangíveis. Enquanto essas demandas ampliam as possibilidades de atendimento do profissional de design, também requerem profissionais com habilidades específicas para atuar em diferentes contextos e situações de projeto.

Ainda que o Estado de Minas Gerais se destaque pela diversidade, quantidade e qualidade de matéria-prima existente, são os recursos humanos que detêm as habilidades específicas para analisar e definir os possíveis usos desses recursos no atendimento às demandas da sociedade. Vislumbra-se nesse ambiente múltiplas possibilidades de inserção do design. Em diversos níveis de suas cadeias produtivas, os setores econômicos do Estado têm revelado uma demanda real ou potencial pelo design para ampliar as possibilidades de concorrer em um mercado cada vez mais exigente.

No setor de madeira e móveis o Estado detém 60% do mercado brasileiro de produtos de base florestal e conta com a maior área plantada de eucalipto do país, hoje bastante utilizado na construção civil e na indústria de móveis. Distribuído em várias regiões, o setor tem o terceiro parque moveleiro do país e, devido às vantagens vocacionais e competitivas, tem atraído indústrias de outros estados e países.

A agroindústria é um dos principais setores da economia mineira que, pelo seu constante crescimento anual, ocupa papel de relevância no agronegócio. Seu parque industrial é composto principalmente por micro e pequenos ambientes produtivos. A atividade que movimenta 30% do total brasileiro destaca o maior setor de laticínios do país e tem grande influência na interiorização do desenvolvimento econômico do Estado. O setor possui ainda o maior parque industrial processador de grãos, a principal produção de café do país e tende a figurar como grande supridor mundial de frutas.

Na cadeia da moda, desde o século XVII, Minas Gerais apresenta-se como um dos principais polos de desenvolvimento do setor no Brasil, definido como um importante campo de manufaturas têxteis, produção de pigmentos, corporações de tecelagens, bordados, alfaiataria e costura. O Estado manteve-se no século XIX e nos meados do Século XX como principal produtor de têxteis e produtos de vestuário no país. Esse desenvolvimento tem sido impulsionado pela valorização e amadurecimento de uma produção relacionada à reflexão de uma identidade local da moda mineira. O setor destaca, além de renomados profissionais, os trabalhos relacionados aos projetos sociais que contribuem para alicerçar uma rede dialógica entre os designers e algumas comunidades, desenvolvendo um modelo particular de economia solidária.

Minas Gerais é um dos principais produtores brasileiros de pedras e rochas ornamentais com uma produção que abrange 160 variedades constituídas de granitos, ardósias, quartzitos, mármore e pedras-sabão. Apesar de apresentar grande potencial de desenvolvimento, pela variedade, qualidade e grande aceitação no mercado internacional, 80% desse material não é beneficiado internamente saindo em estado bruto para outros estados e países.

No setor de gemas e joias, o Estado lidera a produção de ouro no país e é um dos maiores produtores de gemas do mundo. Estas, também, são exportadas na sua maioria em estado bruto. Apesar de atividade econômica importante, a extração, o processamento e a saída em bruto das gemas, bem como a alta informalidade do setor, contribuem para a lavra predatória, o desperdício de recursos e a degradação ambiental. Com grande concentração de atividades extrativistas nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, o setor tem seus índices de produção e qualidade comprometidos pela enorme defasagem tecnológica, falta de máquinas e equipamentos e baixa capacitação técnica.

Outros setores de igual importância como imobiliário, metalurgia/siderurgia, têxtil/confecções, artesanato, cerâmica e o setor terciário, que compõem a base econômica de Minas, necessitam ampliar suas possibilidades produtivas e competitivas para atuar em um desejável contexto de desenvolvimento. Novos conceitos devem ser assimilados para incorporar aspectos como inovação, confiabilidade, tecnologia, padrão estético, comunicação e adequação às características dos contextos sociais, econômicos, culturais e ambientais. A reorganização do complexo automotivo internacional, por exemplo, caracteriza novas relações entre o setor automotivo e de autopeças que destacam o co-design como atividade fundamental e intensiva no processo. Todos esses setores articulados ao setor de serviços possuem grande potencial de expansão e necessitam de profissionais com capacidade de atender suas demandas por inovação e agregação de valor aos seus produtos.

#### 4. JUSTIFICATIVA PARA REFORMULAÇÃO DO CURSO

A ciência da importância do design para a economia levou o Governo Federal à criação do Programa Brasileiro de Design - PBD. Lançado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC, por meio do Decreto de 09 de novembro de 1995, tinha como objetivo “[...] estabelecer um conjunto de ações indutoras de modernização industrial e tecnológica, através do design, contribuindo para o incremento do desenvolvimento econômico e social, da melhoria da qualidade e, conseqüentemente da competitividade dos produtos e bens aqui produzidos” (BRASIL, 1995).

Um aspecto significativo assinalado pelo Programa apontava a capacitação de recursos humanos como um ponto fraco do design em razão de sua baixa integração com o mundo real. Em 1999, um estudo sobre a capacitação em design, realizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, a Confederação Nacional da Indústria – CNI e o MDIC, identificou um sistema de capacitação diversificado, desordenado e sem complementaridade, marcado por assimetrias tecnológicas e culturais, apoiado no ensino do design a partir apenas da prática. Estudos posteriores, como o Diagnóstico sobre o Design no Brasil (CENTRO BRASIL DESIGN, 2014), destacam a necessidade de fortalecimento do conjunto de atividades que visam à aquisição de conhecimentos e capacidades da formação profissional do designer. Uma das questões centrais sublinhada por Bomfim (1999) é a dificuldade em conciliar conceitos teóricos oriundos de diferentes campos do saber, cada um deles com suas linguagens próprias. Como disciplina de caráter multidisciplinar, o design faz interface com outras áreas do conhecimento, das quais utiliza uma combinação de métodos de investigação e de projeto. Assim, uma Teoria do Design não teria um campo fixo de conhecimentos, seria uma zona móvel ou instável, que só ganha contornos mais nítidos diante de situações concretas e particulares.

A ação do design está relacionada às variáveis do seu meio e do seu tempo, visualizada como um sistema complexo de aspectos que concorrem simultaneamente para múltiplas combinações numa perspectiva sistêmica, cujas coordenadas cronológicas e cosmológicas determinam as soluções de problemas específicos para um determinado contexto (OWEN, 1993. O Quadro 1 ilustra as principais características desses contextos, representados pelas deficiências – contexto da Unidade Acadêmica – e os contextos de mudanças e oportunidades.

QUADRO 1: Principais características dos contextos

Contexto contemporâneo (mudanças)	Contexto regional (oportunidades)	Contexto da Praça da Liberdade (oportunidades)	Contexto da unidade (deficiências)
<ul style="list-style-type: none"> <li>:: Transformações socioculturais e econômicas</li> <li>:: Aceleração científico-tecnológica.</li> <li>:: Sociedade dinâmica e conectada</li> <li>:: Redesenho dos sistemas produtivos e de consumo</li> <li>:: Mudança nas dinâmicas organizacionais, mercadológicas e modelos de negócio</li> <li>:: Ênfase no setor de serviços</li> <li>:: Design como condutor da inovação e da construção de significados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>:: Terceira economia do país do estado mineiro</li> <li>:: Diversidade regional e de setores econômicos</li> <li>:: Interiorização do ensino da UEMG</li> <li>:: Demanda latente dos setores econômicos Belo Horizonte, mais importante pólo industrial e de serviços da economia mineira.</li> <li>:: Três dos cinco municípios mineiros de maior população estão concentrados na Região Metropolitana: Belo Horizonte, Contagem e Betim.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>:: Facilidade de implementação do conceito de Escola Aberta</li> <li>:: Democratização do design por meio de atividades abertas à comunidade</li> <li>:: Diálogo com os demais equipamentos do "Corredor Cultural"</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>:: Currículo fechado/grade curricular</li> <li>:: Abordagem atomística do mundo</li> <li>:: Descompasso entre as metodologias e as novas demandas de projetos</li> <li>:: Processo avaliativo com priorização dos resultados em lugar dos processos</li> <li>:: Frágil relação entre teoria e prática</li> <li>:: Dificuldade do aluno diante de situações novas e imprevisíveis</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

Portanto, esta proposta de reformulação do Curso de Design de Ambientes da ED/UEMG se justifica na necessidade de sua adequação ao contexto contemporâneo da atividade e ao contexto local, alinhada aos compromissos da Universidade do Estado de Minas Gerais para com a sociedade e as orientações curriculares para os seus cursos de graduação.

Em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de design (BRASIL, 2004a), a reconfiguração dos cursos apoia-se na liberdade que elas preconizam de cada curso construir seu currículo consoante com as próprias vocações e seu contexto de oferta.

## 5. OBJETIVOS DA REFORMULAÇÃO

O objetivo geral da presente proposta é adequar o Curso de Design de Ambientes da ED/UEMG ao contexto contemporâneo da atividade e às características do contexto local, alinhado às orientações da UEMG para os seus cursos de graduação e em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais, Brasil (2004a), para os cursos de design no país.

Para cumprir este objetivo geral, a reformulação proposta orienta-se pelos seguintes objetivos:

- :: Estabelecer diretrizes próprias orientadas pelas vocações da Escola de Design e da economia local, pela riqueza da cultura material e imaterial do Estado;
- :: Repensar as bases filosóficas que norteiam as práticas pedagógicas do design como atividade de capacitação técnica e competência cognitiva;
- :: Fortalecer o conjunto de atividades que visam à aquisição de conhecimentos, capacidades, atitudes e formas de comportamento necessários ao exercício das funções próprias da profissão de design;
- :: Responder adequadamente às tendências da realidade social e produtiva por meio de um processo permanente de retroalimentação entre eles;
- :: Flexibilizar o trânsito e comunicação do design entre suas vertentes, outros campos do conhecimento e a sociedade;
- :: Articular projetos, atividades e experiências entre cursos, professores, profissionais, alunos e a comunidade;
- :: Contemplar, simultaneamente, as tendências globais do design e as particularidades das demandas específicas locais;
- :: Estimular o pensamento autônomo do aluno no desenvolvimento de seu estilo de trabalho e no enfrentamento de situações novas e imprevisíveis implícitas ao processo de design.

## **6. O PROJETO DOS CURSOS**

### **6.1 A Escola Aberta**

No atendimento aos objetivos pretendidos, o desenvolvimento desta proposta integra-se ao conceito de Escola Aberta, conceito este defendido na justificativa junto ao governo para a transferência da Escola de Design para a Praça da Liberdade. Seu sentido está associado à inter-relação e sinergia da Escola com o mundo vivo, a fim de manter estimulada a capacidade de fluxo e retroalimentação entre eles. De estrutura aberta e dissipativa, de reordenação plástica, natural e contínua, a Escola Aberta orienta-se pelo sentido de avanço e transformação em torno dos aspectos que a motivam continuamente.

Na Escola Aberta, o saber é construído pelas relações intersubjetivas, pelas dúvidas e discordâncias que aglutinam diferentes ideias. Internamente, o conceito corresponde à inter-

relação, integração e cooperação em todos os sentidos, entre saberes, entre disciplinas, centros, atividades, dirigentes, professores, alunos e funcionários. No nível externo, a Escola amplia suas relações com a comunidade para desempenhar papel articulador, estimulando a convivência e celebrando diferenças pela socialização do saber com os diferentes níveis da sociedade.

Convergente com as orientações da UEMG de abarcar a diversidade do Estado nos seus muitos aspectos na configuração de seus cursos, o conceito de Escola Aberta também se afirma na característica multicampi da Universidade, cenário propício ao estabelecimento de diferentes níveis de conexões com o complexo social, produtivo e mercadológico mineiro.

## 6.2 Perfil dos Cursos

Em 2002, o Ministério da Educação e Cultura - MEC - iniciou um processo de reavaliação e revisão dos Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado, com o objetivo de unificar as nomenclaturas das graduações no Brasil privilegiando aquelas historicamente consolidadas. No caso específico do design, deixaram de existir as diversas especialidades da área para concentrar todos os cursos com a nomenclatura DESIGN. O estudo de ramos específicos do design deve obedecer ao estabelecido nas diretrizes curriculares gerais, determinadas para a área de design como um todo, sem definição de uma estrutura curricular específica para diferentes vertentes da área, cujas diretrizes gerais determinam um nível mínimo de qualidade para os cursos. Considera que o mercado de design abrange inúmeras nomenclaturas e atividades, como webdesign, design de interiores, design de ambientes, design gráfico, design industrial ou design de produto, design de embalagens, design editorial, design automobilístico, design de moda, etc, cada uma delas com práticas profissionais específicas e seguindo caminhos diferentes. Daí a liberdade das instituições estabelecerem o perfil de seus cursos conforme vocações do contexto de oferta do curso e/ou as já tradicionalmente consolidadas na Instituição.

No entanto, nenhuma instituição, por mais equipada em termos de pessoal, infraestrutura e recursos financeiros, conseguirá em quatro anos capacitar o aluno para cumprir todas as habilidades profissionais necessárias para desenvolver produtos e oferecer serviços completos em todas as vertentes do design. Cada vez mais a atividade encontra um cenário desenhado pela diversidade, complexidade e fluidez, com tensões entre global e local, universal e singular, tradição e inovação, industrial e artesanal, etc. No contexto turbulento desse início de século, Schwartz (2003) distingue que em pelo menos três certezas podemos acreditar: (1) sempre teremos surpresas; (2) conseguiremos lidar com elas; (3) muitas podem ser previstas. Assim, entre tensões, certezas e incertezas reafirma-se a necessária flexibilidade do currículo para

antecipar ou ativar as escolhas e vocações dos alunos, adequando-se às mudanças em curso nas características produtivas, associativas, culturais, demográficas etc. Nessa direção, a flexibilidade deve ser sustentada pela sensibilidade às diferenças e condições humanas em toda a sua abrangência. Compreende a percepção dos valores e das identidades, a reversão do sentido de individualidade para a integração, o foco na sustentabilidade social, cultural, econômica e ambiental, o compartilhamento de experiências e a cocriação, tanto interna, como externamente à Unidade.

Convergente com as orientações da UEMG de abarcar a diversidade do Estado nos seus muitos aspectos na configuração de seus cursos e, consoante com o conceito de Escola Aberta, esta proposta encontra, na característica *multicampi* da Universidade, o cenário propício ao estabelecimento de diferentes níveis de conexões com o complexo social, produtivo e mercadológico mineiro.

### 6.3 Os Cursos

O Projeto Pedagógico dos cursos poderá “admitir modalidades e linhas de formação específica, para melhor atender às necessidades do perfil profissiográfico que o mercado e a região assim exigirem” (BRASIL, 2004a, não paginado). A partir da orientação que “o estudo de ramos específicos do design deve obedecer ao estabelecido nas diretrizes curriculares gerais, determinadas para a área de design como um todo, sem definição de uma grade curricular específica para diferentes vertentes da área” (BRASIL, 2004a, não paginado), esta proposta apoia-se nas seguintes considerações: (1) a ampliação do leque de atuação do designer com uma variedade de temáticas projetuais são impossíveis de serem cobertas em um programa de quatro anos; (2) a multiplicidade de combinações possíveis entre diferentes vertentes do design e áreas do conhecimento permitem ao aluno trafegar por seus cruzamentos e tornar-se sujeito de sua formação; (3) os paradigmas conflitantes da formação geral do design constroem uma práxis diferenciada para cada contexto específico; (4) a Escola de Design tem tradição na oferta dos cursos de Design de Ambientes, Gráfico e Produto, porém com grande vocação para outros setores importantes no Estado. Assim, para atender ao estabelecido pelas Diretrizes Curriculares quanto ao atendimento às necessidades do perfil profissiográfico exigidos pelo mercado e a região e a não definição de uma “grade” específica para cada vertente, os cursos terão a mesma estrutura curricular. As especificidades de cada curso serão definidas pelos conteúdos das disciplinas obrigatórias, complementadas pela oferta de optativas que possibilitam diferentes terminalidades, segundo a opção, vocação e interesse do aluno. A flexibilidade de trânsito entre diferentes conteúdos visa, a partir da compreensão e leitura do contexto global da atividade,

contribuir para a identificação do contexto específico com o qual o aluno melhor se identifica e/ou tem maior domínio e no qual deseja atuar como profissional. Essa característica, que enfatiza a natureza multidisciplinar do design e possibilita a formação profissional em diferentes vertentes de atuação de cada curso e desenha o perfil diferenciado dos cursos de design ofertados pela ED, tanto no atendimento às diferentes vocações dos estudantes, quanto no atendimento às diversificadas demandas da sociedade e setores produtivos do Estado e do País.

### 6.3.1 Design de Ambientes

O design tem um escopo amplo de atuação que dialoga com as transformações da sociedade no que tange às questões sociais, políticas, culturais, econômicas, ambientais e tecnológicas. Essas questões se estabelecem mediante as relações humanas e interfaces do indivíduo com o meio em que vive e com as diferentes atividades que ele realiza. A concepção de processos e resultados em design deve se estabelecer mediante um compromisso ético que prioriza as relações de bem-estar e sustentabilidade ambiental (MANZINI; MARGOLIN, 2017). Trata-se de atividade que se ocupa em responder aos anseios da sociedade, objetivando compreender os cenários existentes a fim de identificar problemas e processar soluções de design para, de acordo com Simon (1970), propor a alteração de uma situação indesejada para a situação mais desejada possível.

O Design de Ambientes é um campo do saber que atua no planejamento e configuração de ambientes onde ocorram convivência ou atividades humanas, sejam eles internos ou externos. É um campo de especialização do design que se encarrega de criar e planejar, de maneira sistêmica, os diversos espaços para finalidades distintas. Suas ações partem da premissa de que os problemas relacionados aos ambientes têm solução a partir de uma visão ampliada do contexto no qual se inserem e das aspirações dos atores envolvidos. Por conseguinte, o processo de desenvolvimento de viabilizar soluções em design de ambientes perpassa aspectos tangíveis (funcionais e técnicos) e os intangíveis (comunicacionais, estéticos e simbólicos). Esses aspectos se estabelecem mediante um sistema de relações contextualizadas nas dimensões social, econômica, política, cultural, ambiental e tecnológica.

O bacharel em design de ambientes é capaz de desenvolver proposições que abarcam diferentes níveis de complexidade que relacionam o usuário e as interfaces com o ambiente. Tais proposições buscam favorecer a qualidade de vida, a saúde, a segurança, o bem-estar, a produtividade, a comunicação e a linguagem aplicadas ao ambiente. Como possibilidades de resultado desta atividade, obtém-se o desenvolvimento de soluções que perpassam as esferas projetuais e de gestão, orientadas ao planejamento e a reformulação de ambientes, serviços e

processos que englobam o pensamento estratégico e reflexivo do design. Desta forma, a expressão da solução para design de ambientes é elaborada conforme caracterização da demanda com configurações distintas, sejam elas, representações técnicas gráficas e/ou descritivas.

Ressalta-se a responsabilidade do bacharel em design de ambientes com o exercício ético de contribuição para o bem-estar e transformação social. Nesse sentido, suas possibilidades de atuação profissional, se orientam para a proposição de soluções nas esferas públicas e privadas que promovam melhorias na qualidade de vida do ser humano no processo de interação com o ambiente, demonstrando um sólido compromisso com a sociedade.

#### 6.4 Perfil dos Egressos

Para o perfil desejado do formando, o curso de graduação em Design deve possibilitar a

capacitação para a apropriação do pensamento reflexivo e da sensibilidade artística, para que o designer seja apto a produzir projetos que envolvam sistemas de informações visuais, estéticas, culturais e tecnológicas, observados o ajustamento histórico, os traços culturais e de desenvolvimento das comunidades bem como as características dos usuários e seu contexto sócio - econômico e cultural (BRASIL, 2004a, não paginado).

O graduado em design deve revelar pelo menos as seguintes competências e habilidades:

I – capacidade criativa para propor soluções inovadoras, utilizando o domínio de técnicas e de processos de criação;

II – capacidade para o domínio de linguagem própria expressando conceitos e soluções em seus projetos, de acordo com as diversas técnicas de expressão e reprodução visual;

III – capacidade de interagir com especialistas de outras áreas de modo a utilizar conhecimentos diversos e atuar em equipes interdisciplinares na elaboração e execução de pesquisas e projetos;

IV – visão sistêmica de projeto, manifestando capacidade de conceituá-lo a partir da combinação adequada de diversos componentes materiais e imateriais, processos de fabricação, aspectos econômicos, psicológicos e sociológicos do produto;

V – domínio das diferentes etapas do desenvolvimento de um projeto, a saber: definição de objetivos, técnicas de coleta e de tratamento de dados, geração e avaliação de alternativas, configuração de solução e comunicação de resultados;

VI – conhecimento do setor produtivo de sua especialização, revelando sólida visão setorial, relacionada ao mercado, materiais, processos produtivos e tecnologias, abrangendo mobiliário, confecção, calçados, jóias, cerâmicas, embalagens, artefatos de qualquer natureza, traços culturais da sociedade, softwares e outras manifestações regionais;

VII – domínio de gerência de produção, incluindo qualidade, produtividade, arranjo físico de fábrica, estoques, custos e investimentos, além da administração de recursos humanos para a produção;

VIII – visão histórica e prospectiva, centrada nos aspectos sócio-econômicos e culturais, revelando consciência das implicações econômicas, sociais, antropológicas, ambientais, estéticas e éticas de sua atividade (BRASIL, 2004a, não paginado).

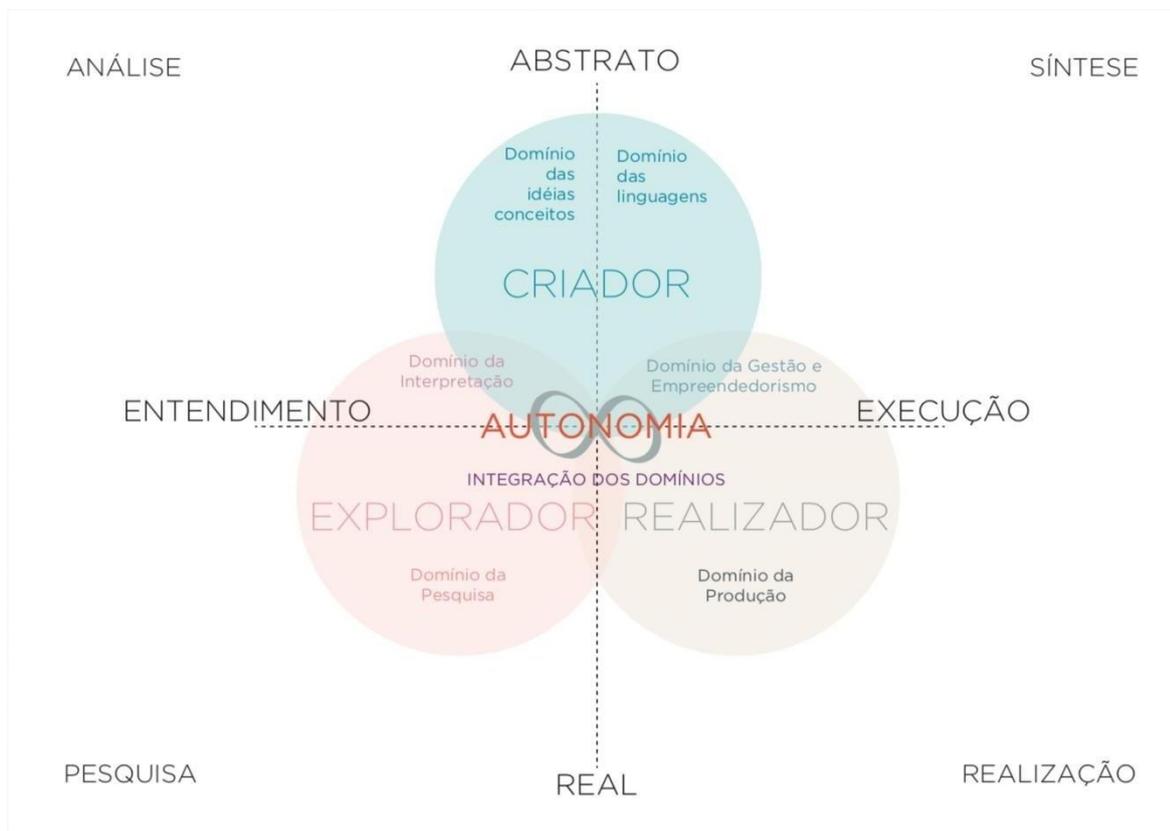
Vale observar que em razão das já citadas transformações socioculturais e econômicas, e também da aceleração científico-tecnológica, o perfil profissional do designer vem progredindo em direção a uma perspectiva sistêmica, com múltiplas possibilidades de diversificação e especialização, que ativam o estudo e a prática metadisciplinar, os resultados responsáveis, a partilha de experiências, os métodos de cocriação e design para todos. Dessa forma, e fundamentando-se no PDI - UEMG 2015-2024 (UEMG, 2014), o perfil profissional dos designers ganha amplitude, para atuar em um ambiente tipicamente complexo, composto de muitas variáveis, diferentes categorias móveis, normas e interrelações. Pressupõe o desenvolvimento conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que integram a competência para assumir comportamento autônomo e promover ações adaptativas frente a novas e inesperadas situações.

Nesse contexto complexo, a percepção é uma qualidade a se trabalhar, pois, de acordo com Mussak (2010), é por meio dela que se cria a compreensão para construir conhecimento e a competência que habilitam para o desempenho de determinada atividade. A competência envolve operações mentais, capacidades para usar as habilidades e o emprego de atitudes adequadas ao desenvolvimento e aplicação de conhecimentos na realização de tarefas em diferentes domínios que se integram.

No design, esses domínios que se integram são constituídos por planos que correspondem aos fatores tangíveis e intangíveis do contexto social e produtivo. O diagrama da FIGURA 1 visa apenas representar esses planos, esclarecendo que na abordagem projetual seus conteúdos não são acessados nem trabalhados linearmente. Eles podem ser abordados concomitantemente, em paralelo, superpostos, ordenados, conforme cada projeto. Os planos inferiores correspondem aos fatores tangíveis do contexto social e produtivo, contendo informações e dados do passado, do presente e prospectivos do contexto do problema abordado. Os planos superiores compreendem o nível mais abstrato do processo, constituído pelas operações mentais, conceituais e as linguagens que permeiam todo o processo de concepção e conformação do produto.

Sobre esses planos estão situados os domínios da formação do design, necessários ao entendimento, compreensão e análise do contexto do problema e à realização do processo, que se traduz no produto final (produto como resultante do processo em qualquer vertente do design).

FIGURA 1 – Domínios do Design



FONTE: Elaborado pelos autores, 2017.

A capacidade de integrar os domínios da pesquisa, da interpretação, das ideias, criação e conceitos, das representações e linguagens, da gestão e empreendedorismo e o domínio da produção conforma o perfil desejado para o egresso, em que a autonomia deve ser um fator sobressalente na sua formação. Assim, a capacidade soma o conhecimento, as competências e habilidades, caracterizada por três níveis que se complementam: Explorador, Criador e Realizador. Conforme o interesse do aluno durante o curso, ele pode também ativar um dos níveis com o qual seu perfil melhor se identifica.

O EXPLORADOR (domínio da pesquisa e interpretação – conhecer/analisar/interpretar):

- :: Capacidade de analisar e sistematizar tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise de documentação;
- :: Capacidade de abordar de forma sistêmica a complexidade dos contextos sociais, culturais, cognitivos, tecnológicos e econômicos relacionando-os ao processo do design;
- :: Capacidade de articular sistemática, metodológica e criativamente os elementos da cultura material e imaterial na proposição de soluções;
- :: Capacidade de praticar estudos independentes, visando uma progressiva autonomia intelectual;

:: Capacidade de explorar fatos com domínio para construir cenários e prognósticos e propor inovações.

O CRIADOR (domínio das ideias, conceitos e linguagens – sintetizar/criar/fazer)

:: Capacidade de inter-relacionar aspectos econômicos, sociais, tecnológicos, culturais e expressivos específicos na configuração de soluções e comunicação de resultados.

:: Capacidade de exercitar o potencial inovador e criativo na atividade de projeto, reconhecendo e considerando os aspectos objetivos e subjetivos envolvidos no processo de design.

:: Capacidade de adequar e aplicar os saberes e atividades extracurriculares ao processo projetual.

:: Capacidade de reconhecer e aplicar linguagens próprias científicas, técnicas e artísticas na expressão, representação e comunicação do produto.

:: Capacidade de definir conceitos, conceber e representar o produto nos suportes e meios adequados, empregando linguagens distintas instrumental, técnica e expressiva.

O REALIZADOR (domínio da realização - realizar/conviver/ser)

:: Capacidade de coordenar projetos de forma sistêmica e ao mesmo tempo com visão setorial para adequá-lo às necessidades e aos contextos específicos.

:: Capacidade de identificar e adequar soluções a situações novas e emergentes dos meios sociais e produtivos.

:: Capacidade de empreender de forma expandida para agir com autonomia, autoconfiança e resiliência frente aos desafios do meio social e profissional.

:: Capacidade de dialogar e interagir com especialistas de outras áreas e atuar em equipes multidisciplinares, estabelecendo o trânsito interdisciplinar.

:: Capacidade de atuar com responsabilidade e ética, consciente de sua função social na transformação e desenvolvimento equilibrado da sociedade e seu meio;

:: Capacidade de promover a sustentabilidade social, cultural, econômica, produtiva e ambiental por meio de sua atividade.

## 6.5 Perfil do Corpo Docente

Considerando a entrada de novos docentes para o curso, deve-se observar as condições e orientações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (BRASIL, 2017a) para a composição do quadro docente conforme o perfil requerido para o curso,<sup>4</sup> a saber:

- :: 1/3 do corpo docente com pós-graduação *stricto sensu*;
- :: Professores com formação específica em Design ou com titulação na área;
- :: Experiência profissional como designer e/ou experiência de magistério;

Em linhas gerais, o docente do curso deve apresentar as seguintes características e condições:

- :: Domínio da linguagem própria ao conteúdo específico ministrado;
- :: Domínio do conteúdo específico em interface com o design;
- :: Disponibilidade para o trânsito interdisciplinar com outras áreas de modo a garantir a abordagem sistêmica dos conteúdos prevista no projeto pedagógico;
- :: Conhecimento sobre o processo de design e sobre as etapas de desenvolvimento de um projeto de modo a poder orientar a prática pedagógica dos conteúdos de forma integrada.

A definição do quadro docente das disciplinas não deverá se limitar ao critério exclusivamente acadêmico de titulação. O ensino do design não pode prescindir do professor profissional uma vez

---

<sup>4</sup> Ver Brasil, (2017b) "Indicador de avaliação - Experiência profissional do docente

O corpo docente possui experiência profissional no mundo do trabalho, que permite apresentar exemplos contextualizados com relação a problemas práticos, de aplicação da teoria ministrada em diferentes unidades curriculares em relação ao fazer profissional, atualizar-se com relação à interação conteúdo e prática, promover compreensão da aplicação da interdisciplinaridade no contexto laboral e analisar as competências previstas no PPC considerando o conteúdo abordado e a profissão" (BRASIL, 2017b, p. 24). Ver Minas Gerais (2013).

que a dinâmica da profissão exige contato direto e frequente com as demandas da sociedade, e as inovações tecnológicas da área.

## 6.6 Princípios metodológicos de avaliação - Avaliação do curso

O SINAES, instituído pela Lei nº 10.861, é a materialização da reivindicação dos educadores expressa no Plano Nacional de Educação, apresentados como recursos indutores de melhorias na qualidade de ensino (BRASIL, 2004b). O acompanhamento e a avaliação das atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão institucional na Escola de Design deve ter como principal objetivo aferir o processo educativo e verificar se a aplicação de seu projeto político-pedagógico está em sintonia com a perspectiva político-social do contexto da Instituição. Esta avaliação é fundamental ao aprimoramento dos cursos, ao aperfeiçoamento de suas práticas acadêmicas e de seu corpo docente. Em função dos resultados obtidos, os Colegiados de Curso e os Núcleos Docentes Estruturantes - NDE's - têm o estofo necessário para estabelecer os procedimentos e atos de regulação, adaptação e redirecionamentos que vão fortalecer os pontos fortes e corrigir os aspectos críticos dos cursos.

As modalidades dessa avaliação devem ser provocadas a partir desses aspectos que estimulem estratégias concentradas de participação de toda a comunidade acadêmica, calcadas no modelo emancipatório que remete à natureza da atividade educacional e da própria instituição. Entende que a educação tem múltiplas dimensões e finalidades sociais, não se limitando a suprir demandas do mercado. Norteada por esses princípios, a Escola de Design segue a política avaliativa da UEMG e adota instrumentos próprios de avaliação dos cursos, aplicados conforme necessidades, focos e aprofundamentos exigidos pela própria dinâmica do processo educativo do design. Os principais indicadores que fazem parte dessa avaliação incluem a atuação dos NDE's, do Colegiado de Curso e do Núcleo Integrador de Práticas Pedagógicas - NIPP, dos Departamentos, Centros, bem como o desempenho discente e docente.

## 7. CONCEITO CURRICULAR

### 7.1 Currículo em “Constelações” Rizomáticas

O entendimento do design como um processo heurístico e dinâmico, que apresenta muitas formas de interface para atender diferentes demandas da sociedade, encontrou no rizoma a metáfora para esta proposta curricular. Desse conceito derivam os vários princípios, que dão sustentação a

uma concepção curricular de constelações rizomáticas, diferente do paradigma arbóreo e vertical predominante nos currículos tradicionais dos cursos de design.

A botânica ilustra a figura do rizoma, representada pelo caule que une sucessivos brotos, que podem ramificar-se em qualquer ponto e originar um novo broto. Por essa característica, um rizoma (1) permite sua reprodução; (2) ocupa um território mais amplo e mais heterogêneo; (3) forma uma rede resistente por se nutrir de diferentes raízes; (4) nutre os novos brotos até que eles formem suas próprias raízes. Pensar o currículo numa perspectiva rizomática, é pensar para além de um arranjo de disciplinas, um lugar novo em permanente construção com múltiplas aberturas que promovam a heterogeneidade, privilegie a pluralidade e a conexão entre diversos saberes.

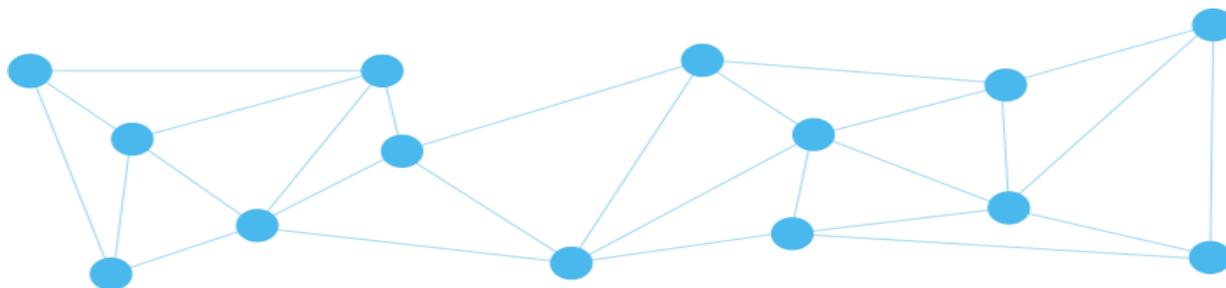
De acordo com Gallo (2007), o currículo rizomático rompe com o modelo arborescente do currículo para introduzir um pensamento que se difere da concepção mecânica do conhecimento e da realidade, reproduzindo a fragmentação cartesiana do saber. Para ilustrar, Gallo (2007, p.301) cita como exemplo a “ecologia que faz intersecção com diversos campos como a Biologia, a Geografia, a Ciência Política, a Sociologia e mesmo a Filosofia”. Levando em consideração as diferentes variáveis e áreas envolvidas no processo de design, o currículo rizomático se apresenta como um processo aberto que possibilita os fluxos e as interconexões entre elas, contribuindo para a proliferação de ideias e pensamentos.

Segundo Deleuze, & Gattari (2007) um rizoma não começa, nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, conceito que se apresenta por princípios, dentre os quais destacamos : a **conexão**, princípio segundo o qual qualquer ponto do rizoma se conecta a outro ponto. As ligações acontecem entre tudo, todos e em todos os sentidos; a **heterogeneidade**, princípio que rege as relações heterogêneas, uma vez que toda conexão é possível; a **multiplicidade**, é o princípio que não reduz o rizoma a uma unidade, ele é sempre múltiplo, cresce e transborda, muda de natureza e se metamorfoseia; a **cartografia**, princípio que faz do rizoma um mapa a ser construído, desmontável, reversível, com múltiplas entradas e saídas; Nessa perspectiva, “a interdisciplinaridade é a consciência da necessidade de um interrelacionamento explícito e direto entre todas as disciplinas” de acordo com Gallo (2000).

Ao romper com o paradigma arbóreo na educação, o currículo rizomático pede uma nova forma de trânsito possível entre saberes, que pode ser encontrado na transversalidade, propõe Gallo (2000). Uma matriz de mobilidade, cujo fluxo pode se orientar em diferentes direções , conforme ilustra a representação gráfica da FIGURA 2. O design, por não ter um campo fixo de

conhecimento, é marcado pela interseção de vários saberes, o que abre múltiplas possibilidades de abordagens e livre trânsito entre eles. Essa forma de trânsito transversal e articulação entre os saberes implica em uma abordagem curricular cartográfica para o design, que também se relaciona com a ideia de rede, entendida como o conjunto de unidades interrelacionadas, interdependentes e integradas (CASTELLS, 1999).

FIGURA 2: Matriz Rizomática



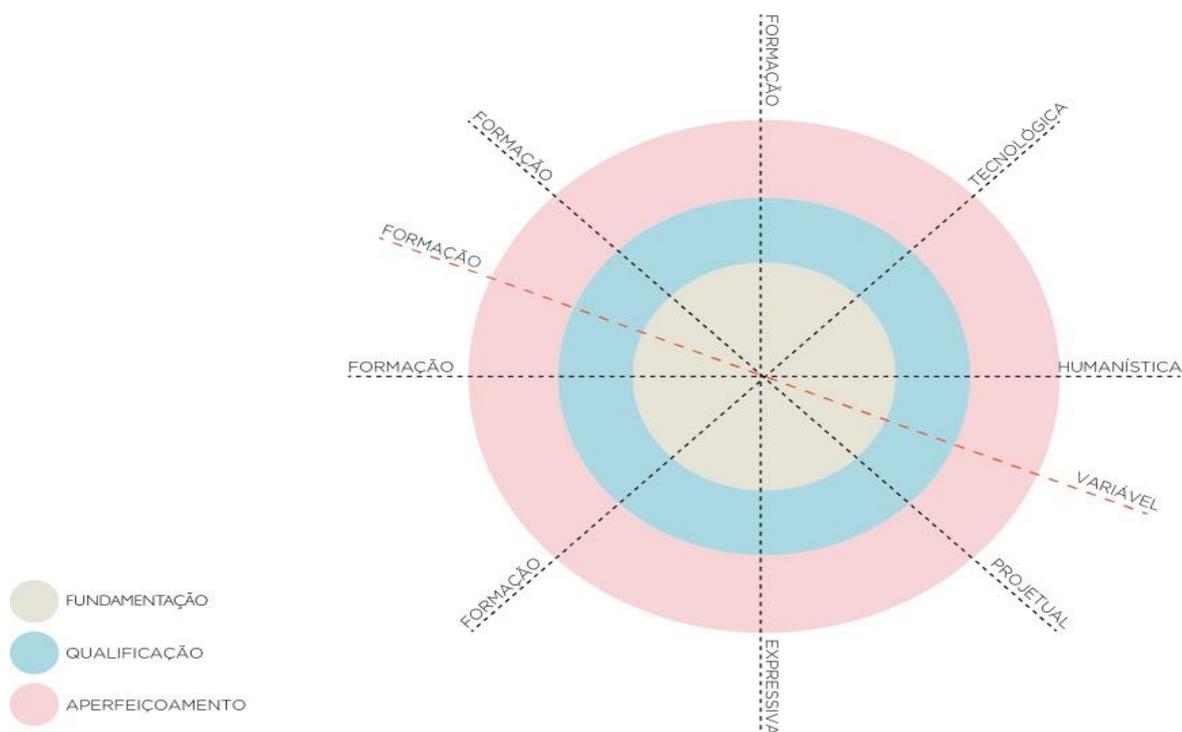
FONTE: Elaborado pelos autores, 2017.

## 7.2 Níveis e Eixos de Formação

Considerando as múltiplas possibilidades de combinações e interfaces entre os conteúdos de uma matriz ou rede rizomática, o livre trânsito do aluno entre eles contribui para a construção de um repertório amplo, mas também orienta suas escolhas na direção de sua vocação. Desta forma, independente da vertente do design escolhida, ao longo do curso o aluno pode investigar e implementar elementos no desenvolvimento de projetos, identificar as ferramentas mais adequadas para suas atividades, enriquecendo ou construindo o perfil profissional com o qual ele melhor se identifica.

No entanto, entende-se que no contexto complexo de formação sistêmica do designer, com tantas variáveis e possibilidades, faz-se necessário que os conteúdos, constituídos por estudos metadisciplinares (profundidade) e a formação densa em disciplinas específicas (ênfases), sejam agrupados em níveis e eixos formativos, que facilitem a construção de sua própria rede de conteúdos. Os níveis concorrem para o aprofundamento progressivo da formação, enquanto os eixos agrupam os conteúdos da formação multidisciplinar do design, como ilustra a FIGURA 3.

FIGURA 3: Níveis e eixos de formação



FONTE: Elaborado pelos autores, 2017.

### NÍVEL COMUM – 02 semestres

Este nível à fase preparatória é comum aos cursos de graduação em design, com o objetivo de homologar os conhecimentos básicos da disciplina, conforme as orientações das diretrizes curriculares. Neste projeto, compreende o conjunto de estudos dedicados à compreensão do design como um processo sistêmico, que integra os fundamentos intelectuais e materiais comuns ao seu domínio como a gramática da disciplina, seus princípios e terminologias, métodos e sistemas e os fatores humanos do seu contexto de uso e aplicação. Assim, é recomendável que o aluno faça o percurso deste nível seguindo a ordem sequencial das disciplinas. Neste nível, os conteúdos têm sua ênfase na observação do mundo real (contexto social da atividade), pela exploração da observação, interpretação, classificação e representação. Os conteúdos desse nível devem ser entendidos como indicação de áreas do conhecimento a serem desenvolvidas e não como matérias e/ou disciplinas predeterminadas (BOMFIM, 1999). Eles ganham profundidade quando complementados pelas especificidades inerentes a cada curso no nível da Qualificação.

### NÍVEL DA QUALIFICAÇÃO – 04 semestres

A qualificação atende à oferta de conteúdos específicos aos cursos de graduação em design preconizados nas diretrizes curriculares para a formação em design, bem como estudos

complementares que ampliem as possibilidades de atender níveis de vocação e interesses particulares do aluno. Visa, assim, o desenvolvimento das atitudes autônomas do aluno em direção à complementação de suas escolhas. Neste nível o corpo de conteúdos concorre para a formulação de conceitos e estratégias originais na proposição de soluções para problemas de design de diversas tipologias e complexidades. Integra as habilidades intelectuais e destrezas relativas ao pensamento lógico (observação, classificação, análise + abstração e generalização) e do pensamento intuitivo (elaboração, fluidez e originalidade).

#### NÍVEL DE APERFEIÇOAMENTO – 02 semestres

Este nível é dedicado ao aprofundamento das habilidades e competências do aluno desenvolvidas na qualificação, as quais serão aplicadas a atividades específicas, compatíveis com o perfil desejado do egresso, detalhado no item 6.4 – Perfil dos egressos, deste documento, e construído pelo próprio formando. Neste nível pretende-se que as atitudes autônomas e empreendedoras dos estudantes orientem a convergência dos conteúdos estudados na proposição do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

#### EIXOS DE FORMAÇÃO

Os eixos de formação constituem o agrupamento de conteúdos variáveis em torno de aspectos inerentes à atividade do design.

#### EIXO DE FORMAÇÃO SÓCIO-HUMANÍSTICA

Grupo de conteúdos destinados ao estudo e compreensão dos diferentes aspectos do contexto sociocultural do design e dos impactos de sua ação sobre as relações das pessoas entre si, com os artefatos e com o meio ambiente. Inclui ciências que tratam do ser humano em um tempo e espaço, o que determinam resultados específicos e únicos, analisados pelas condições ou especificações de determinada situação. Seus estudos contemplam aspectos de ciências como a sociologia, a antropologia, a história, a linguística, a educação, a arqueologia, a política, a pedagogia, a comunicação, a semiologia, a psicologia, que auxiliam na compreensão dos elementos únicos de cada comunidade, sociedade e etnia.

#### EIXO DE FORMAÇÃO EXPRESSIVA

Na Formação Expressiva as linguagens representam os meios e mecanismos sistemáticos de expressão utilizados na estruturação e integração dos componentes do processo de design constituídos de sistemas de símbolos ou sinais instituídos no planejamento e configuração do projeto, como signos sonoros, gráficos, gestuais, etc., da linguagem verbal e não verbal. Compreende o grupo de conteúdos voltados ao conhecimento e aplicação dessas linguagens,

considerando o grupo objetivado em um contexto determinado. Abrange o significado de expressar em três dimensões: (1) exprimir (externar, exprimir, refletir, depor, informar, revelar); (2) representar (explorar, evidenciar, sinalizar, salientar, demonstrar, destacar, mostrar, especificar); (3) significar (figurar, traduzir, espelhar, retratar, remeter, sugerir, emblemar, designar, denotar).

#### EIXO DE FORMAÇÃO TECNOLÓGICA

Integra o estudo dos procedimentos e instrumentos utilizados nos sistemas e técnicas operativas que otimizam e medeiam as atividades de design, tanto do projeto, como dos processos produtivos e organizacionais. Compreende a relação intrínseca entre design, inovação e tecnologia, na qual a aplicabilidade de ferramentas, serviços e métodos tecnológicos se encaixam e como podem viabilizar a concepção e o desenvolvimento de projetos. São objetos intermediários de comunicação que interagem profissionais e clientes, agilizam processos e trabalhos cooperativos, metodologias modulares e métodos de trabalho a distância.

#### EIXO DE FORMAÇÃO PROJETUAL

Na Formação Projetual dá-se a integração cognitiva dos conteúdos dos demais eixos que conformam a atividade do design. Começa pela compreensão do processo projetual, cujo nível de complexidade evolui para uma abordagem sistêmica. Desde a introdução de informações específicas da disciplina, a pesquisa e análise de determinantes, até a concepção e desenvolvimento do projeto, compreende a resolução de problemas inseridos em sistemas sociais, tecnológicos e econômicos. A formação projetual se complementa na gestão dessa complexidade, integrando os diferentes métodos, processos, ferramentas, tecnologias, função social etc.

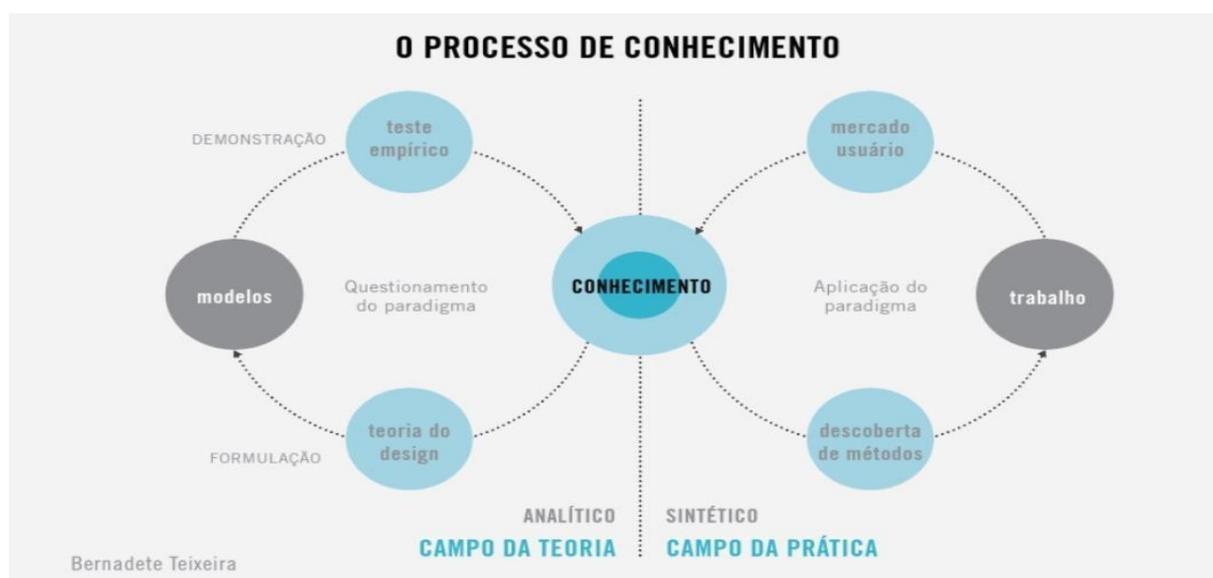
#### EIXO DE FORMAÇÃO VARIÁVEL

A formação variável contempla as nuances e interfaces do design com outras áreas do conhecimento. A flexibilidade para os agrupamentos de conteúdos visam favorecer a construção de percursos formativos adequados e alinhados a diferentes vocações dos alunos dentro da ampla gama de possibilidades que o curso oferece. A Formação Variável acompanha a trajetória acadêmica do aluno e lhe permite explorar e/ou aprofundar conhecimentos de seu interesse, por meio das disciplinas eletivas, atividades complementares, estágios, monitoria, pesquisa e atividades extensionistas.

### 7.3 Integração Teoria e Prática

A integração teoria e prática é intrínseca ao processo de design. Nos cursos de design da ED/UEMG essa relação se fundamenta na interdependência entre os dois campos pertinente ao processo de construção do conhecimento em design. Nesse processo a prática alimenta a teoria e esta a crítica e fundamenta em um permanente processo de retroalimentação, onde a pesquisa e a extensão cumprem um papel integrador, seja questionando, ou aplicando um paradigma.

FIGURA 4: Processo retroalimentação entre teoria e prática na construção do conhecimento em design



FONTE: Bernadete Teixeira, 2017.

Para consolidar essa relação intrínseca, os conteúdos podem se agrupar de forma diferente em torno de problemas comuns que passam pelos níveis de compreensão, análise e crítica, domínio e aplicação. Ou seja, os conteúdos curriculares fazem sentido na sua relação com a atividade do design. Na consolidação dessa prática pedagógica, a Escola de Design tem centrado esforços na aproximação dialógica entre os conhecimentos produzidos e sua aplicação a problemas reais, particularmente por meio dos seus Centros e Laboratórios. Essas unidades de interface já consolidaram experiências pioneiras em setores de vocação de regiões do Estado. Nas ações integradas com os setores sociais e produtivos, as atividades de pesquisa, ensino e extensão articulam-se na transferência de conhecimento e tecnologia, testando e aplicando métodos e metodologias adequadas a cada situação em particular.

#### 7.4 Integração do Ensino, Pesquisa e Extensão

Segundo orientações universais para o ensino superior, as atividades acadêmicas devem desenvolver integralmente o aluno e prepará-lo para atuar ativamente na sociedade, num processo em que ele possa conectar e anexar à sua área de estudos outros campos do conhecimento, o que se dá pela integração do ensino, da pesquisa e da extensão. O artigo 207 da Constituição Brasileira, ao contemplar essa integração, convoca as universidades a gerarem atividades de modo integrativo que “[...] obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988).

Como já colocado, o campo epistemológico do design relaciona conhecimentos oriundos de diferentes campos do saber. No ensino essa natureza complexa implica numa formação sistêmica, ampliada e integrada, que depende essencialmente da articulação entre os três pilares da educação. Nesse sentido, a relação do ensino com o universo externo é vital e determinante na formação do designer, relação que se estabelece por meio das atividades de extensão, principal meio de interação da Instituição com a sociedade. É por meio dessas atividades que a Escola de Design exerce a sua responsabilidade social, ao abrir suas portas à sociedade e proporcionar ao seu corpo discente e docente oportunidades de participação em atividades além de suas atribuições regulares.

Na pesquisa, a busca e construção de novos conhecimentos dão suporte às mudanças e crescimentos de disciplinas e potencializam a aplicação dos resultados nas atividades extensionistas dos centros. Dessa forma, ensino, pesquisa e extensão têm na realidade contextual o objeto de estudo e o ser ativo das suas ações, princípio que se concretiza na realização de projetos colaborativos entre as diferentes áreas e saberes profissionais e por meio de suas unidades de interface. Os centros e os laboratórios de estudo, pesquisa e experimentação, são espaços de convivência e desenvolvimento científico-tecnológico que consolidam a integração teoria e prática, ensino, pesquisa e extensão nos níveis da graduação e pós-graduação, confirmadas pela diversidade de ações e atividades que eles promovem.

## 7.5 Métodos e Estratégias Pedagógicas

O aprimoramento de diversos níveis e modelos de formação em design tem buscado estratégias educacionais que se adequem a diferentes contextos de aplicação da atividade. Uma questão central dessa formação é o fortalecimento do conjunto de atividades que visam à aquisição de conhecimentos, capacidades, atitudes e formas de comportamento exigidos para o exercício das funções próprias da atividade.

Relacionado à resolução de problemas sociais no seu sentido mais amplo, a prática do design integra simultaneamente mais de uma área do conhecimento em uma teia de relações entre diferentes e até contraditórios aspectos. Os conhecimentos de outros campos do saber muitas vezes se apresentam fracionados em disciplinas descontextualizadas do processo do design. O maior impacto desse fracionamento dá-se na prática projetual, quando o aluno não consegue estabelecer as suas ligações com a atividade prática-(BOMFIM, 1999).

De acordo com Bomfim (1999), os diferentes aspectos envolvidos no problema de design deverão ser entendidos a partir da organização do todo, numa perspectiva sistêmica em que cada aspecto é contextual e só pode ser compreendido dentro daquela situação real. O ensino do design não pode, portanto, considerar a realidade estável, nem distanciada de si, seja na construção do conhecimento ou nas técnicas operativas da atividade. Assim, os conteúdos deverão ser tratados de forma trans e interdisciplinar, de acordo com o contorno que o design assume em cada situação de projeto. Nessa perspectiva, os conteúdos devem ser organizados e flexíveis o suficiente para incorporar e combinar diferentes áreas do conhecimento e, de acordo com as demandas, redirecionar e redimensionar seus objetivos e tarefas (BOMFIM, 1999).

É com base nesse pressuposto, que esta proposta buscou a flexibilização curricular nos princípios rizomáticos, os quais se alinham a uma tradição de ensaios e experimentações da Escola de Design. Uma pedagogia empiricamente construída desde os anos 1970, quando um grupo significativo de professores trouxe para a sua prática pedagógica o “terceiro espaço”, tratado no sentido de expandir o conceito de sala de aula, a fim de promover uma articulação ativa entre conhecimentos, professores e alunos (JESUS, 2012). Essa característica de grande laboratório, que deu origem aos centros de estudos da Escola, comprova-se no seu portfólio de projetos e produtos criativos e premiados.

Hoje, no campo educacional, o terceiro espaço ou “espaços híbridos” são uma mistura metodológica ( *blended learning*), que repensa a configuração da sala de aula e o papel do professor para favorecer maior interação, colaboração e envolvimento do aluno com as tecnologias digitais.

O que se propõe com este projeto é estender essa prática aos demais níveis, constituídos pelos espaços do ensino, pesquisa e extensão da Escola, onde os vínculos entre saberes teóricos e saberes de experiência possam ser ativados. Seja em salas de aula, oficinas, laboratórios, estúdios, ou por meio de projetos e atividades integradas à comunidade externa. Visa, assim, além de romper com a dicotomia teoria e prática, integrar o perfil diferenciador do outro na transformação do coletivo.

### 7.6 Princípios metodológicos de avaliação - Avaliação do Desempenho Discente

A avaliação de desempenho discente é o mecanismo utilizado pelos cursos para aferir o processo de aprendizagem na construção e consolidação do conhecimento envolvido na atividade avaliada e deve oferecer aos alunos os fundamentos para a reflexão sobre o processo e o resultado. O professor não só elabora e acompanha todo o processo, como oferece indicações adicionais, estimula a reflexão e observação, mas também, detecta dificuldades, buscando alternativas para os ajustes e no ensino-aprendizagem. Desse modo, avaliar implica no acompanhamento contínuo e contextualizado das experiências de aprendizagem apresentadas e, principalmente, o estabelecimento de estratégias educativas que sejam capazes de possibilitar a recuperação do aluno durante as etapas do processo, respeitando a sua individualidade e minimizando as desigualdades da sua formação. Portanto, a avaliação deverá ser um procedimento integrado ao desenvolvimento do processo e não apenas do seu resultado final. em diferentes momentos e diferentes circunstâncias. O sistema adotado deve esclarecer e orientar o aluno quanto aos critérios utilizados em diferentes momentos e circunstâncias, considerando os vários aspectos e fatores envolvidos na atividade avaliada e sua relação com a solução proposta. A avaliação formativa se dará no desenvolver do processo ensino-aprendizagem, quando os sujeitos também serão reguladores da ação educativa, viabilizando o redirecionamento das atividades educativas planejadas, no sentido de adquirir as competências estabelecidas. A avaliação, que tem como objetivo conferir notas, adota como referência as normas institucionais, mas com autonomia do professor de adequar sua avaliação aos conteúdos ministrados, considerando os aspectos metodológicos, expressivos, humanos, técnicos/tecnológicos, sinteticamente representados no QUADRO 2, incluindo no seu método a auto-avaliação discente.

QUADRO 2: Aspectos Avaliativos

METODOLÓGICOS	EXPRESSIVOS	HUMANOS	TÉCNICOS/ TECNOLÓGICOS	SÍNTESE
:: Compreensão dos objetivos  :: Análise e definição dos problemas  :: Pesquisa  :: Manejo das informações  :: Planejamento do processo	:: Aplicação adequada de linguagens aos aspectos comunicacionais do design	:: Necessidade atendida (funcionais, sociais, culturais, econômicas, ambientais, etc)	:: Recursos técnicos, materiais e tecnológicos dos processos de produção em design	:: Coerência entre todos os fatores  :: Manejo do suporte teórico com a metodologia, os instrumentos e ferramentas técnicas na construção da linguagem do design.

O aluno será aprovado caso obtenha como resultado final na disciplina um rendimento escolar igual ou superior ao conceito D, conforme art 42 do Regimento Geral da UEMG. O estudante que obtiver conceito “E” e frequência suficiente na disciplina, nos termos do art. 41, poderá se submeter a exame especial nos termos definidos no referido Regimento, exceto nas disciplinas práticas projetuais. Todas as orientações sobre notas estão vinculadas à exigência de frequência mínima igual a 75 % em cada disciplina.

### 7.7 Metodologia de ensino

A Instituição disponibiliza ao corpo docente recursos materiais, equipamentos e laboratórios indispensáveis à metodologia a ser usada na sua disciplina.

A metodologia para tanto pode constar de aulas expositivas, aulas integradas e externas, seminários, visitas técnicas, estudos de casos, trabalhos em grupo, apresentação de filmes, laboratórios, oficinas, etc, e também contar com a participação de convidados da comunidade acadêmica, empresarial ou de outra área.

### 7.8 Seleção de conteúdos e formas de realização da interdisciplinaridade

A definição dos conteúdos de cada disciplina ou atividade, deve considerar as mudanças e perspectivas do mercado de trabalho e do ambiente sociocultural em que o curso está inserido. É

essencial que o professor que atua no curso se identifique com os valores que norteiam a filosofia do design, estabelecendo os nexos entre eles de forma metadisciplinar. A Integração entre os programas deve promover a interdisciplinaridade e as formas de suprimento das deficiências constatadas. Os programas das disciplinas devem ser elaborados de forma integrada pelos professores da disciplina e submetidos ao Colegiado do Curso para sua avaliação e aprovação.

A interdisciplinaridade é inerente à dinâmica e flexibilização propostas pelo projeto pedagógico do curso, uma vez que a abordagem dos conteúdos é sistêmica e integra os conteúdos teóricos e de interface aos conteúdos de prática. Os conteúdos das variáveis, previstos nas eletivas, optativas, atividades complementares e estágios, aliados às atividades de pesquisa e extensão, possibilitam diferentes terminalidades, conforme diferentes vocações do alunado.

A interdisciplinaridade é inerente à dinâmica e flexibilização propostas pelo projeto pedagógico do curso, uma vez que a abordagem dos conteúdos é sistêmica e integra os conteúdos teóricos e de interface aos conteúdos de prática. Os conteúdos das variáveis, previstos nas eletivas, optativas, atividades complementares e estágios, aliados às atividades de pesquisa e extensão possibilitam terminalidades diferentes, conforme diferentes vocações do alunado.

## **8. COMPONENTES CURRICULARES**

A graduação em design deve obrigatoriamente completar quatro anos de curso universitário (BRASIL, 2004a). De acordo com o Art. 5º da mesma Resolução, as exigências curriculares para as instituições de ensino estão explicitadas no ato normativo, segundo o qual “o curso de graduação em design deverá contemplar, em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular, conteúdos que atendam aos seguintes eixos interligados de formação:

I – conteúdos básicos: estudo da história e das teorias do design em seus contextos sociológicos, antropológicos, psicológicos e artísticos, abrangendo métodos e técnicas de projetos, meios de representação, comunicação e informação, estudos das relações usuário/objeto/meio ambiente, estudos de materiais, processos, gestão e outras relações com a produção e o mercado;

II – conteúdos específicos: estudos que envolvam produções artísticas, produção industrial, comunicação visual, interface, modas, vestuários, interiores, paisagismos, design e outras produções artísticas que revelem adequada utilização de espaços e correspondam a níveis de satisfação pessoal;

III – conteúdos teórico-práticos: domínios que integram a abordagem teórica e a prática profissional, além de peculiares desempenhos no estágio curricular supervisionado, inclusive com a execução de atividades complementares específicas, compatíveis com o perfil desejado do formando (BRASIL, 2004a, não paginado).

As componentes curriculares do curso foram organizadas segundo essas orientações e atendendo ao disposto no Regimento da UEMG quanto à matriz curricular organizado por disciplinas obrigatórias, optativas e eletivas (UEMG, 2017).

**Disciplinas Obrigatórias** são aquelas imprescindíveis à formação do estudante e que não podem faltar num curso que se propõe a formar profissionais no ensino superior, indicadas nas Diretrizes. Vale esclarecer que o número de disciplinas da Prática Projetual excede o mínimo de créditos exigidos para o curso. A oferta de diferentes práticas permite ao aluno selecionar dentre elas, as disciplinas que se enquadrem melhor na sua vocação ou no interesse despertado durante sua formação. Essas disciplinas são, assim, obrigatórias, mas de conteúdos selecionáveis. Dentre elas, o aluno tem também a liberdade de cursar um número superior ao número de créditos exigido.

**Disciplinas Eletivas** são quaisquer disciplinas dos cursos de graduação, que não estejam incluídas na matriz curricular do curso de origem do estudante. Compõem necessariamente a carga horária total do curso, mas não vem elencadas no Projeto Pedagógico do Curso. São de livre escolha do aluno e cursadas impreterivelmente em outro curso. É obrigatório o cumprimento mínimo de horas de Disciplinas Eletivas ao longo do curso, apresentadas na Matriz Curricular.

**Disciplinas Optativas** são aquelas que compõem a matriz curricular do curso, dispostas num elenco a ser oferecido por semestre, escolhidas de acordo com o interesse do estudante. Aliadas às disciplinas obrigatórias compõem o percurso formativo oferecido ao aluno durante o curso. As Disciplinas Optativas serão ofertadas dentro dos eixos de formação correspondentes, atendendo demandas e vocações emergentes do design. A fim de evitar superposição ou repetição de conteúdos, elas serão definidas nos respectivos departamentos, ouvidos os colegiados dos cursos. Dessa forma, os conteúdos das disciplinas optativas são variáveis e ao mesmo tempo complementares, sequenciais, específicos ou tratam de novas proposições temáticas pertinentes à atividade do design, conforme apresentado no QUADRO 03 DISCIPLINAS OPTATIVAS/DEPARTAMENTOS.

Assim, tanto a carga horária das disciplinas optativas quanto das disciplinas eletivas devem ser computadas na carga horária total do curso.

Os componentes obrigatórios estabelecidos para Educação em Direitos Humanos (RESOLUÇÃO CNE/CP, nº1, DE 30 DE MAIO DE 2012) e Educação Ambiental (RESOLUÇÃO CNE/CP nº 2, DE 15 DE JUNHO DE 2012), são pressupostos da formação em design, portanto implícitos à

atividade, devendo ser transversais aos conteúdos do curso. O design tem como objeto a qualidade de vida, o bem estar e o respeito aos direitos dos indivíduos. Desta forma, em todo projeto de design, os aspectos éticos e de sustentabilidade (ambiental, social, cultural, econômica) são partes integrantes do seu processo.

Os componentes para a Educação Étnico Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (RESOLUÇÃO CNE/CP, N1, DE 17 DE JUNHO DE 2004) integram particularmente os conteúdos das disciplinas do Eixo de Formação Sócio-humanística como Sociologia, Antropologia, História, etc. Estes conteúdos são temáticas comuns de projetos dessas disciplinas, como “Mulheres negras no design”, “Jóias de Crioula”, “Arte indígena” etc, a título de ilustração. Em projetos são abordadas a iconografia étnica serve de referência a diferentes tipologias de projetos desenvolvidos nos Centros, Laboratórios e Núcleos da Escola, também computados como Atividades Complementares. Em datas comemorativas relacionadas a esses conteúdos, estão previstas atividades de extensão no Espaço Cultural da Escola na Praça da Liberdade, com abordagem multidisciplinar dos temas.

As múltiplas possibilidades de combinações de conteúdos, que essas orientações autorizam, facilitaram uma organização curricular flexível, com espaço para a afirmação da autonomia e “personalidade” do curso e da identidade profissional do aluno. Assim, as componentes curriculares do Curso de Design estão organizados para integrar os conteúdos básicos de caráter universal da disciplina, os conteúdos específicos dos cursos e os conteúdos flexíveis que darão o contorno diferenciado às vocações do curso. Por essa perspectiva sistêmica, dinâmica e metadisciplinar, visa o intercâmbio e a transferência de conceitos de um domínio para outro, ampliando a percepção do aluno para as muitas interfaces e vertentes possíveis da atividade.

### 8.1 Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

O Trabalho de Conclusão de Curso é o momento do curso em que o aluno desenvolve um projeto teórico, prático ou teórico-prático com relativa autonomia para testar e confirmar a competência e consolidar a vocação construída ao longo do curso. Ponto conclusivo do processo de avaliação e condição para integralização do curso e requisição de diploma, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) estabelece a ligação entre a formação acadêmica e a prática profissional, vinculando os conteúdos teóricos com as atividades operativas do tema/área abordado. Para atender a vocações diferentes dos concluístes do curso, o TCC pode ter caráter científico, realizado nas modalidades de monografia, estar centrado em áreas de projetos teórico-práticos, ou na modalidade projeto, de natureza experimental ou comercial.

A partir de orientações estabelecidas pelos colegiados de curso, o TCC é acompanhado por um professor orientador da mesma área do projeto e poderá contar, se necessário, com a contribuição de professores e ou profissionais consultores para aspectos específicos ou colaterais ao tema desenvolvido.

O TCC é um processo avaliado durante as várias etapas de seu desenvolvimento, culminando com apresentação pública a uma banca examinadora, esta composta pelo professor orientador e professores convidados, que farão a análise final do projeto, obedecendo aos critérios estabelecidos pelo curso. No que se refere à quantificação dos resultados, a avaliação segue o Regimento Interno da Instituição (UEMG, 2017). As diretrizes técnicas relacionadas com a sua elaboração estão apresentadas no APÊNDICE 2.

## 8.2 Estágio Supervisionado

O Estágio Curricular é concebido como conteúdo curricular – ver matriz curricular –, implementador do perfil do formando, consistindo numa atividade obrigatória, mas diversificada, tendo em vista a consolidação prévia dos desempenhos profissionais desejados, segundo as peculiaridades do curso de Design de Ambientes e a definição do perfil de atuação do aluno. O estágio supervisionado tem caráter flexível de modo a possibilitar o reconhecimento de habilidades e competências adquiridas fora ou no âmbito da Escola, desde que as cargas horárias e atividades desenvolvidas sejam encaminhadas à coordenação de estágios, com os respectivos relatórios e avaliação de desempenho. A carga horária total prevista é de 210 horas correspondente a 14 créditos.

As atividades de estágio podem ser desenvolvidas em organizações públicas ou privadas, e também nos próprios Centros e Laboratórios da Escola, que proporcionem ao aluno a participação em situações reais de vida e trabalho nas profissões da área dos cursos, além de práticas experimentais. De diversas modalidades, essas atividades se orientam pelo Regimento Interno da Escola que estabelece as normas e procedimentos regulatórios pertinentes (APÊNDICE 3). A coordenação de estágio é o órgão responsável pela emissão de parecer para o credenciamento dessas atividades.

### 8.3 Atividades Complementares

As Atividades Complementares contemplam o desenvolvimento de práticas e estudos transversais realizadas pelo aluno no período de sua vinculação ao curso. São atividades que possibilitam o desenvolvimento pessoal do aluno relacionado à sua formação profissional. Na Escola de Design essa prática de complementaridade é cultivada por meio de estudos independentes constituídos por conhecimentos que provocam e orientam vocações para áreas e setores específicos de interesse aluno. São constituídas de atividades variáveis e obrigatórias, realizadas durante todo o curso e com carga horária de 150 horas (10 créditos) como consta no APÊNDICE 04 (Quadro de Atividades Complementares). Para integralização da carga horária de atividades complementares – ver Matriz Curricular –, o aluno deverá escolher atividades vinculadas ao ensino, à pesquisa e extensão de modo equilibrado dentre as atividades constantes do APÊNDICE 04. As atividades não incluídas no apêndice poderão ser consideradas na integralização da carga horária de Formação Complementar, mediante solicitação do aluno ao Colegiado de Curso que deliberará sobre o assunto.

### 8.4 Atividades de Extensão Universitária

De acordo com a LEI Nº 13005/2014<sup>5</sup> e RESOLUÇÃO CNE/CP nº 7/2018, dez por cento do total de créditos curriculares (10% da carga horária total do curso – ver matriz curricular) exigidos para a graduação devem ser assegurados para programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social (BRASIL, 2014, p.74). É obrigatório o cumprimento de 330 horas, podendo ser cumprido a partir do 1º período.

---

<sup>5</sup> Ver BRASIL (2014), Anexo - Plano Nacional de Educação 2014-2024. METAS E ESTRATÉGIAS, Meta 12, item 12.7.

“A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.” (FORPROEX, 2012, p.15). Assim conceituada, a Extensão Universitária estabelece uma interação dialógica que transforma a Universidade e, ao mesmo tempo, os setores sociais, por meio de um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que imprime qualidade na formação do estudante e impacto e transformação social. Esses resultados possibilitam a ampliação da experiência discente em termos teóricos e metodológicos, a produção do conhecimento e a reafirmação e a materialização dos compromissos éticos e sociais da universidade pública brasileira.

As ações de extensão são classificadas em programa, projeto, curso, evento e prestação de serviços, definidos como:

#### **I – PROGRAMA**

“Conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão (cursos, eventos, prestação de serviços), preferencialmente integrando as ações de extensão, pesquisa e ensino. Tem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e longo prazo”.

#### **II – PROJETO**

“Ação processual e contínua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado”.

O projeto pode ser:

- Vinculado a um programa (forma preferencial – o projeto faz parte de uma nucleação de ações).
- Não-vinculado a programa (projeto isolado).

#### **III – CURSO**

“Ação pedagógica, de caráter teórico e/ou prático, presencial ou a distância, planejada e organizada de modo sistemático, com carga horária mínima de 8 horas e critérios de avaliação definidos”. Com carga horária menor que 8 horas deve ser classificado como evento.

#### **IV – EVENTO**

“Ação que implica na apresentação e/ou exibição pública, livre ou com clientela específica, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade”.

#### **V – PRESTAÇÃO DE SERVIÇO**

“Realização de trabalho oferecido pela Instituição de Educação Superior ou contratado por terceiros (comunidade, empresa, órgão público, etc.); a prestação de serviços se caracteriza por intangibilidade, inseparabilidade processo/produto e não resulta na posse de um bem” (FORPROEX, 00 , p.36).

Para a realização de cada uma dessas ações são essenciais:

:: a designação do professor orientador, devendo ter horas semanais atribuídas como encargos didáticos;

:: a elaboração do plano de trabalho com as competências dos atores nela envolvidos;

- :: a avaliação da participação e comprometimento do estudante;
- :: o estabelecimento de critérios de prioridade para prestar serviços que serão oferecidos pela Instituição.

A Extensão Universitária deve ser compreendida “como processo formativo, prospectivo e qualitativo, a ser mensurado por critérios objetivos (relatório, trabalho escrito, publicação ou comunicação) e subjetivos (compromisso, dedicação)”. Esse processo deve estar integrado “à avaliação dos objetivos e metas da ação extensionista, assim como à avaliação dos efeitos da participação do estudante – e da equipe de trabalho na qual este se inclui – sobre os problemas sociais” (FORPROEX, 2012, p.33).

Para o aluno de Design de Ambientes, é obrigatório o cumprimento de 330 horas de atividades de Extensão (22 créditos), podendo ser cumprida a partir do 1º período.

QUADRO 3: Atividades de Extensão

CÓDIGO AEx	ATIVIDADES	DESCRIÇÃO	COMPROVAÇÃO E AVALIAÇÃO	HORAS VALIDADAS	LIMITE VALIDÁVEL
01	Participações em projetos de extensão:	Ações de caráter educativo, social, cultural, científico e tecnológico, realizadas com e/ou para público específico, com objetivos e prazos determinados. Incluem a prestação de serviços conforme regulamentada pela Universidade	Comprovação e avaliação em formulário próprio da coordenação de extensão pelo professor responsável pelo evento	Mínimo de 15h por projeto Máximo de 60h por semestre	240 horas
02	Palestras, exposições ou mostras.	Atividades de alunos como participantes na elaboração e apresentação de eventos que tenham relação com o curso no qual estão matriculados.	Comprovação e avaliação em formulário próprio da coordenação de extensão pelo professor responsável pelo evento	Mínimo de 05h por evento e máximo de 30h por semestre	90 horas
03	Oficinas, treinamentos, workshops ou cursos.	Atividades de alunos na elaboração e apresentação de eventos que tenham relação com o curso no qual estão matriculados	Comprovação e avaliação em formulário próprio da coordenação de extensão pelo professor responsável pelo evento	Mínimo de 05h por evento e máximo de 45h por semestre	90 horas
04	Seminários, congressos, ou eventos afins.	5.1 - Atividades de alunos na elaboração e apresentação de eventos que tenham relação com o curso no qual estão matriculados.	Comprovação e avaliação em formulário próprio da coordenação de extensão pelo professor responsável pelo evento	Mínimo de 05h por evento e 30 h por semestre	90 horas
		5.2 – Atividades de alunos apresentando trabalhos em eventos que tenham relação com o curso no qual estão matriculados	Apresentação de documento comprobatório e cópia do trabalho apresentado	Máximo de 05 h por apresentação e 30 h por semestre	90 horas
05	Participações em Concursos:	Participações em concursos propostos a alunos, com tema afim ao curso que frequenta.	Apresentação de documentos comprobatório e cópia do projeto apresentado.	15 h – para aluno participante da etapa eliminatória 30 h – para aluno selecionado.	150 horas

Fonte: Elaborado pelo Centro de Extensão – 2019.

## 8.5 Matriz Curricular do Curso de Design de Ambientes

Ao contrário da organização horizontal e vertical de disciplinas fixas numa “grade”, nesta proposta as disciplinas se orientam por uma matriz de mobilidade, cujo fluxo se organiza segundo uma direção não pré-definida, a partir do 3º período do curso. Nos dois primeiros períodos serão ofertadas as disciplinas contendo os fundamentos básicos das áreas indispensáveis à formação do design, prescritos pelas suas diretrizes curriculares. A partir do 3º período, respeitado o número de créditos obrigatórios do curso de sua opção, o próprio aluno, segundo sua vocação e/ou interesse, deverá compor o conjunto de disciplinas complementares relacionadas a aspectos específicos de sua vocação dentro do curso.

Portanto, esta é uma matriz aberta, sujeita a constantes reexames e reorientações a fim de acompanhar a dinâmica inerente à atividade do design e ao compromisso do ensino de se adequar às transformações e movimentos da sociedade. Assim, a definição dos conteúdos de cada disciplina deve levar em conta as mudanças e perspectivas do mercado de trabalho e o ambiente socio-cultural em que o curso está inserido, bem como os valores que norteiam a filosofia educacional da Instituição. Nesse sentido, o conhecimento do projeto pedagógico do curso deverá ser condição básica ao seu corpo docente. Somente a ciência dos objetivos, do perfil desejado para o egresso, das formas de realização da interdisciplinaridade, da integração entre teoria e prática e do sistema de avaliação permitirá ao professor tornar-se um elemento atuante e conectado ao processo de design como um todo.

A composição da Matriz Curricular do Curso se baseia nos princípios de flexibilização curricular, por meio do sistema de créditos. A matrícula é realizada por disciplina, segundo a Resolução COEPE/UEMG nº 132/2013 que regulamenta o regime citado e institui os procedimentos e limites para tal. Embora pertinente à diretriz de flexibilização, a oferta de disciplinas à distancia nos termos da PORTARIA nº 1.428/2018 MEC ainda não é prevista neste Projeto Político-Pedagógico. Caso haja possibilidade de ações futuras, sua implementação será acrescentada a este documento, após aprovação nas instancias pertinentes.

Os textos das ementas e objetivos, bem como a indicação bibliográfica para as disciplinas, foram elaborados com ampla participação do corpo docente, considerando as competências requeridas para as demandas da atividade expostas no corpo de texto do projeto.

Dentre as disciplinas obrigatórias estão as Práticas Projetuais, oferecidas em maior quantidade, como já esclarecido, para que os alunos possam selecionar aquelas correlatas ao seu percurso formativo, Práticas Projetuais selecionáveis, correspondendo a no mínimo 12 créditos.

## Matriz Curricular

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS UEMG		MATRIZ CURRICULAR		DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA DO CURSO		SIGLA: DA				FH: Formação Sócio-Humanística FE: Formação Expressiva FP: Formação Projetual FT: Formação Tecnológica FV: Formação Variável	
		CURSO: DESIGN DE AMBIENTES		Conteúdos Obrigatórios: 2.160 h (144Cr) Conteúdos Optativos: 240 h (16Cr) Conteúdos Eletivos: 120 h (8Cr) Estágio Supervisionado: 240 h (14Cr) Atividades Complementares: 150 h (10Cr) Atividades de Extensão: 330 h (22Cr) CARGA HORÁRIA TOTAL: 3.210 h (214Cr)		ANO: 2020					
<b>1° e 2° período</b> <b>Nível comum</b>			<b>3° ao 6° período</b> <b>Nível Qualificação</b>						<b>7° e 8° período</b> <b>Nível Aperfeiçoamento</b>		
			Práticas projetuais Específicas de projetos		Conteúdos comuns		Conteúdos específicos				
Expressão Gráfica Oficina de expressão 60 FE	Design e Projeto Fundamentos 30 FP		Paisagem 60 FP	Teoria do Design Fundamentos 30 FH	Expressão Gráfica Bidimensional digital 30 FE						
Processo de Criação 60 FP	História do Design Sec. XX ao XXI 30 FH		Efêmero 60 FP	Design e Metodologia Estudos aplicados 30 FP	Expressão Gráfica Tridimensional digital 30 FE						
Fundam. Humanísticos Filosofia 30 FH	Expressão Gráfica Desenho projetivo 60 FE		Luminotecnia 60 FP	Design & Ergonomia Fundamentos 30 FH	Expressão Gráfica Detalh. de sist. constitutivos 60 FE						
Historia do Design Sec. XIX ao XX 30 FH	Design e Percepção Design p/ os sentidos 30 FE		Negócios 60 FP	Design & Ergonomia Estudos aplicados 30 FH	Expressão Gráfica Detalh. construtivo 60 FE						
Design e Metodologia Metodologia Científica 30 FP	Design e semiótica Fundamentos 30 FH		Ambiência 60 FP	Design & Mercado Fatores econômicos 30 FH	Expressão Gráfica Detalh. Mobiliário 60 FE						
Expressão Gráfica Desenho Técnico 60 FE	Design e Metodologia Fundamentos 30 FP		Estratégico 60 FP	Design & Mercado Marketing 30 FH	Materiais e Processos Conforto no ambiente 60 FT				TCC 1 60 FP	TCC 2 120 FP	
Design e Percepção Fundamentos 30 FE	Fundam. Humanísticos Sociedade e Cultura 30 FH		Sistêmico 60 FP	Design & Mercado Empreendedorismo 30 FH	Materiais e Processos Sistemas construtivos e instalações 30 FT				Seminários 30 FH	Oficinas Técnicas TCC 60 FT	
Design e Percepção Fundamentos 30 FE	Expressão Gráfica Desenho e ling. visual 60 FE		Serviços 60 FP	Teoria do Design Estudos aplicados 30 FH	Materiais e Processos Fundamentos 30 FT				Design e Metodologia Met. aplic. ao TCC 60 FP		
Total: 300 h	Total: 300 h		Mobilidade 60 FP	História do Design Design no Brasil 30 FH	Materiais e Processos Aplicação 30 FT						
			Para todos 60 FP		Materiais e Processos Iluminação - Fundam. 30 FT						
			Superfície 60 FP		Materiais e Processos Iluminação 30 FT						
			Experimental 60 FP		Materiais e Processos Tecnologia 30 FT						
			Informação 60 FP								
			Produção (escalas) 60 FP								
			Identidade 60 FP								
				CH: 480 h Obrigatórias	CH: 270 h Obrigatórias	CH: 480 h Obrigatórias			Total: 150 h	Total: 180 h	

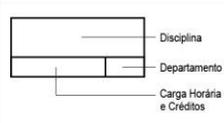
Disciplina obrigatória

Disciplina obrigatória  
Conteúdo Seleccionável

15 h = 1 crédito

As disciplinas Prática Projetual destacadas em cinza podem ser selecionadas pelo aluno de acordo com o conteúdo, para completar a carga horária das práticas projetuais.

## 8.6 Estrutura Curric

	<b>Estrutura Curricular</b> CURSO: <b>DESIGN DE AMBIENTES</b>	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA DO CURSO Conteúdos Obrigatórios.....: 2.160 h (144Cr) Conteúdos Opativos.....: 240 h (16Cr) Conteúdos Eletivos.....: 120 h (8Cr) Estágio Supervisionado.....: 210 h (14Cr) Atividades Complementares.....: 150 h (10Cr) Atividades de Extensão.....: 330 h (22Cr) CARGA HORÁRIA TOTAL .....: 3.210 h (214Cr)	SIGLA: <b>DA</b>		FH: Formação Sócio-Humanística FE: Formação Expressiva FP: Formação Projetual FT: Formação Tecnológica FV: Formação Variável
			ANO: <b>2020</b>		

1º PERÍODO 1º SEMESTRE	2º PERÍODO 2º SEMESTRE	3º PERÍODO 1º SEMESTRE	4º PERÍODO 2º SEMESTRE	5º PERÍODO 1º SEMESTRE	6º PERÍODO 2º SEMESTRE	7º PERÍODO 1º SEMESTRE	8º PERÍODO 2º SEMESTRE
	Design e Projeto Fundamentos 30h - 2Cr   FE	Prática Projetual Ambiência 60h - 4Cr   FP	Prática Projetual Paisagem 60h - 4Cr   FP	Prática Projetual Negócios 60h - 4Cr   FP	Prática Projetual Luminotecnia 60h - 4Cr   FP	TCC 1 60h - 4Cr   FP	TCC 2 120h - 8Cr   FP
		Prática Projetual Conteúdo Seleccionável* 60h - 4Cr   FP	Prática Projetual Conteúdo Seleccionável* 60h - 4Cr   FP	Prática Projetual Conteúdo Seleccionável* 60h - 4Cr   FP	Prática Projetual Efêmero 60h - 4Cr   FP	Seminários 30h - 2Cr   FH	Oficinas Técnicas 60h - 4Cr   FP
EG - Oficina de Expressão 60h - 4Cr   FE	EG - Desenho e Linguagem Visual 60h - 4Cr   FE	EG - Bidimensional digital 30h - 2Cr   FE	EG - Tridimensional digital 30h - 2Cr   FE	EG - Detalhamento Mobiliário 60h - 4Cr   FE	EG - Detalhamento Sistemas construtivos 60h - 4Cr   FE		
EG - Desenho Técnico 60h - 4Cr   FE	EG - Desenho Projetivo 60h - 4Cr   FE		EG - Detalhamento construtivo 60h - 4Cr   FE		Teoria do design Fundamentos 30h - 2Cr   FH	Teoria do design Estudos Aplicados 30h - 2Cr   FH	Optativa 60 h
Design e Percepção Fundamentos 30h - 2Cr   FH	Design e Percepção Design p/ os sentidos 30h - 2Cr   FH	Optativa 30 h	Optativa 30 h	Optativa 30 h		Optativa 30 h	Optativa 60 h
História do Design Sec. XIX a XX 30h - 2Cr   FH	História do Design Sec. XX a XXI 30h - 2Cr   FH	História do Design no Brasil 30h - 2Cr   FH		Design e Mercado Fatores Econômicos 30h - 2Cr   FH	Design e Mercado Marketing 30h - 2Cr   FH	Design e Mercado Empreendedorismo 30h - 2Cr   FH	
Fund. Humanísticos Filosofia 30h - 2Cr   FH	Fund. Humanísticos Sociedade e Cultura 30h - 2Cr   FH	Design e Ergonomia Fundamentos 30h - 2Cr   FH		Design e Ergonomia Estudos aplicados 30h - 2Cr   FH	Materiais e Processos Tecnologia 30h - 2Cr		
Processo de Criação 60h - 4Cr   FP		Materiais e Processos Fundamentos 30h - 2Cr   FT	Materiais e Processos Aplicação 30h - 2Cr   FT	Materiais e Processos Iluminação 30h - 2Cr   FT	Materiais e Processos Sistema const. e Instal. 30h - 4Cr   FT	Materiais e Processos Conforto no Ambiente 60h - 4Cr   FT	
	Design e Semiótica Fundamentos 30h - 2Cr   FH		Materiais e Processos Iluminação - Fundamentos 30h - 2Cr   FT				
Design e Metodologia Metodologia Científica 30h - 2Cr   FP	Design e Metodologia Fundamentos 30h - 2Cr   FP	Design e Metodologia Estudos aplicados 30h - 2Cr   FP				Design e Metodologia Aplicada ao TCC 60h - 4Cr   FP	
<b>TOTAL: 300</b>	<b>TOTAL: 300</b>	<b>TOTAL: 300</b>	<b>TOTAL: 300</b>	<b>TOTAL: 300</b>	<b>TOTAL: 300</b>	<b>TOTAL: 300</b>	<b>TOTAL: 300</b>
	Disciplina Eletiva: 30 h			Disciplina Eletiva: 30 h	Disciplina Eletiva: 30 h	Disciplina Eletiva: 30 h	
		Estágio Superv.: 105 h	Estágio Superv.: 105 h				
	Ativ. Complementar: 30 h	Ativ. Complementar: 15 h	Ativ. Complementar: 15 h	Ativ. Complementar: 30 h	Ativ. Complementar: 30 h	Ativ. Complementar: 30 h	
	Ativ. Extensão: 60 h	Ativ. Extensão: 60 h	Ativ. Extensão: 60 h	Ativ. Extensão: 60 h	Ativ. Extensão: 60 h	Ativ. Extensão: 30 h	

\* As disciplinas "Prática Projetual - Conteúdo Seleccionável" são disciplinas não sequenciais e estão relacionadas no quadro Matriz Curricular.

## Estrutura Curricular

1º semestre - Disciplinas		Tipo	Carga horária semanal			Carga horária total (h/a)	Carga horária total (horas)	Crédito
			Teórica	Prática	Total			
1	EG- Oficina de Expressão	OBR		4	4	72	60	4
2	EG - Desenho Técnico	OBR		4	4	72	60	4
3	Design e Percepção - Fundamentos	OBR	2		2	36	30	2
4	História do Design - Séc. XIX a XX	OBR	2		2	36	30	2
5	Fundamentos humanísticos - Filosofia	OBR	2		2	36	30	2
6	Processo de Criação	OBR		4	4	72	60	4
7	Design e Metodologia - Metodologia Científica	OBR	2		2	36	30	2
<b>TOTAL</b>			<b>8</b>	<b>12</b>	<b>20</b>	<b>360</b>	<b>300</b>	<b>20</b>
2º semestre - Disciplinas		Tipo	Carga horária semanal			Carga horária total (h/a)	Carga horária total (horas)	Crédito
			Teórica	Prática	Total			
1	Design e Projetos - Fundamentos	OBR		2	2	36	30	2
2	EG - Desenho Projetivo	OBR		4	4	72	60	4
3	Design e Percepção – Design p/ os Sentidos	OBR	2		2	36	30	2
4	História do Design - Séc. XX a XXI	OBR	2		2	36	30	2
5	Fundamentos Humanísticos – Sociedade e Cultura	OBR	2		2	36	30	2
6	Design e Semiótica - Fundamentos	OBR	2		2	36	30	2
7	Design e Metodologia - Fundamentos	OBR	2		2	36	30	2
8	EG – Desenho e Linguagem Visual	OBR		4	4	72	60	4
<b>SUBTOTAL</b>			<b>10</b>	<b>10</b>	<b>20</b>	<b>360</b>	<b>300</b>	<b>20</b>
9	Disciplina Eletiva	EL	1	1	2	36	30	2
10	Atividade Complementar	OBR					30	2
11	Atividade de Extensão	OBR					60	4
<b>TOTAL</b>			<b>11</b>	<b>11</b>	<b>22</b>	<b>396</b>	<b>420</b>	<b>28</b>

3º semestre - Disciplinas		Tipo	Carga horária semanal			Carga horária total (h/a)	Carga horária total (horas)	Crédito
			Teórica	Prática	Total			
1	Prática Projetual - Design e Ambiência	OBR		4	4	72	60	4
2	Prática Projetual – Conteúdo Seleccionável *	OBR		4	4	72	60	4
3	EG – Bidimensional digital	OBR		2	2	36	30	2
4	História do Design no Brasil	OBR	2		2	36	30	2
5	Design e Ergonomia - Fundamentos	OBR	2		2	36	30	2
6	Materiais e Processos - Fundamentos	OBR	2		2	36	30	2
7	Design e Metodologia - Aplicada ao Projeto	OBR	2		2	36	30	2
8	Optativa	OPT	2		2	36	30	2
<b>SUBTOTAL</b>			<b>10</b>	<b>10</b>	<b>20</b>	<b>360</b>	<b>300</b>	<b>20</b>
8	Estágio Supervisionado	OBR					105	7
10	Atividade Complementar	OBR					15	1
11	Atividade de Extensão	OBR					60	4
<b>TOTAL</b>			<b>10</b>	<b>10</b>	<b>20</b>	<b>360</b>	<b>480</b>	<b>32</b>

4º semestre - Disciplinas		Tipo	Carga horária semanal			Carga horária total (h/a)	Carga horária total (horas)	Crédito
			Teórica	Prática	Total			
1	Prática Projetual - Design da Paisagem	OBR		4	4	72	60	4
2	Prática Projetual – Conteúdo Seleccionável *	OBR		4	4	72	60	4
3	EG - Tridimensional Digital	OBR		2	2	36	30	2
4	EG – Detalh. Construtivo	OBR		4	4	72	60	4
5	Optativa	OPT	2		2	36	30	2
6	Materiais e Processos – Aplic.	OBR	2		2	36	30	2
7	Materiais e Processos – Iluminação - Fundamentos	OBR	2		2	36	30	2
<b>SUBTOTAL</b>			<b>6</b>	<b>16</b>	<b>20</b>	<b>360</b>	<b>300</b>	<b>20</b>
8	Estágio Supervisionado	OBR					105	7
9	Atividade Complementar	OBR					15	1
10	Atividade de Extensão	OBR					60	4
<b>TOTAL</b>			<b>6</b>	<b>16</b>	<b>20</b>	<b>360</b>	<b>480</b>	<b>32</b>

5º semestre - Disciplinas		Tipo	Carga horária semanal			Carga horária total (h/a)	Carga horária total (horas)	Crédito
			Teórica	Prática	Total			
1	Prática Projetual - Design de Negócios	OBR		4	4	72	60	4
2	Prática Projetual - Conteúdo selecionável*	OBR		4	4	72	60	4
3	EG – Detalhamento mobiliário	OBR		4	4	72	60	4
4	Optativa	OPT	2		2	36	30	2
5	Design e Mercado - Fatores Econômicos	OBR	2		2	36	30	2
6	Design e Ergonomia - Estudos Aplicados	OBR	2		2	36	30	2
7	Materiais e Processos - Iluminação	OBR	2		2	36	30	2
<b>SUBTOTAL</b>			<b>8</b>	<b>12</b>	<b>20</b>	<b>360</b>	<b>300</b>	<b>20</b>
8	Disciplina Eletiva	EL	1	1	2	36	30	2
9	Atividade Complementar	OBR					30	2
10	Atividade de Extensão	OBR					60	4
<b>TOTAL</b>			<b>9</b>	<b>13</b>	<b>22</b>	<b>396</b>	<b>420</b>	<b>28</b>
6º semestre - Disciplinas		Tipo	Carga horária semanal			Carga horária total (h/a)	Carga horária total (horas)	Crédito
			Teórica	Prática	Total			
1	Prática Projetual - Design e Luminotecnica	OBR		4	4	72	60	4
2	Prática Projetual – Design do Efêmero	OBR		4	4	72	60	4
3	Teoria do Design - Fundamentos	OBR	2		2	36	30	2
5	Design e Mercado - Marketing	OBR	2		2	36	30	2
6	Materiais e Processos – Sistemas construtivos e instalações	OBR	2		2	36	30	2
7	Materiais e Processos – Tecnologia	OBR	2		2	36	30	2
8	Expressão Gráfica – Sistemas construtivos	OBR	4		4	72	60	4
<b>TOTAL</b>			<b>12</b>	<b>8</b>	<b>20</b>	<b>360</b>	<b>300</b>	<b>20</b>
9	Disciplina Eletiva		1	1	2		30	2
10	Atividade Complementar						30	2
11	Atividade de Extensão						60	4

7º semestre - Disciplinas		Tipo	Carga horária semanal			Carga horária total (h/a)	Carga horária total (horas)	Crédito
			Teórica	Prática	Total			
1	TCC 1	OBR		4	4	72	60	4
2	Seminários	OBR	2		2	36	30	2
3	Teoria do Design - Estudos Aplicados	OBR	2		2	36	30	2
4	Optativa	OPT	2		2	36	30	2
5	Materiais e processos - Conforto no Ambiente	OBR	2	2	4	72	60	4
6	Design e Mercado - Empreendedorismo	OBR	2		2	36	30	2
8	Design e Metodologia - Aplicada ao TCC	OBR	4		4	72	60	4
<b>SUBTOTAL</b>			<b>14</b>	<b>6</b>	<b>20</b>	<b>360</b>	<b>300</b>	<b>20</b>
9	Disciplina Eletiva		1	1	2	36	30	2
10	Atividade Complementar						30	2
11	Atividade de Extensão						30	2
<b>TOTAL</b>			<b>15</b>	<b>7</b>	<b>22</b>	<b>396</b>	<b>390</b>	<b>26</b>
8º semestre - Disciplinas		Tipo	Carga horária semanal			Carga horária total (h/a)	Carga horária total (horas)	Crédito
			Teórica	Prática	Total			
1	TCC 2	OBR		8	8	144	120	8
2	Oficinas Técnicas de TCC	OBR		4	4	72	60	4
3	Optativa	OPT	4		4	72	60	4
4	Optativa	OPT		4	4	72	60	4
<b>TOTAL</b>			<b>4</b>	<b>16</b>	<b>20</b>	<b>360</b>	<b>300</b>	<b>20</b>

## Distribuição de Carga Horária do Curso por semestre

COMPONENTE CURRICULAR	1º sem	2º sem	3º sem	4º sem	5º sem	6º sem	7º sem	8º sem	Carga horária total	Créditos
Disciplinas Obrigatórias	300	300	270	270	270	300	270	180	2160	144
Disciplinas Optativas			30	30	30		30	120	240	16
Disciplinas Eletivas		30			30	30	30		120	8
Estágio Supervisionado			105	105					210	14
Atividades Complementares		30	15	15	30	30	30		150	10
Atividades de Extensão		60	60	60	60	60	30		330	22
<b>TOTAL</b>	<b>300</b>	<b>420</b>	<b>480</b>	<b>480</b>	<b>420</b>	<b>420</b>	<b>390</b>	<b>300</b>	<b>3210</b>	<b>214</b>

## Disciplinas Práticas Projetuais – Conteúdo Seleccionável

Disciplinas Práticas Projetuais – Conteúdo Seleccionável *		Tipo	Carga horária semanal			Carga horária total (h/a)	Carga horária total (horas)	Crédito
			Teórica	Prática	Total			
1	Prática Projetual – Design de Serviços	OBR		8	8	72	60	4
2	Prática Projetual – Design de Identidade	OBR		8	8	72	60	4
3	Prática Projetual – Design de Design e Produção (Escalas)	OBR		8	8	72	60	4
4	Prática Projetual – Design Sistemico	OBR		8	8	72	60	4
5	Prática Projetual – Design Design para Todos	OBR		8	8	72	60	4
6	Prática Projetual – Design de Superfície	OBR		8	8	72	60	4
7	Prática Projetual – Design e Mobilidade	OBR		8	8	72	60	4
8	Prática Projetual – Design e	OBR		8	8	72	60	4
9	Prática Projetual – Design e	OBR		8	8	72	60	4
10	Prática Projetual – Design da Informação	OBR		8	8	72	60	4

- OBS:**
- As disciplinas “Prática Projetual - Conteúdo Seleccionável” são disciplinas não sequenciais e estão relacionadas no quadro Matriz Curricular;
  - São disciplinas obrigatórias (carga horaria prevista como tal) dentre as quais o aluno selecionará 3 (três) dentre as disciplinas propostas no quadro;
  - Será contabilizada a carga horária correspondente à 3 (três) disciplinas selecionadas;
  - Será contabilizado o total de créditos correspondente às 3 (três) disciplinas selecionadas

Quadro das Disciplinas Optativas

Disciplinas Optativas		Tipo	Carga horária semanal			Carga horária total (h/a)	Carga horária total (horas)	Crédito
			Teórica	Prática	Total			
1	Design de Embalagem	OPT	2		2	36	30	2
2	Design de Gemas e Jóias	OPT	2		2	36	30	2
3	Design e paisagem na macro escala	OPT	1	1	2	36	30	2
4	Design e paisagem na micro escala	OPT	1	1	2	36	30	2
5	Design Estratégico por Meio da Ressignificação	OPT	2		2	36	30	2
6	Detalhamento técnico e ergonomia aplicada ao mobiliário	OPT	2		2	36	30	2
7	Inovação e Tecnologia Social	OPT	2		2	36	30	2
8	Joalheria - Gemas e Lapidação	OPT	2		2	36	30	2
9	Laboratório de Joalheria Contemporânea	OPT	2		2	36	30	2
10	Libras I	OPT	2		2	36	30	2
11	Maquete de Móveis e Espaços Arquitetônicos	OPT	2		2	36	30	2
12	Materiais de Acabamentos em Design de Ambientes	OPT	2		2	36	30	2
13	Prática Profissional	OPT	2		2	36	30	2
14	Práticas Criativas entre Design e Arte Contemporânea	OPT	2		2	36	30	2
15	Práticas Fundamentais em Madeira	OPT	2		2	36	30	2
16	Produção dos Sistemas Estruturais no Design de Ambientes	OPT	2		2	36	30	2
17	Projeto do Móvel- Conceito e Produto	OPT	2		2	36	30	2
18	Propriedade Intelectual e Inovação	OPT	2		2	36	30	2
19	Sistemas Construtivos com Terra em Design de Ambientes	OPT	2		2	36	30	2

20	Tecnologia das construções para Design de Ambientes	OPT	2		2	36	30	2
21	Tópicos sobre história da arquitetura brasileira	OPT	2		2	36	30	2

## QUADRO 04 – DISCIPLINAS OPTATIVAS | DEPARTAMENTOS

DISCIPLINAS OPTATIVAS	DEPARTAMENTO
Design e Percepção - Estudos Aplicados	Formação Sócio-Humanística
Design e Semiótica - Estudos Aplicados	Formação Sócio-Humanística
Design Sensorial de Produtos	Formação Projetual
Design de Livros-Objeto	Formação Projetual
Design Cênico	Formação Projetual
Desenvolvimento de Produtos em Calçados	Formação Projetual
Design de Projeto Editorial	Formação Projetual
Fotografia Básica	Formação Expressiva
Fotografia -Linguagem e Ensaios Autorais	Formação Expressiva
Identidade Visual Aplicada às Corporações	Formação Projetual
Materiais de Acabamentos em Design de Ambientes	Formação Tecnológica
Tecnologia das construções para Design de Ambientes	Formação Tecnológica
Oficina de Joalheria	Formação Tecnológica
Design de Gemas e Jóias	Formação Projetual
Laboratório de Joalheria Contemporânea	Formação Tecnológica
Projeto do Mobiliário - Conceito e Produto	Formação Projetual
Detalhamento Técnico e Ergonomia Aplicada ao Mobiliário	Formação Tecnológica

Design e paisagem na micro escala	Formação Projetual
Design e paisagem na macro escala	Formação Projetual
Design de Embalagem	Formação Projetual
Maquete de Móveis e Espaços Arquitetônicos	Formação Tecnológica
Práticas Fundamentais em Madeira	Formação Tecnológica
Propriedade Intelectual, Inovação e Empreendedorismo	Formação Tecnológica
Inovação e Tecnologia Social	Formação Tecnológica
Design Estratégico por Meio da Ressignificação	Formação Sócio-Humanística
Práticas Criativas entre Design e Arte Contemporânea	Formação Expressiva
Libras – Instrumental	Formação Sócio-Humanística

## 8.7 Ementário

Na sequência serão apresentadas as disciplinas, com suas ementas e conteúdos amplos, acompanhadas de suas bibliografias, ressaltando que o planejamento e construção dos conteúdos específicos deverão acontecer no planejamento de implementação desta proposta, coordenado pelo NDE do Curso de Design de Ambientes. Essa necessidade se justifica, particularmente, na necessária integração do novo corpo docente às diretrizes do curso, essencial para a interação de áreas, conhecimentos e experiências.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<p><b>Disciplina:</b> História do Design - Sec. XIX ao XX</p>
<p><b>Ementa:</b> Estudo dos principais movimentos, estilos e acontecimentos da Arte e do Design, numa perspectiva cronológica, desde o início do século XIX até os primeiros anos do século XXI enfatizando as relações entre os diversos contextos e as manifestações de cada época.</p>
<p><b>Bibliografia Básica:</b>            CARDOSO, Rafael. <b>Uma introdução à história do design</b>. 3. ed. totalmente rev. e ampl. São Paulo: E. Blücher, 2008. 273 p.            FORTY, Adrian. <b>Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750</b>. São Paulo: Cosac &amp; Naify, 2007. 347 p.            PEVSNER, Nikolaus. <b>Origens da arquitetura moderna e do design</b>. 3. ed São Paulo: Martins Fontes, 2001. 224 p</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b>            HOLLIS, Richard. <b>Design gráfico: uma história concisa</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 248 p.            LAVER, James; PROBERT, Christina. <b>A roupa e a moda: uma história concisa</b>. 7. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 285 p.            LUCIE-SMITH, Edward. <b>Furniture: a concise history</b>. London: Thames and Hudson, 1979 e 1995. 216 p.            SEMBACH, Klaus-Jürgen. <b>Arte nova: a utopia da reconciliação</b>. Koln: Taschen, 2004. 240 p.            MEGGS, Philip B.; PURVIS, Alston W. <b>História do design gráfico</b>. São Paulo: Cosacnaify, 2009. 717 p</p>

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> História do Design - Sec. XX ao XXI
<b>Ementa:</b> Estudo dos principais movimentos, estilos e acontecimentos da Arte e do Design, numa perspectiva cronológica, desde o início do século XX o século XXI enfatizando as relações entre os diversos contextos e as manifestações de cada época.
<b>Bibliografia Básica:</b> CARDOSO, Rafael. <b>Uma introdução à história do design</b> . 3. ed. totalmente rev. e ampl. São Paulo: E. Blücher, 2008. 273 p. FORTY, Adrian. <b>Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750</b> . São Paulo: Cosac & Naify, 2007. 347 p. SCHNEIDER, Beat. <b>Design - uma introdução: o design no contexto social, cultural e econômico</b> . São Paulo: Blücher, 2010. 299 p. ISBN 9788521205098.
<b>Bibliografia Complementar:</b> DROSTE, Magdalena. <b>BAUHAUS-ARCHIV. Bauhaus 1919-1933</b> . Koln: Taschen, 2006. 256 p HOLLIS, Richard. <b>Design gráfico: uma história concisa</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2001. 248 p. LAVER, James; PROBERT, Christina. <b>A roupa e a moda: uma história concisa</b> . 7. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 285 p. LUCIE-SMITH, Edward. <b>Furniture: a concise history</b> . London: Thames and Hudson, 1979 e 1995. 216 p. RAIZMAN, David Seth. <b>History of modern design: graphics and products since the industrial revolution</b> . 2. ed London: Laurence King, 2010. 432 p.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> História do Design - Design no Brasil
<b>Ementa:</b> Estudos conceituais das informações sobre o Design no Brasil, nos séculos XIX e XX.
<b>Bibliografia Básica:</b> BATTISTONI FILHO, Duilio. <b>Pequena histórias das artes no Brasil</b> . 2. ed. Campinas: Átomo, São Paulo: Edições PNA, 2008. BONSIPE, G.; FERNANDEZ, S (org.) <b>Historia del diseño en América Latina y el Caribe: industrialización y comunicación visual para la autonomía</b> . São Paulo: Editora Blucher, 2008. 371 p. MACHADO, Maria Lúcia. <b>Interiores no Brasil: a influência portuguesa no espaço doméstico</b> . São Paulo: Olhares, 2011. 132 P
<b>Bibliografia Complementar:</b> CARDOSO, Rafael (org.) <b>O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960</b> . São Paulo: Cosac & Naify, 2005. 358 p. MORAES, Dijon De. <b>Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem</b> . São Paulo: Ed. Edgard Blucher, 2006. 290 p. NIEMEYER, Lucy. <b>Design no Brasil: origens e instalação</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 1998. 126 p. SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. <b>FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Móvel moderno no Brasil</b> . São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Edusp, 1995. 198 p SEGAWA, Hugo. <b>Arquiteturas no Brasil: 1900-1990</b> . 3. ed. São Paulo: Edusp, 2010. 224 p.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Fundamentos Humanísticos – Filosofia
<b>Ementa:</b> Estudos sobre as concepções filosóficas que fundamentam a reflexão sobre o design e suas relações com a ciência, a arte e o consumo.
<b>Bibliografia Básica:</b> ADORNO, T., HORKHEIMER, M. <b>Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos</b> . 2 ed. Trad.: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. CHAUI, M. <b>Convite à filosofia</b> . São Paulo: Ática. 2003. FLUSSER, V. <b>O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação</b> . Org.: Rafael Cardoso. Trad.: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Ubu Editora, 2017. 224 pp.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BARBOSA, L., CAMPBELL, C (orgs.) <b>Cultura, Consumo e Identidade</b> . Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. PLATÃO. <b>A república</b> . São Paulo: Nova Cultural, 1997. 352 p. (Os pensadores). KUHN, Thomas S. <b>A estrutura das revoluções científicas</b> . 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. MARX, Karl. <b>O capital: crítica da economia política</b> : livro primeiro, volume 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Abril Cultural, 1984. HEIDEGGER, M. <b>A origem da obra de Arte</b> . Trad. Maria José R. Campos. Kriterion, Belo Horizonte, v.76, p.194-195, jan/jun 1986; v.79/80, p.232-233, jul/1987 a jun/1988; v.86, p.111-133, ago/1992 a dez/1992.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Fundamentos Humanísticos – Sociedade e Cultura
<b>Ementa:</b> Estudos sobre a cultura compreendendo as formas pelas quais as determinações humano societárias (sociais, culturais, artísticas, políticas, etc.) influenciam ou se fazem presentes no design enquanto necessidade, expressão ou manifestação da especificidade dos diferentes contextos socioculturais.
<b>Bibliografia Básica:</b> BONSIPE, Gui. <b>Design, cultura e sociedade</b> . São Paulo: Blücher, 2011. BONSIPE, G. <b>Identidade e contra-identidade do design</b> . In: MORAIS, D., KRUCHEN, L., REYES, P. (orgs.) Cadernos de Estudos Avançados: Identidade. UEMG/Barbacena: EdUEMG, 2010. LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. <b>Os tempos hipermodernos</b> . São Paulo: Barcarolla, 2004.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BARBOSA, L., CAMPBELL, C (orgs.) <b>Cultura, Consumo e Identidade</b> . Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. CAMPBELL, C. <b>Eu Compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno...</b> In: BARBOSA, L., CAMPBELL, C (orgs.) <b>Cultura, Consumo e Identidade</b> . Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. CANCLINI, N. G. <b>O consumo Serve para Pensar</b> . In: CANCLINI, N. G. <b>Consumidores e Cidadãos: conflitos muticulturais da globalização</b> . 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. CELASCHI, F. <b>Design e Identidade: incentivo para o design contemporâneo</b> . In: MORAIS, D., KRUCHEN, L., REYES, P. (orgs.) <b>Cadernos de Estudos Avançados: Identidade</b> . UEMG/Barbacena: EdUEMG, 2010. COELHO, L. A. L. <b>Conceitos-Chave em Design</b> . Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio, Novas Ideias, 2008. LARAIA, R. de B. <b>Cultura: um conceito antropológico</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. Segunda parte: Como Opera a Cultura.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Teoria do Design
<b>Ementa:</b> Análise crítica do design nos diferentes contextos.
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>SCHNEIDER, Beat. Design – Teoria. In :_Design – uma introdução. <b>O design no contexto social, cultural e econômico.</b>São Paulo: Edgard Blucher, 2010. p. 257-270.</p> <p>GLADWELL, Malcolm. <b>(1) Introdução, (2) A teoria das Fatias Finas: como um pouco de conhecimento pode fazer muito e, (3) O dilema de Kenna: a maneira certa - e errada – de perguntar às pessoas o que elas querem.</b> In:___BLINK – A Decisão Num Piscar de Olhos. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda., 2005. P. 9-22, 23-51 e 147-184</p> <p>KAKAZIAN, Thierry. <b>Design e Desenvolvimento Sustentável: haverá a idade das coisas leves.</b> São Paulo: Senac, 2005. p. 27-69.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BONSIEPE, Gui. <b>Assimetria tecnológica – um dilema da periferia.</b> In:_____A Tecnologia da Tecnologia. São Paulo: Edgard Blucher, 1983. p. 13-26</p> <p>DILNOT, Clive. <b>The State of Design History, Part I: mapping the field.</b> In: MARGOLIN, Victor (ed). Design Discourse – History, theory, criticism. Chicago: University of Chicago, 1989. p.213-232</p> <p>FORTY, Adrian. Design, <b>Designers e a Literatura sobre design.</b> In:_____Objetos de Desejo – design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 321-330</p> <p>DILNOT, Clive. <b>The State of Design History, Part II: problems and possibilities.</b> In: MARGOLIN,Victor (ed). Design Discourse – History, theory, criticism. Chicago: University of Chicago, 1989.p. 233-250</p> <p>MARGOLIN, Victor. <b>Design studies as a new discipline.</b> In:_____ (ed). Design Discourse – History, theory, criticism. Chicago: University of Chicago, 1989. p. 3-28</p>

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Teoria do Design - Estudos Aplicados
<b>Ementa:</b> Estudos aplicados da Teoria do Design nos diferentes contextos.
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>SCHNEIDER, Beat. Design – Teoria. In :_Design – uma introdução. <b>O design no contexto social, cultural e econômico.</b>São Paulo: Edgard Blucher, 2010. p. 257-270.</p> <p>GLADWELL, Malcolm. <b>(1) Introdução, (2) A teoria das Fatias Finas: como um pouco de conhecimento pode fazer muito e, (3) O dilema de Kenna: a maneira certa - e errada – de perguntar às pessoas o que elas querem.</b> In:___BLINK – A Decisão Num Piscar de Olhos. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda., 2005. P. 9-22, 23-51 e 147-184</p> <p>KAKAZIAN, Thierry. <b>Design e Desenvolvimento Sustentável: haverá a idade das coisas leves.</b> São Paulo: Senac, 2005. p. 27-69.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BONSIEPE, Gui. <b>Assimetria tecnológica – um dilema da periferia.</b> In:_____A Tecnologia da Tecnologia. São Paulo: Edgard Blucher, 1983. p. 13-26</p> <p>DILNOT, Clive. <b>The State of Design History, Part I: mapping the field.</b> In: MARGOLIN, Victor (ed). Design Discourse – History, theory, criticism. Chicago: University of Chicago, 1989. p.213-232</p> <p>FORTY, Adrian. Design, <b>Designers e a Literatura sobre design.</b> In:_____Objetos de Desejo – design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 321-330</p> <p>DILNOT, Clive. <b>The State of Design History, Part II: problems and possibilities.</b> In: MARGOLIN,Victor (ed). Design Discourse – History, theory, criticism. Chicago: University of Chicago, 1989.p. 233-250</p> <p>MARGOLIN, Victor. <b>Design in History.</b> Design Issues, Chicago, v. 25, n. 2, p. 94-105, 2009.</p>

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Design e Mercado - Fatores econômicos
<b>Ementa:</b> Estudo dos fatores econômicos e de mercado em sua relação com a atividade de design.
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>MANKIW, N. Gregory. <b>Introdução à economia</b>. São Paulo: Cengage Learning, c2010. xxxi, 838 p. ISBN 9788522107056.</p> <p>VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. <b>Economia: micro e macro : teoria e exercícios, glossário com os 300 principais conceitos econômicos</b>. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 441 p. ISBN 8522443211 .</p> <p>MCCRACKEN, Grant David. <b>Cultura &amp; consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo</b>. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. 205 p.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>HUBERMAN, Leo. <b>História da riqueza do homem</b>. 20. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 318 p. (Biblioteca de ciências sociais; Economia)</p> <p>GALBRAITH, John Kenneth; SALINGER, Nicole. <b>A economia ao alcance de quase todos</b>. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 2000. xv, 152 p. (Coleção novos umbrais). ISBN 85-221-0209-0.</p> <p>MANKIW, N. Gregory. <b>Introdução à economia</b>. São Paulo: Cengage Learning, c2014. xxx, 824 p. ISBN 9788522111862.</p> <p>PRADO JÚNIOR, Caio. <b>História econômica do Brasil</b>. São Paulo: Brasiliense, 2006. 364 p. ISBN 85-11-13017-9 .</p> <p>SANDRONI, Paulo. <b>Novíssimo dicionário de economia</b>. 14. ed. São Paulo: Best Seller, 2004. 649 p. ISBN 8571236542 (broch.).</p> <p>SINGER, Paul. <b>Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas</b>. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 139 p. ISBN 85-7244-093-3.</p> <p>VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; ENRIQUEZ GARCIA, Manuel. <b>Fundamentos de economia</b>. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2004. 246 p. ISBN 8502043099 (broch.).</p> <p>VICECONTI, Paulo Eduardo Vilchez; NEVES, Silvério das 1953-. <b>Introdução à economia</b>. 6. ed. rev. ampl. São Paulo: Frase, 2003. xvii, 578 p. ISBN 8587060432 (broch.).</p>

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Design e Mercado – Marketing
<b>Ementa:</b> Estudo dos conceitos e teorias de marketing direcionados à compreensão dos principais instrumentos de análise de estratégias de marketing.
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>GALBRAITH, John Kenneth; SALINGER, Nicole. <b>A economia ao alcance de quase todos</b>. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 2000. xv, 152 p. (Coleção novos umbrais).</p> <p>KOTLER, Philip. <b>Administração de marketing</b>. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. 14. Ed. 765 p.</p> <p>KOTLER, Philip. <b>Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano</b>. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2010. 215 p.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>HUBERMAN, Leo. <b>História da riqueza do homem</b>. 20. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 318 p.</p> <p>KOTLER, Philip. <b>Marketing</b>. São Paulo: Atlas, 1980. 589 p.</p> <p>MANKIW, N. Gregory. <b>Introdução à economia</b>. São Paulo: Cengage Learning, c2014. xxx, 824 p.</p> <p>PRADO JÚNIOR, Caio. <b>História econômica do Brasil</b>. São Paulo: Brasiliense, 2006. 364 p.</p> <p>VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; ENRIQUEZ GARCIA, Manuel. <b>Fundamentos de economia</b>. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2004. 246 p.</p>

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Design e Mercado - Empreendedorismo
<b>Ementa:</b> Estudo da visão sistêmica do mercado e da compreensão de negócio para o desenvolvimento de estratégias de atuação no cenário profissional do designer, vinculados à gestão de projetos e de empreender a profissão como freelancer ou em ou com escritório de design ou em um negócio de design.
<b>Bibliografia Básica:</b> HISRICH, Robert D. <b>Empreendedorismo</b> . 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. x, 662 p. KELLEY, Tom. <b>As 10 faces da inovação: estratégias para turbinar a criatividade</b> . Rio de Janeiro: Elsevier: Campus, 2007. 263 p. KOTLER, Philip. <b>Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano</b> . Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2010. 215 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> FRIED, Jason. <b>Reinvente sua empresa: mude sua maneira de trabalhar</b> . Rio de Janeiro: Sextante, 2012. 187 p. LINDSTRÖM, Martin. <b>A lógica do consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos</b> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 207 p. MADUREIRA, Omar Moore de. <b>Metodologia do projeto: planejamento, execução e gerenciamento : produtos, processos, serviços, sistemas</b> . São Paulo: Blucher, 2010. 359 p. SATO, Yoshihiko. <b>Value analysis tear-down: a new process for product development and innovation</b> . New York: Industrial Press: Society of Manufacturing Engineers, 2005. x, 206 p. VEIGA, José Eli da. <b>Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI</b> . Rio de Janeiro: Garamond, 2010. 226 p.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Design e Ergonomia - Fundamentos
<b>Ementa:</b> Aspectos físicos, cognitivos e mentais da atividade humana aplicados ao projeto de Design. Interface entre o homem e o objeto. Usabilidade. Acessibilidade.
<b>Bibliografia Básica:</b> ABRAHÃO, J.; SZNELWAR, L.; SILVINO, A.; SARMET, M.; PINHO, D. <b>Introdução à ergonomia: da prática à teoria</b> . São Paulo: Blucher, 2009. 240 p. IIDA, Itiro. <b>Ergonomia: projeto e produção</b> . 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Edgard Blucher, 2005. 614 p. ISBN 8521203543. GUÉRIN, F.; LAVILLE, A.; DANIELLOU, F.; DURAFFOURG, J.; KERQUELEN, A. <b>Compreender o trabalho para transformá-lo</b> . São Paulo: Blucher, 2001. 200 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> DUL, J. ; WEERDMEESTER, B. <b>Ergonomia prática</b> . 2.ed. São Paulo: Editora Edgar Blücher, 2004. NORMAN, D. <b>O Design do Dia-a-Dia</b> . Rio de Janeiro: Rocco, 2006. MORAES, Anamaria de. <b>Ergonomia: conceitos e aplicações</b> . Rio de Janeiro: iUsEr, 2003. WISNER, Alain. <b>A Inteligência no Trabalho: textos selecionados de ergonomia</b> . São Paulo: FUNDACENTRO, 1994. LINDSTRÖM, Martin. <b>A lógica do consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos</b> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 207 p.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Design e Ergonomia - Estudos Aplicados
<b>Ementa:</b> Métodos e ferramentas da Ergonomia aplicada a projeto de Design.
<p><b>Bibliografia Básica:</b>          ABRAHÃO, J.; SZNELWAR, L.; SILVINO, A.; SARMET, M.; PINHO, D. <b>Introdução à ergonomia: da prática à teoria</b>. São Paulo: Blucher, 2009. 240 p.          IIDA, Itiro. <b>Ergonomia: projeto e produção</b>. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Edgard Blucher, 2005. 614 p. ISBN 8521203543.          GUÉRIN, F.; LAVILLE, A.; DANIELLOU, F.; DURAFFOURG, J.; KERQUELEN, A. <b>Compreender o trabalho para transformá-lo</b>. São Paulo: Blucher, 2001. 200 p.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b>          BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Norma Regulamentadora No 17. Ergonomia.          CYBIS, W. <b>Ergonomia e Usabilidade: conhecimentos, métodos e aplicações</b>. São Paulo: Novatec, 2007.          DUL, J. ; WEERDMEESTER, B. <b>Ergonomia prática</b>. 2.ed. São Paulo: Editora Edgar Blücher, 2004.          MORAES, Anamaria de. <b>Ergonomia: conceitos e aplicações</b>. Rio de Janeiro: iUsEr, 2003.          WISNER, Alain. <b>A Inteligência no Trabalho: textos selecionados de ergonomia</b>. São Paulo: FUNDACENTRO, 1994.</p>

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Design e Semiótica - Fundamentos
<b>Ementa:</b> Estudo dos signos no campo do Design. Projeto e processos de significação. Semiose e uma noção expandida de projeto. Comunicação, Cognição e linguagem no mundo codificado.
<p><b>Bibliografia Básica:</b>          DENIS, Rafael Cardoso. <b>Design para um mundo complexo</b>. Cosac Naify, 2011.          FLUSSER, Vilém. <b>O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação</b>. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.          SANTAELLA, Lucia. <b>Semiótica aplicada</b>. Cengage Learning Editores, 2012.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b>          DIJON, M et al.. Cadernos de Estudos Avançados: Semiótica. Universidade do Estado de Minas Gerais–Barbacena, 2016.          FARIAS, Priscila; QUEIROZ, João. <b>Visualizando Signos</b>. São Paulo: Blucher, 2017.          PEIRCE, Charles Sanders. <b>Semiótica</b>. Ed Perspectiva. 2010.          PETROSKI, Henry. <b>A evolução das coisas úteis</b>. Zahar, 2007.          ZINGALE, Salvatore. . DIJON, M et al.. Cadernos de Estudos Avançados: Semiótica. Universidade do Estado de Minas Gerais–Barbacena: EdUEMG, p. 63-75, 2016.</p>

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Seminários
<b>Ementa:</b> Apresentação e discussão do vasto universo do design na contemporaneidade, no Brasil e no mundo, enfatizando áreas de atuação no mercado e pesquisa
<p><b>Bibliografia Básica:</b>          BONSIPE, Gui. <b>Design, cultura e sociedade</b>. São Paulo: Blücher, 2011. 270 p. ISBN 9788521205326.          MCCracken, Grant David. <b>Cultura &amp; consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo</b>. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. 205 p.          Tamborrini, Paolo. <b>Design de inovação: do design ao design de sistemas : objetos, relações e comportamento</b>. In: Inovação= Innovation. Barbacena : EdUEMG, 2012. p. 53-63.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b>          Bezerra, Charles. <b>A máquina de inovação: mentes e organizações na luta por diferenciação</b>. Porto Alegre: Bookman, 2011. 81 p. ISBN 9788577807536.          Borja de Mozota, Brigitte; Klöpsch, Cássia; Costa, Filipe Campelo Xavier da. <b>Gestão do design: usando o design para construir valor de marca e inovação corporativa</b>. Porto Alegre: Bookman, 2011. xii, 343 p. ISBN 9788577807826.          Denis, Rafael Cardoso. <b>Design para um mundo complexo</b>. Cosac Naify, 2011          Flusser, Vilém. <b>O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação</b>. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.          Petroski, Henry. <b>Inovação: da idéia ao produto</b>. São Paulo: Edgard Blücher, 2008. viii, 201 p. ISBN 9788521204534.</p>

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Design e Percepção - Fundamentos
<b>Ementa:</b> Estudo dos fatores que formam as premissas para a percepção e compreensão das configurações materiais e imateriais em projetos de design e artes, suas relações teóricas, operacionais e inter-relacionais.
<p><b>Bibliografia Básica:</b>          Arnheim, Rudolf. <b>Arte &amp; Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora</b>. 3. ed.: Nova Versão. São Paulo: Pioneira, 1986. 503 p.          Dondis, Donis A. <b>Sintaxe da Linguagem Visual</b>. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 236 p.          Lupton, Ellen; Phillips, Jennifer Cole. <b>Novos fundamentos do design</b>. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 245, [2] p.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b>          Elam, Kimberly. <b>Geometria do design: estudos sobre proporção e composição</b>. São Paulo: Cosacnaify, 2010. 106 p.          Hoffman, Donald. <b>Inteligência visual: como criamos o que vemos</b>. Rio de Janeiro: Campus, 2001. 251 p.          Joly, Martine. <b>Introdução à análise da imagem</b>. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2006. 152 p.          Lidwell, William; Holden, Kritina; Butler, Jill. <b>Princípios universais do design: 125 maneiras de aprimorar a usabilidade, influenciar a percepção, aumentar o apelo e ensinar por meio do design</b>. Porto Alegre: Bookman, 2010. 272 p.          Vandresen, Monique; Scoz, Murilo; Oliveira, Sandra R. Ramalho e (Org.). <b>Desafios do design</b>. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2014.</p>

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Design e Percepção - Design para os Sentidos
<b>Ementa:</b> Estudos das propriedades e estímulos dos sentidos como estratégia de engajamento emocional na relação design e usuário.
<b>Bibliografia Básica:</b> DONDIS, Donis A. <b>Sintaxe da linguagem visual</b> . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. GUIMARÃES, Luciano. <b>A cor como informação</b> . São Paulo: Anna Blume. 2002. LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. <b>Novos fundamentos do design</b> . São Paulo: Cosac Naify, 2008.
<b>Bibliografia Complementar:</b> GOMES FILHO, João. <b>Design do objeto: bases conceituais</b> . São Paulo, SP: Escrituras, 2012. FARINA, Modesto, PEREZ, Clotilde, BASTOS, Dorinho. <b>Psicodinâmica das cores em comunicação</b> . São Paulo: Editora Blucher, 2006. LÖBACH, Bernd. <b>Design Industrial – bases para configuração dos produtos industriais</b> . São Paulo: Editora Blucher, 2001. NORMAN, Donald A. <b>Design emocional – porque adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia</b> . Rio de Janeiro: Rocco, 2008. NORMAN, Donald A. <b>O design do dia a dia</b> . Rio de Janeiro: Rocco, 2006. PEDROSA, Israel. <b>Da cor à cor inexistente</b> . Rio de Janeiro: Senac Nacional. 2009

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Expressão Gráfica - Oficina de Expressão
<b>Ementa:</b> Estudo de linguagens, métodos, técnicas, processos e meios de captação, registro, criação e aplicação de imagens na representação gráfica manual e digital.
<b>Bibliografia Básica:</b> CHING, Francis D.K., JUROZEK, Steven P. <b>Representação Gráfica para Desenho e Projeto</b> . Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2001. EDWARDS, Betty. <b>Desenhando com o Lado Direito do Cérebro</b> . Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1984. PIPES, Alan. <b>Desenho para Designers</b> . São Paulo: Blucher, 2010.
<b>Bibliografia Complementar:</b> EISSEN, Koos, STEUR, Rosilien. <b>Sketching: Técnicas de desenho para designers de produto</b> . Porto Alegre: Bookman, 2015. HALLWELL, Phillip. <b>À Mão Livre</b> . Volume 1. São Paulo: Editora Cultura, 1995. JULIÁN, Fernando; ALBARRACÍN, Jesús. <b>Desenho para designers industriais</b> . Lisboa: Editorial Estampa, 2005. MARTÍN, Gabriel. <b>Fundamentos do desenho artístico: aula de desenho</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2007. MONTENEGRO, A. Gildo. <b>A Perspectiva dos Profissionais: sombras – insolação – axonometria</b> . São Paulo: Blucher LTDA, 2010. REYNA, Rudy. <b>How to draw what you see</b> . Nova Iorque: Watson Gupstill-Publications, 1972.

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Expressão Gráfica - Desenho e Linguagem Visual
<b>Ementa:</b> Estudo dos elementos da sintaxe visual aplicados às técnicas de representação gráfica.
<b>Bibliografia Básica:</b> GOMES FILHO, João. <b>Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma.</b> São Paulo: Escrituras Editora, 2008. MARTÍN, Gabriel. <b>Fundamentos do desenho artístico: aula de desenho.</b> São Paulo: Martins Fontes, 2007. PIPES, Alan. <b>Desenho para Designers.</b> São Paulo: Blucher, 2010.
<b>Bibliografia Complementar:</b> ALBERS, Josef. <b>A interação da cor.</b> São Paulo: Martins Fontes, 2009. ARNHEIM, Rudolf. <b>Arte e percepção.</b> São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. DONDIS, Donis A. <b>A sintaxe da linguagem visual.</b> São Paulo: Martins Fontes, 2003. GUIMARÃES, Luciano. <b>A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores.</b> São Paulo: Annablume, 2000. WONG, Wucius. <b>Princípios de forma e desenho.</b> São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Expressão Gráfica - Desenho Técnico
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento das linguagens técnicas e gráficas de leitura, interpretação e registro de desenhos dos processos de representação e registro de forma, dimensão e exposição de objetos, requeridos na configuração de projetos de design.
<b>Bibliografia Básica:</b> MANFÉ, G.; POZZA, R. ; SCARATO G. <b>Manual de Desenho Técnico Mecânico.</b> Volume 1. São Paulo: Angelloti Ltda, 1991. SILVA, Arlindo. <b>Desenho técnico moderno.</b> 4.ed. Rio de Janeiro: LTC Ed., 2015. Xviii 475p. SILVA, Sylvio F. da. <b>A Linguagem do Desenho Técnico.</b> Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S. A,1984.
<b>Bibliografia Complementar:</b> ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Coletânea de normas de desenho técnico. São Paulo: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1990. 86 p. CHING, F.; JUROSZEK, S. <b>Representação Gráfica para Desenho e Projeto.</b> Barcelona: Gustavo Gili, 2007. DOCZI, Gyogy. <b>O poder dos limites – Harmonias e proporções na Natureza, Arte e Arquitetura.</b> São Paulo: Mercury, 1990. ESTHEFHÂNIO, Carlos. <b>Desenho Técnico Básico.</b> Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A. 2001. MONTENEGRO, Gildo A. <b>Geometria Descritiva.</b> São Paulo: Edgard Blucher, 1999.

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Expressão Gráfica - Desenho Projetivo - Arquitetônico
<b>Ementa:</b> Representação de projeções de objetos em um ou mais planos relativos às vistas ortográficas e perspectivas, observados os códigos e normas técnicas correspondentes.
<b>Bibliografia Básica:</b> CHING, F.; JUROSZEK, S. <b>Representação Gráfica para Desenho e Projeto</b> . Barcelona: Gustavo Gili, 2007. SILVA, Arlindo. <b>Desenho técnico moderno</b> . 4.ed. Rio de Janeiro: LTC Ed., 2015. Xviii 475p. SILVA, Sylvio F. da. <b>A Linguagem do Desenho Técnico</b> . Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S. A,1984.
<b>Bibliografia Complementar:</b> ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Coletânea de normas de desenho técnico. São Paulo: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1990. 86 p. DOCZI, Gyogy. <b>O poder dos limites – Harmonias e proporções na Natureza, Arte e Arquitetura</b> . São Paulo: Mercuryo, 1990. GIONGO, Affonso Rocha. <b>Curso de Desenho Geométrico</b> . São Paulo: Nobel, 1984. (esg.) MONTENEGRO, Gildo A. <b>Geometria Descritiva</b> . São Paulo: Edgard Blucher, 1999. SILVA, Sylvio F. <b>A Linguagem de Desenho Técnico</b> . São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Ed. 1984.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design e Metodologia - Fundamentos
<b>Ementa:</b> Estudo e planejamento dos métodos de natureza científica, tecnológica e projetual aplicados ao processo de design. Interdependência entre teoria e prática no design. Ensaio metodológicos.
<b>Bibliografia Básica:</b> BÜRDEK, Bernhard. <b>História, teoria e prática do design de produtos</b> . São Paulo: Blücher, 2006. BONSIPE, Gui. <b>Design como prática de projeto</b> . São Paulo: Blücher, 2012. TAI, Hsuan-An. <b>Design: conceitos e métodos</b> . São Paulo: Blucher, 2017 318 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BONSIPE, Gui. <b>Design, cultura e sociedade</b> . São Paulo: Blücher, 2012. PHILLIPS, Peter L. <b>Briefing: a gestão do projeto de design</b> . São Paulo: Blücher, 2008. MORAES, Dijon de. <b>Metaprojeto: o design do design</b> . São Paulo: Blücher, 2010. BERNSEN, Jens. <b>Design: defina primeiro o problema</b> . Florianópolis: SENAI/LBDI, 1995. MORAES; DIAS; COELHO (Org.). <i>Cadernos de estudos avançados em design: método</i> . Barbacena: EdUEMG, 2011.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design e Metodologia - Metodologia Científica
<b>Ementa:</b> Exploração dos conhecimentos práticos do pensar cientificamente, a leitura com método, a introdução à pesquisa científica, a construção de projetos de pesquisa, os procedimentos metodológicos, bem como a produção de artigos científicos.
<b>Bibliografia Básica:</b> CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). <b>Construindo o saber: metodologia científica-fundamentos e técnicas</b> . 11. ed. São Paulo: Papirus, 2001. 175 p. LAVILLE, Christian; SIMAN, Lana Mara de Castro; DIONNE, Jean. <b>A construção do saber: manual de metodologia e da pesquisa em ciências humanas</b> . Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. BONSIPE, Gui. <b>Design como prática de projeto</b> . São Paulo: Blücher, 2012.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BONSIEPE, Gui. <b>Design, cultura e sociedade</b> . São Paulo: Blücher, 2012. MORAES, Dijon de. <b>Metaprojeto: o design do design</b> . São Paulo: Blücher, 2010. MORAES; DIAS; COELHO (Org.). <b>Cadernos de estudos avançados em design: método</b> . Barbacena: EdUEMG, 2011. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Escola de Design. <b>Manual para elaboração e normalização de trabalhos acadêmicos e técnico-científicos</b> . Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. 74 p

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design e Metodologia – Estudos aplicados
<b>Ementa:</b> Estudo e planejamento dos métodos de design aplicados aos diferentes níveis do projeto.
<b>Bibliografia Básica:</b> BÜRDEK, Bernhard. <b>História, teoria e prática do design de produtos</b> . São Paulo: Blücher, 2006. BONSIEPE, Gui. <b>Design como prática de projeto</b> . São Paulo: Blücher, 2012. TAI, Hsuan-An. <b>Design: conceitos e métodos</b> . São Paulo: Blucher, 2017. 318 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> PHILLIPS, Peter L. <b>Briefing: a gestão do projeto de design</b> . São Paulo: Blücher, 2008. MORAES, Dijon de. <b>Metaprojeto: o design do design</b> . São Paulo: Blücher, 2010. BERNSEN, Jens. <b>Design: defina primeiro o problema</b> . Florianópolis: SENAI/LBDI, 1995. MORAES; DIAS; COELHO (Org.). <b>Cadernos de estudos avançados em design: método</b> . Barbacena: EdUEMG, 2011. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Escola de Design. <b>Manual para elaboração e normalização de trabalhos acadêmicos e técnico-científicos</b> . Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. 74 p.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design e Metodologia - Metodologia aplicada ao TCC
<b>Ementa:</b> Estudo e planejamento dos métodos de natureza científica, tecnológica e projetual aplicados ao TCC.
<b>Bibliografia Básica:</b> BONSIPE, Gui. <b>Design como prática de projeto</b> . São Paulo: Blücher, 2012. CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). <b>Construindo o saber: metodologia científica-fundamentos e técnicas</b> . 11. ed. São Paulo: Papyrus, 2001. 175 p. TAI, Hsuan-An. <b>Design: conceitos e métodos</b> . São Paulo: Blucher, 2017. 318 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BERNSEN, Jens. <b>Design: defina primeiro o problema</b> . Florianópolis: SENAI/LBDI, 1995. BÜRDEK, Bernhard. <b>História, teoria e prática do design de produtos</b> . São Paulo: Blücher, 2006. MORAES, Dijon de. <b>Metaprojeto: o design do design</b> . São Paulo: Blücher, 2010. MORAES; DIAS; COELHO (Org.). <b>Cadernos de estudos avançados em design: método</b> . Barbacena: EdUEMG, 2011. PHILLIPS, Peter L. <b>Briefing: a gestão do projeto de design</b> . São Paulo: Blücher, 2008. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Escola de Design. <b>Manual para elaboração e normalização de trabalhos acadêmicos e técnico-científicos</b> . Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. 74 p.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Processo de Criação
<b>Ementa:</b> Conceito, premissas e técnicas do processo criativo na atividade de design e sua aplicação como fator de inovação e renovação de ideias.
<b>Bibliografia Básica:</b> GALVÃO, Marcelo. <b>Criativa mente</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999. KNELLER, George F. <b>Arte e Ciência da Criatividade</b> . Ibrasa, São Paulo, 1978. MUNARI, Bruno. <b>Das coisas nascem Coisas</b> . São Paulo : Martins Fontes, 2008.
<b>Bibliografia Complementar:</b> DE MASI, Domenico. <b>Criatividade e grupos criativos</b> , volume 2 : fantasia e concretude. Rio de Janeiro: Sextante, 2005. DUALIBI, Roberto; SIMONSEN JUNIOR, Harry. <b>Criatividade &amp; Marketing</b> . Nova ed. São Paulo: Markon Books, 2000. OSTROWER, Fayga. <b>Criatividade e processos de criação</b> . 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. PREDEBON, José. <b>Criatividade: abrindo o lado inovador da mente : um caminho para o exercício prático dessa potencialidade, esquecida ou reprimida quando deixamos de ser crianças</b> . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005. VON OECH, Roger. <b>Um “Toc” na Cuca: técnicas para quem quer ter mais criatividade na vida</b> . 10. ed. São Paulo: Cultura ED. Ass. Ltda, 1995.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design e Projeto - Fundamentos
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento de ensaios projetuais de baixa complexidade que possibilitem a compreensão do pensamento e do processo metodológico do design.
<b>Bibliografia Básica:</b> NEUFERT, Ernst. <b>Arte de projetar em arquitetura: princípios, normas, regulamentos sobre projeto, construção, forma, necessidades e relações espaciais, dimensões de edifícios, ambientes, mobiliário, objetos.</b> 17ªed. v.1. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 2004. BÜRDEK, Bernhard E. <b>Design: história, teoria e prática do design de produtos.</b> 2. ed. São Paulo: E. Blucher, 2010. 496 p. ISBN 8521203756 PHILLIPS, Peter L. <b>Briefing: a gestão do projeto de design.</b> São Paulo: Blucher, 2010. xxii, 183 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores:</b> um livro de consulta e referência para projetos. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>NBR 6492:</b> representação de projetos de arquitetura. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1994. 27 p. BONSIEPE, Gui. <b>Design, cultura e sociedade.</b> São Paulo: Blucher, 2011. 270 p. DE MASI, Domenico. <b>Criatividade e grupos criativo:</b> fantasia e concretude. Vol. 2. Rio de Janeiro: Sextante, 2005. 310 p. FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. <b>Manual para normalização de publicações técnico-científicas.</b> 8. ed. rev. e ampl. por Júnia Lessa França e Ana Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007. 255 p. (Coleção aprender) MUNARI, Bruno. <b>Das coisas nascem coisas.</b> 2. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2008. 378 p.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design de Serviços
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o design de serviços.
<b>Bibliografia Básica:</b> BROWN, Tim. <b>Design Thinking: uma abordagem poderosa para decretar o fim das velhas ideias.</b> Tradução Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. CARDOSO, Rafael. <b>Design para um mundo complexo.</b> São Paulo: Cosac Naify; 2012. MAEDA, John. <b>As Leis da Simplicidade: Vida, Negócios, Tecnologia, Design.</b> São Paulo: Novo Conceito, 2007.
<b>Bibliografia Complementar:</b> DISNEY INSTITUTE. <b>O jeito Disney de encantar os clientes: do atendimento excepcional ao nunca parar de crescer e acreditar.</b> prefácio de Michael D. Eisner; tradução Cristina Yamagami. São Paulo: Saraiva, 2011. MARTIN, Roger L. <b>Design de negócios: por que o design thinking se tornará a próxima vantagem competitiva dos negócios e como se beneficiar disso.</b> Tradução Ana Beatriz Rodrigues. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. PINHEIROS, T.D. <b>The service startup: inovação e empreendedorismo através do design thinking.</b> Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2015. SACHS, Ignacy. <b>Caminho para o desenvolvimento sustentável.</b> Tradução: Jos. Lins Albuquerque Filho. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. SCHWARTZ, Barry. <b>O Paradoxo da Escolha: porque mais é menos.</b> Tradução Fernando Santos. São Paulo: A Girafa Editora, 2007. TENNYSON, Pinheiro; ALT, Luis. <b>Design thinking Brasil: empatia, colaboração e experimentação para pessoas, negócios e sociedades.</b> Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual – Escala de Produção
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o design de objetos para pequena, média e grande escala produtiva.
<b>Bibliografia Básica:</b> GROOVER, Mikell P. <b>Automação industrial e sistemas de manufatura</b> . 3. ed. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, [2011]. 581 p. ISBN 978-85-7605-871-7. MANZINI, Ezio. <b>A matéria da invenção</b> . Porto: Centro Português de Design, 1993. 223 p. (Design, tecnologia e gestão ; 3). ISBN 972944501X PAZMINO, Ana Veronica. <b>Como se cria: 40 métodos para design de produtos</b> . São Paulo: Blucher, 2015. 279 p. ISBN 9788521207047.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BAXTER, Mike. <b>Projeto de produto: guia prático para o design de novos produtos</b> . 3. ed. São Paulo: Blucher, 2011. 342 p. BÜRDEK, Bernhard E. <b>Design: história, teoria e prática do design de produtos</b> . São Paulo: E. Blucher, 2006. 496 p. MAEDA, John. <b>As Leis da Simplicidade: Vida, Negócios, Tecnologia, Design</b> . São Paulo: Novo Conceito, 2007. PHILLIPS, Peter L. <b>Briefing: a gestão do projeto de design</b> . São Paulo: Blücher, 2008. TAI, Hsuan-An. <b>Design: conceitos e métodos</b> . São Paulo: Blucher, 2017. 318 p.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design de Identidade
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o design de identidade nos aspectos de sua origem em interface com seus usuários.
<b>Bibliografia Básica:</b> WHEELER, Alina. <b>Design de identidade da marca: um guia completo para a criação, construção e manutenção de marcas fortes</b> . 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. v, 288 p. ISBN 9788577802326 (enc.). ONO, Maristela Mitsuko. <b>Design e multiculturalismo: tecitura polissêmica, multidimensional e variável = design and multiculturalism : a polissemic, multidimensional and variable tissue</b> . In: Multiculturalismo: caderno 1. Belo Horizonte : Santa Clara, 2008. p. 71-80. CARDOSO, Rafael. <b>Design para um mundo complexo</b> . São Paulo: Cosac Naify; 2012.
<b>Bibliografia Complementar:</b> CARVALHO, Alecir Francisco de. <b>Design e identidade : estudo de casos aplicados no Brasil</b> . 2012. 114 f - Universidade do Estado de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Design. KRUCKEN, Lia. <b>Competências para o design na sociedade contemporânea</b> In: Transversalidade: caderno 2 v. 1. Belo Horizonte : Santa Clara, 2008. p. 23-32. SANTOS, Marines Ribeiro dos. <b>Existe design brasileiro?: considerações sobre o conceito de identidade nacional</b> . In: QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro (org.). Design & identidade. Curitiba : Peregrina, 2008. p. 35-50. WATKINSON, Matt. <b>The ten principles behind great customer experiences</b> . London: FT Publishing Financial Times, 2013. MAEDA, John. <b>As Leis da Simplicidade: Vida, Negócios, Tecnologia, Design</b> . São Paulo: Novo Conceito, 2007

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Negócios
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o design aplicado à criação e gestão de negócios.
<b>Bibliografia Básica:</b> BROWN, Tim. <b>Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas idéias.</b> Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2010. 249 p. ISBN 9788535238624. KARSAKLIAN, Eliane. <b>Comportamento do consumidor</b> . 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004. 339 p. ISBN 978-85-224-3779-5. KELLEY, Tom; LITTMAN, Jonathan. <b>As 10 faces da inovação: estratégias para turbinar a criatividade.</b> Rio de Janeiro: Elsevier: Campus, 2007. 263 p. ISBN 9788535224504.
<b>Bibliografia Complementar:</b> PEREIRA, Maurício Fernandes. <b>Planejamento estratégico: teorias, modelos e processos</b> . São Paulo, SP: Atlas, 2010. 2 v. ISBN 978-85-224-5863-9. FRIED, Jason. <b>Reinvente sua empresa: mude sua maneira de trabalhar.</b> Rio de Janeiro: Sextante, 2012. 187 p. ISBN 9788575427637. LINDSTRÖM, Martin. <b>A lógica do consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos.</b> Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 207 p. ISBN 97885209221700. ROSA, Cláudio Afrânio. <b>Como elaborar um plano de negócio.</b> Brasília: SEBRAE, 2009. 120 p. TAVARES, Mauro Calixta. <b>Gestão estratégica.</b> 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010. xx, 434 p. ISBN 9788522460540.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design Experimental
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o design de experimentação.
<b>Bibliografia Básica:</b> BONSIPE, Gui. <b>Design, cultura e sociedade.</b> São Paulo: Blücher, 2011. 270 p. ISBN 9788521205326. GOMES FILHO, João. <b>Design do objeto:</b> bases conceituais : design do produto, design gráfico, design de moda, design de ambientes, design conceitual. São Paulo: Escrituras, 2006. 255 p ISBN 8575312219 (broch.). LUPTON, Ellen (Org.). <b>Intuição, ação, criação:</b> graphic design thinking. São Paulo: Editora G. Gili, 2013. 184 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> CARDOSO, Rafael. <b>Design para um mundo complexo.</b> São Paulo: Ubu, 2016. MAEDA, John. <b>As Leis da Simplicidade:</b> Vida, Negócios, Tecnologia, Design. São Paulo: Novo Conceito, 2007. MAZOTA, Brigitte Borja de. <b>Gestão do design:</b> usando o design para construir valor de marca e inovação corporativa. Porto Alegre: Bookman, 2011. REIS, A.; LAY, M. C. <b>Percepção e análise dos espaços:</b> Desenho Universal. Em: Prado, A.R. Lopes, M.E. e Ornstein, S.W. (orgs.) <b>Desenho Universal: Caminhos para a Acessibilidade no Brasil.</b> São Paulo: Annablume, 2010. p. 105-115. VEIGA, José Eli da. <b>Desenvolvimento sustentável:</b> o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. 226 p. (Garamond universitária)

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design Estratégico
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o design estratégico.
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CARDOSO, Rafael. <b>Design para um mundo complexo</b>. São Paulo: Ubu, 2016.</p> <p>BÜRDEK, Bernhard E. <b>Design: história, teoria e prática do design de produtos</b>. 2. ed. São Paulo: E. Blucher, 2010. 496 p. ISBN 8521203756.</p> <p>PHILLIPS, Peter L. <b>Briefing: a gestão do projeto de design</b>. São Paulo: Blucher, 2008.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores: um livro de consulta e referência para projetos</b>. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.</p> <p>AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. <b>Layout: s.m. um arranjo de partes, etc. de acordo com um plano</b>. Porto Alegre: Bookman, 2009.</p> <p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6492: <b>Representação de projetos de arquitetura</b>. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1994. 27p.</p> <p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: <b>Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos</b>. Rio de Janeiro; 1997. 56 p.</p> <p>MAZOTA, Brigitte Borja de. <b>Gestão do design: usando o design para construir valor de marca e inovação corporativa</b>. Porto Alegre: Bookman, 2011.</p> <p>MORIN, Edgar. <b>Introdução ao pensamento complexo</b>. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. 120 p.</p> <p>SCALETSKY, Celso Carnos. <b>Design estratégico em ação</b>. São Leopoldo: Unisinos, 2016.</p>

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design do Efêmero
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o design do efêmero.
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>DEL NERO, Cyro. <b>Cenografia: uma breve visita</b>. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010. 95p.</p> <p>GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. <b>Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX</b>. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2004. 164p.</p> <p>PREECE, Jenny; ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen. <b>Design de interação: além da interação homem-computador</b>. Porto Alegre: Bookman, 2005. xvi, [8] 548 p. ISBN 8536304944.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. <b>Layout: s.m. um arranjo de partes, etc. de acordo com um plano</b>. Porto Alegre: Bookman, 2009. 175 p.</p> <p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: <b>Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos</b>. Rio de Janeiro; 1997. 56 p.</p> <p>BROWN, Tim. <b>Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas idéias</b>. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2010. 249 p.</p> <p>CHING, Francis D. K. <b>Arquitetura; forma, espaço e ordem</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1998.</p> <p>PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores: um livro de consulta e referência para projetos</b>. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.</p> <p>GRÖNROOS, Christian. <b>Marketing: gerenciamento e serviços</b>. Rio de Janeiro: Campus, 1995. 377 p.</p> <p>VASCONCELOS, Augusto Carlos de. <b>Estruturas da natureza: um estudo da interface entre biologia e engenharia</b>. São Paulo: Studio Nobel, 2000. 311 p. ISBN 85445866 (enc.).</p>

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design Sistemico
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas em um determinado contexto específicas para o design sistemico.
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BERTALANFFY, Ludwig Von. <b>Teoria geral dos sistemas:</b> Fundamentos, desenvolvimento e aplicações. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis:Vozes, 2012. 360 p. Título original: General system theory: foundations, development, applications. ISBN: 978-85-326-3690-4.</p> <p>BISTAGNINO, Luigi. <b>Design sistemico:</b> uma abordagem interdisciplinar para a inovação. In: Moraes; Dias; Krucken (Org.). Cadernos de Estudos Avançados em Design: sustentabilidade II. 2. ed. Belo Horizonte: EdUEMG, 2016 p. 13-29. ISBN: 978-85-62578-35-9.</p> <p>MORAES, Dijon; MARTÍNEZ, Sergio Luiz Peña (Org.). <b>Cadernos de estudos avançados em design:</b> design e cultura. Belo Horizonte: EdUEMG, 2016. 180 p. ISBN: 978-85-62578-63-2.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BENYUS, Janine M. <b>Biomimética:</b> inovação inspirada pela natureza. 12. ed. Tradução de Milton Chaves de Almeida. São Paulo: Cultrix, 2014. 307 p. Título original: Biomimicry. ISBN: 978-85-316-0796-5.</p> <p>BISTAGNINO, Luigi. Design sistemico: <b>Progettare la sostenibilità produttiva e ambientale.</b> Bra: SlowFood, 2011. 310 p. ISBN: 978-88-849-9270-3. (1)</p> <p>BISTAGNINO, Luigi; CORSARO, Sergio; PERUCCIO, Pier Paolo. <b>Design Piemonte.</b> Torino: AgitBeinasco, 2007. 127 p. ISBN 9788895005058.</p> <p>CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. <b>A visão sistêmica da vida:</b> uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014. 615 p. ISBN: 978-85-316-1291-6.</p> <p>KRUCKEN, Lia. <b>Design e território:</b> valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009. 126 p. ISBN: 978-85-213-1496-7.</p>

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design para Todos
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o design Para todos.
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CARDOSO, Rafael. <b>Design para um mundo complexo.</b> São Paulo: Cosac Naify, 2012. 264 p.</p> <p>IIDA, Itiro. <b>Ergonomia:</b> Projeto e produção. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Edgard Blucher, 2005. 614 p.</p> <p>NORMAN, Donald. A. <b>O Design do Dia a Dia.</b> 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 270 p</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: <b>acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamento urbano.</b> Rio de Janeiro; 1997. 56 p. ISBN 850700034 (broch.).</p> <p>MAEDA, John. <b>As Leis da Simplicidade:</b> Vida, Negócios, Tecnologia, Design. São Paulo: Novo Conceito, 2007.</p> <p>PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores: um livro de consulta e referência para projetos.</b> Barcelona: Gustavo Gili, 2002.</p> <p>SCHNEIDER, Beat. <b>Design - uma introdução:</b> o design no contexto social, cultural e econômico. São Paulo: Blücher, 2010. 299 p.</p> <p>TAMBORRINI, Paolo. <b>Design de inovação:</b> do design ao design de sistemas : objetos, relações e comportamento. In: Inovação= Innovation. Barbacena : EdUEMG, 2012. p. 53-63.</p>

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design da Paisagem
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o Design da Paisagem.
<b>Bibliografia Básica:</b> BISTAGNINO, Luigi. <b>Design sistêmico: uma abordagem interdisciplinar para a inovação.</b> In: Sustentabilidade II= Sustainability II. 2. ed. Belo Horizonte : EdUEMG, 2016. p.13-29. MASCARÓ, Juan Luis (Org). <b>Infraestrutura da paisagem.</b> Porto Alegre: Masquatro Editora, 2008. 194p. PANZINI, Franco. <b>Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea .</b> São Paulo: Senac São Paulo, 2013. 720p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> ABBUD, Benedito. <b>Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística.</b> 2. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2006. 207p. DOURADO, Guilherme Mazza. <b>Belle époque dos jardins.</b> São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2011. 252 p. LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira de. <b>Palmeiras no Brasil: nativas e exóticas.</b> São Paulo: Plantarum, 1996. 303p. LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira de. <b>Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras.</b> 3. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2001. 1088 p. MOTLOCH, John L. <b>Introduction to landscape design.</b> 2. ed. New York: John Wiley & Sons, c2001. viii, 369 p. OHTAKE, Ricardo; DIAS, Carlos Alberto Ungaretti. <b>Jardim da Luz: um museu a céu aberto.</b> São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, Sesc, 2011. 239 p.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design de Superfície
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o Design de Superfície.
<b>Bibliografia Básica:</b> FREITAS, Renata Oliveira Teixeira de. <b>Design de superfície: ações comunicacionais táteis nos processos de criação.</b> São Paulo: Blücher, 2011. 105 p. (Coleção pensando o design). ISBN 9788521206330. RUBIM, Renata. <b>Desenhando a superfície.</b> 2. ed. rev. atua. São Paulo: Rosari, 2010. 95, [16] p. (Textos design). ISBN 9788588343962. MACIEIRA, Cássia. RIBEIRO, Juliana Pontes (orgs.). <b>NA RUA: pós-grafite, moda e vestígios.</b> Belo Horizonte: FUMEC, 2007. 146 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> DAY, Lewis F. <b>Pattern Design.</b> New York: Dover Publications Inc., 1999. DOCZI, György. <b>O poder dos limites.</b> São Paulo: Mercuryo, 1990. ELAM, Kimberly. <b>Geometria do design: estudos sobre proporção e composição.</b> São Paulo: Cosacnaify, 2010. FONTOURA, Ivens. <b>Decomposição da forma: manipulação da forma como instrumento para a criação/ Ivens Fontoura.</b> Curitiba: Itaipu, 1982. RÜTHSCHILLING, Evelise Anicet. <b>Design de superfície.</b> Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2008.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design e Luminotecnia
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o design e luminotecnia.
<b>Bibliografia Básica:</b> COSTA, Gilberto José Corrêa da. <b>Iluminação econômica: cálculo e avaliação</b> . 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. OSRAM DO BRASIL. <b>Introdução à Luminotecnia: bases teóricas, iluminação interna e externa</b> . São Paulo:1979. WILHIDE, Elizabeth. <b>Como criar em iluminação</b> . Tradução Bruno Vasconcelos. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2011.
<b>Bibliografia Complementar:</b> CENTRO DE PROJETOS E ENGENHARIA DE ILUMINAÇÃO DA PHILIPS LIGHTING DIVISION. <b>Manual de iluminação: um manual de projetos de instalações de iluminação</b> . Eindhoven, Holanda, 1986. GUERRINI, Délio Pereira. <b>Iluminação: teoria e projeto</b> . 2. ed. São Paulo, SP: Érica, 2008. IIDA, Itiro. <b>Ergonomia, projeto e produção</b> . 2. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2005. MOREIRA, Vinícius Araújo. <b>Iluminação e fotometria: teoria e aplicação</b> . São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 1987. NEUFERT, Ernest. <b>Arte de projetar em arquitetura</b> . 17.ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2005. SILVA, Mauri Luiz da. <b>Led: a luz dos novos projetos</b> . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2012. _____. <b>Luz, lâmpadas e iluminação</b> . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2004.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design e Ambiência
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para diversas ambiências (internas e externas).
<b>Bibliografia Básica:</b> BROOKER, Graeme; STONE, Sally. <b>O que é design de interiores?</b> . São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2014. 256 p PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores: um livro de consulta e referência para projetos</b> . Barcelona: Gustavo Gili, 2005. PHILLIPS, Peter L. <b>Briefing: a gestão do projeto de design</b> . São Paulo: Blucher, 2008.
<b>Bibliografia Complementar:</b> AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. <b>Layout: s.m. um arranjo de partes, etc. de acordo com um plano</b> . Porto Alegre: Bookman, 2009. 175 p. ELALI, G.; PINHEIRO, J. Q. <b>Edificando espaços, enxergando comportamentos: por um projeto arquitetônico centrado na relação pessoa-ambiente</b> . Em: LARA, Fernando; MARQUES, Sonia (Org.). <b>Projetar: Desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto</b> . Rio de Janeiro: EVC, 2003, p. 130-144. ELAM, Kimberly. <b>Geometria do design: estudos sobre proporção e composição</b> . São Paulo: Cosacnaify, 2010. 106 p. GOMES FILHO, João. <b>Design do objeto: bases conceituais : design do produto, design gráfico, design de moda, design de ambientes, design conceitual</b> . São Paulo: Escrituras, 2006. 255 p ISBN 8575312219 (broch.). INTERIORES IV: <b>design de interiores e paisagismo</b> . Belo Horizonte: DPI Editora, 2011. 672 p. NEUFERT, Ernst. <b>Arte de projetar em arquitetura: princípios, normas, regulamentos sobre projeto, construção, forma, necessidades e relações espaciais, dimensões de edifícios, ambientes, mobiliário, objetos</b> . 17ªed. v.1. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 2004.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Prática Projetual - Design da Informação
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas específicas para o Design da Informação.
<b>Bibliografia Básica:</b> BUGAY, Edson L. ULBRITCH, Vânia R. <b>Hipermídia</b> . Florianópolis. Bookstore. DONDIS, Donis A. <b>Sintaxe da linguagem visual</b> . São Paulo: Editora Martins Fontes, 2 edição, 1997. 236 p. PREECE, J; ROGERS, Y; SHARP, H. <b>Design de Interação</b> : além da interação homem-computador. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2013. 585p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BONSIEPE, Gui. <b>Design, Cultura e Sociedade</b> . São Paulo, Blucher, 2011. CARVALHO, Juliana. ARAGÃO, Isabella. <b>Infografia</b> : Conceito e Prática. InfoDesign   Revista Brasileira de Design da Informação. São Paulo v.9 n.3 2012 p. 160 ELAM, Kimberly. <b>Geometria do design</b> : estudos sobre proporção e composição. São Paulo: Cosacnaify, 2010. JACOBSON, Robert E. <b>Information design</b> . Cambridge: Mit Press, 2000. xvi, 357 p. ISBN 026210069X PIGNATARI, Décio. <b>Informação linguagem comunicação</b> . 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, c2003. 155 p. ISBN 8574800791. WURMAN, Richard Saul. <b>Ansiedade de informação</b> . São Paulo: Cultura, 1991. 380 p. ISBN 8529300084.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Trabalho de Conclusão de Curso - TCC 1
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, abordando um tema de escolha ou <i>expertise</i> do aluno na etapa de Qualificação.
<b>Bibliografia Básica:</b> CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). <b>Construindo o saber</b> : metodologia científica-fundamentos e técnicas. 11. ed. São Paulo: Papyrus, 2001. 175 p. ISBN 8530800710. LAVILLE, Christian; SIMAN, Lana Mara de Castro; DIONNE, Jean. <b>A construção do saber: manual de metodologia e da pesquisa em ciências humanas</b> . Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.. PHILLIPS, Peter L. <b>Briefing: a gestão do projeto de design</b> . São Paulo: Blucher, 2008.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BÜRDEK, Bernhard E. <b>Design</b> : história, teoria e prática do desenho industrial. São Paulo: Edgard Blücher, 2005. CARDOSO, Rafael. <b>Design para um mundo complexo</b> . São Paulo: Cosac Naify, 2012. 264 p. MORAES, Dijon de. <b>Metaprojeto: o design do design</b> . São Paulo: Blücher, 2010. TAI, Hsuan-An. <b>Design</b> : conceitos e métodos. São Paulo: Blucher, 2017. 318 p. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Escola de Design. <b>Manual para elaboração e normalização de trabalhos acadêmicos e técnico-científicos</b> . Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. 74 p

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Trabalho de Conclusão de Curso - TCC 2
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso, abordando um tema da vertente do curso de escolha ou <i>expertise</i> do aluno na etapa de aprovação final do curso.
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). <b>Construindo o saber:</b> científica-fundamentos e técnicas. 11. ed. São Paulo: Papyrus, 2001. 175 p. ISBN 8530800710.</p> <p>PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores:</b> um livro de consulta e referência para projetos. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.</p> <p>TAI, Hsuan-An. <b>Design:</b> conceitos e métodos. São Paulo: Blucher, 2017. 318 p.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>GOLDENBERG, Mirian. <b>A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais</b> . 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 107 p.</p> <p>LOBACH, Bernard. <b>Design Industrial.</b> São Paulo: Edgard Blücher, 2001</p> <p>LAVILLE, Christian; SIMAN, Lana Mara de Castro; DIONNE, Jean. <b>A construção do saber:</b> manual de metodologia e da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.</p> <p>MORAES, Dijon de. <b>Metaprojeto: o design do design.</b> São Paulo: Blücher, 2010.</p> <p>PHILLIPS, Peter L. <b>Briefing: a gestão do projeto de design.</b> São Paulo: Blucher, 2008.</p>

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Oficinas Técnicas do TCC
<b>Ementa:</b> Instrumentalização e apoio ao desenvolvimento de <i>mock-up's</i> , modelos e protótipos, e a estruturação de monografia para os Trabalhos de Conclusão de Curso.
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ASHBY, M. F; JOHNSON, Kara. <b>Materiais e design: arte e ciência da seleção de materiais no design de produto.</b> Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2011. vii, 346 p.</p> <p>CALLISTER, William D. <b>Ciência e engenharia de materiais : uma introdução.</b> 7. ed Rio de Janeiro: Ltc, c2008. 705 p. ISBN 9788521619958</p> <p>ESCOLA DE DESIGN – UEMG. <b>Manual para elaboração e normalização de trabalhos acadêmicos e técnico-científicos da ED/ UEMG.</b> Belo Horizonte: 2014. 72 p.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>LIMA, Marco Antonio Magalhães. <b>Introdução aos materiais e processos para designers.</b> Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. viii, 225 p. ISBN 85-7393-420-4.</p> <p>MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. <b>O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais.</b> 1. ed. São Paulo: Edusp, 2002. 366 p.</p> <p>VOLPATO, Neri. <b>Prototipagem Rápida: Tecnologias e Aplicações.</b> São Paulo: Edgard Blücher, 2007. xxi, 244 p. ISBN 8521203888.</p> <p>ALENCAR, Francisco de; BÁRTOLO, Paulo Jorge. <b>A prototipagem rápida e a digitalização ótica no design</b> In: Ensaio em design: produção e diversidade. 1. ed. Bauru : Canal6 Editora, 2012. p. 128-51.</p> <p>FERRANTE, Maurizio. <b>Seleção de materiais.</b> 2. ed. São Carlos: EDUFSCAR, c2002. 286 p. ISBN 9788585173814 (broch.).</p>

Departamento de **Formação Expressiva**

**Disciplina:** Expressão Gráfica - Bidimensional Digital

**Ementa:** Desenvolvimento das linguagens gráficas e técnicas, dos sistemas e processos de representação e dos códigos para registro e configuração de formas e ideias - Bidimensional digital.

**Bibliografia Básica:**

BACHMANN, Albert; FORBERG, Richard. **Desenho técnico** – 4. Ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

MANFÉ, Giovanni; POZZA, Rino; SCARATO, Giovanni. **Desenho Técnico Mecânico: para as escolas técnicas e ciclo básico das faculdades de engenharia: curso completo**. São Paulo: Hemus, c1997. Volume 1, 2 e 3.

BALDAM, Roquemar de Lima; COSTA, Lourenço. **AutoCAD 2011: utilizando totalmente**. São Paulo, SP: Érica, 2010 544 p.

**Bibliografia Complementar:**

ESTHEPHANIO, Carlos. **Desenho Técnico Básico**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

PEREIRA, Aldemar. **Desenho técnico básico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

SILVA, Arlindo, et al. **Desenho técnico Moderno**. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

FINKELSTEIN, Ellen. **AutoCAD 2000/a bíblia**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2000. xxxv, 1273 p.

LEMES, Leonardo. **AutoCAD 2000: guia de consulta rápida**. São Paulo: Novatec, 2000. 126 p.

**NORMAS:**

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 8403 – Aplicação de linhas em desenhos – Tios de linhas – Largura das linhas. Rio de Janeiro:1984.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - NBR 10068 - Folha de desenho – Leiaute e dimensões. Rio de Janeiro: 1987.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - NBR 10126 - Cotagem em Desenho Técnico. Rio de Janeiro: 1987.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - NBR 10582 - Apresentação da folha para desenho técnico. Rio de Janeiro: 1988.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 8402 – Execução de caráter para escrita em desenho técnico. Rio de Janeiro: 1994.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 10067 - Princípios gerais de representação do desenho técnico. Rio de Janeiro: 1995.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 12298 – Representação da área de corte por meio de hachuras em desenho técnico. Rio de Janeiro: 1995.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 8196 – Desenho Técnico – Emprego de escalas. Rio de Janeiro: 1999.

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Expressão Gráfica - Tridimensional Digital
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento das linguagens gráficas e técnicas, utilizando modelagem tridimensional em plataforma digital como instrumento ao processo criativo, com ênfase no raciocínio espacial, geométrico e técnico por meio dos princípios dos sistemas de modelagem, projeção e representação virtual tridimensional de projetos.
<b>Bibliografia Básica:</b> ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS: Coletânea de Normas para Desenho Técnico. São Paulo: Ed. ABNT, 1999. VOLPATO, Neri. <b>Prototipagem Rápida: Tecnologias e Aplicações</b> . São Paulo: Edgard Blücher, 2007. xxi, 244 p. ISBN 8521203888. PROVENZA, Francisco. <b>Projetista de Máquinas</b> . São Paulo: Protec, 1997.
<b>Bibliografia Complementar:</b> SOLIDWORKS CORPORATION. <b>SolidWorks Office Premium: modelagem avançada de montagens</b> . Massachusetts, EUA: SolidWorks Corporation, 2007. BOARDMAN, Ted. <b>3ds max 5/ fundamentos</b> . Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. 448 p. ISBN 8535211721 OLIVEIRA NETTO, Alvim Antônio de. <b>IHC-Interacao humano computador: modelagem e gerencia de interfaces com o usuario: sistemas de infor</b> . 1 ed. [S.l.] Visual Books, 2004. 120 p MONTEIRO, Marco Túlio Ferreira. <b>A impressão 3D no meio produtivo e o design : um estudo na fabricação de jóias</b> . 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Minas Gerais. Escola de Design / Mestrado em Design. _____. <b>A Modelagem de massas termoestáveis no processo de injeção</b> In: Embalagem vende. Rio de Janeiro : Revistas Técnicas n. 12, (ago. 1978), p. 9-17.

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Expressão Gráfica - Detalhamento Construtivo.
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento das linguagens gráficas e técnicas, dos sistemas e processos de representação e dos códigos para registro e configuração de formas e ideias - Detalhamento do Ambiente e seus elementos contituíntes.
<b>Bibliografia Básica:</b> REBELLO, Yopanan C.P. <b>A concepção estrutural e a Arquitetura</b> . 6ª Ed. São Paulo: Ziguarte, 2010. SARAPKZ et al. <b>Desenho arquitetônico básico</b> . 1ª Ed. São Paulo: Pini PIPES, Alan. <b>Desenho para Designers</b> . São Paulo: Blucher, 2010.
<b>Bibliografia Complementar:</b> AZEREDO, Hélio Alves. <b>O edifício e seu acabamento</b> . 2a reimpressão. São Paulo: Edgard Blucher, 1990. CHING, Frank. <b>Arquitetura: forma, espaço e ordem</b> . São Paulo: Martins fontes, 1998. DONDIS, Donis A. <b>A sintaxe da linguagem visual</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2003. GOMES FILHO, João. <b>Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma</b> . São Paulo: Escrituras Editora, 2008. IIDA, Itiro. <b>Ergonomia, projeto e produção</b> . São Paulo: Edgard Blucher, 1990. NEUFERT, Ernest. <b>Arte de Projetar em Arquitetura</b> . São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 1974 WONG, Wucius. <b>Princípios de forma e desenho</b> . São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Expressão Gráfica - Detalhamento do Mobiliário
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento das linguagens gráficas e técnicas, dos sistemas e processos de representação e dos códigos para registro e configuração de formas e ideias - Detalhamento Mobiliário
<b>Bibliografia Básica:</b> CHING, F.; JUROSZEK, S. <b>Representação Gráfica para Desenho e Projeto</b> . Barcelona: Gustavo Gili, 2007. NEUFERT, Ernst. <b>Arte de projetar em arquitetura</b> . Barcelona: Gustava Gili, 2005. PANERO, JULIUS e ZELNIK, MARTIN. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores</b> . Um livro de consulta e referência para projetos. Editora: Gustavo Gili GG. 2003
<b>Bibliografia Complementar:</b> DAGOSTINO, Frank R. <b>Desenho arquitetônico contemporâneo</b> . São Paulo: Hemus, [2006]. DOYLE, Michael E. <b>Desenho a cores: técnicas de desenho de projeto para arquitetos, paisagistas e designers de interiores</b> . Porto Alegre : Bookman, 2002. NEUFERT, PETER e NEFF, LUDWIG. <b>Casa, apartamento, jardim, projetar com conhecimento construir corretamente</b> . Editora Gustavo Gili GG. 2007. OBERG, Lamartine. <b>Desenho Arquitetônico</b> . 22 ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1995. WESTON, RICHARD. <b>Plantas, cortes e elevações</b> . Editora Gustavo Gili GG. 2005.
<b>NORMAS:</b> ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR6492: Representação de projetos de arquitetura, 1994.

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Expressão Gráfica - Detalhamento Sistema Construtivo
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento das linguagens gráficas e técnicas, dos sistemas e processos de representação e dos códigos para registro e configuração de formas e ideias - Detalhamento Sistema Construtivo
<b>Bibliografia Básica:</b> NEUFERT, Ernst. <b>Arte de projetar em arquitetura</b> . Barcelona: Gustava Gili, 2005. PANERO, JULIUS e ZELNIK, MARTIN. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores</b> . Um livro de consulta e referência para projetos. Editora: Gustavo Gili GG. 2003 REBELLO, Yopanan C.P. <b>A concepção estrutural e a Arquitetura</b> . 6ª Ed. São Paulo: Zigate, 2010.
<b>Bibliografia Complementar:</b> AZEREDO, Hélio Alves. <b>O edifício e seu acabamento</b> . 2a reimpressão. São Paulo: Edgard Blucher, 1990. BAUER, L. A. F. (Coord.). <b>Materiais de construção</b> . 5. ed., rev. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2000. 1 v. CHING, Frank. <b>Arquitetura: forma, espaço e ordem</b> . São Paulo: Martins fontes, 1998. COLEÇÃO. <b>Como fazer: guia prático de técnicas, projetos e idéias para o lar</b> . Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1982. IIDA, Itiro. <b>Ergonomia, projeto e produção</b> . São Paulo: Edgard Blucher, 1990.

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Materiais e Processos - Conforto no ambiente
<b>Ementa:</b> Estudo e aplicação dos materiais, dos processos produtivos e dos aspectos pertinentes ao planejamento de projetos – Conforto no ambiente.
<p><b>Bibliografia Básica:</b>  FROTA, A. B.; SCHIFFER, S. R. <b>Manual de Conforto Térmico</b>. 8 ed. São Paulo: Estúdio Nobel, 2003.  BAUER, L. A. F. (Coord.). <b>Materiais de construção</b>. 5. ed., rev. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2000. 1 v.  BOLZANI, C. A. M. <b>Residências Inteligentes</b>: um curso de domótica. 1 ed. São Paulo: Ed. Livraria de Física, 2004.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b>  ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). <b>Iluminação de Ambientes de Trabalho</b>. Parte 1: interior: NBR ISSO /CIE 8995-1. Rio de Janeiro, 2013.  ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). <b>Acústica — Níveis de pressão sonora em ambientes internos a edificações</b>: NBR 10152. Rio de Janeiro, 2017.  LAMBERTS, R.; DUTRA, L.; PEREIRA, F.O.R. <b>Eficiência energética na arquitetura</b>. 2 ed. São Paulo: ProLivros, 1998.  SILVA, P. <b>Acústica arquitetônica &amp; condicionamento de ar</b>. 5 ed. Belo Horizonte: EDTAL, 2005.  VASCONCELOS, A. C. <b>Estruturas da natureza: um estudo da interface entre biologia e engenharia</b>. São Paulo: Studio Nobel, 2000. 311 p.</p>

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Materiais e Processos - Sistemas construtivos e instalações
<b>Ementa:</b> Estudo e aplicação dos materiais, dos processos produtivos e dos aspectos pertinentes ao planejamento e gerenciamento da produção - Sistemas construtivos e instalações.
<p><b>Bibliografia Básica:</b>  A CREDER, Hélio. <b>Instalações hidráulicas e sanitárias</b>. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006 xv, 423 p  PANERO, JULIUS e ZELNIK, MARTIN. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores</b>. Um livro de consulta e referência para projetos. Editora: Gustavo Gili GG. 2003  REBELLO, Yopannan. <b>A concepção estrutural e a arquitetura</b>. 6 ed. São Paulo: Ziguarte, 2010. 271p</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b>  ARRUDA, Paulo Ribeiro de. <b>Instalações elétricas de pequena potência</b>. São Paulo: Discubra, 1960. 109 p.  BAUER, L. A. F. (Coord.). <b>Materiais de construção</b>. 5. ed., rev. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2000. 1 v.  CARDÃO, Celso. <b>Instalações domiciliares</b>. 6. ed. Belo Horizonte: Arquitetura e Engenharia, 1972. 368 p.  MARTIGNONI, Alfonso. <b>Instalações elétricas prediais</b>. 4. ed Porto Alegre: Globo, 1977. 196 p.  NISKIER, Julio; MACINTYRE, Archibald Joseph. <b>Instalações elétricas</b>. 3.ed Rio de Janeiro: LTC, 1996. 532 p. RE, Vittorio. <b>Instalações elétricas domiciliares</b>. São Paulo: Hemus, 1978. 71 p</p>

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Materiais e Processos - Fundamentos
<b>Ementa:</b> Estudo e aplicação dos materiais, dos processos produtivos e dos aspectos pertinentes ao planejamento e gerenciamento da produção – Fundamentos
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BAUER, L. A. Falcão (Coord.). <b>Materiais de construção</b>. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2000. 2 v.</p> <p>CALLISTER, William D. <b>Ciência e engenharia de materiais :uma introdução</b>. 7. ed Rio de Janeiro: Ltc, c2008. 705 p. ISBN 9788521619958</p> <p>LESKO, Jim. <b>Design industrial: materiais e processos de fabricação</b>. São Paulo: E. Blucher, 2004. 272 p. ISBN 85-212-0337-3</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ASHBY, M. F; JOHNSON, Kara. <b>Materials and design: the art and science of material selection in product design</b>. Oxford; Boston, MA: Butterworth-Heinemann, 2002. vii, 336 p.</p> <p>LESKO, Jim. <b>Design industrial: materiais e processos de fabricação</b>. São Paulo: E. Blucher, 2004. 272 p</p> <p>PEREIRA, Andrea Franco. <b>Madeiras brasileiras: guia de combinação e substituição</b>. São Paulo: Blucher, Fapemig, 2013.</p> <p>VASCONCELOS, A. C. <b>Estruturas da natureza: um estudo da interface entre biologia e engenharia</b>. São Paulo: Studio Nobel, 2000. 311 p</p> <p>PANERO, JULIUS e ZELNIK, MARTIN. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores</b>. Um livro de consulta e referência para projetos. Editora: Gustavo Gili GG. 2003</p>

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Materiais e Processos – Iluminação Fundamentos
<b>Ementa:</b> Estudo e aplicação dos materiais, dos processos produtivos e dos aspectos pertinentes ao planejamento de projetos – Iluminação - fundamentos
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>COSTA, Gilberto José Corrêa da. <b>Iluminação econômica: cálculo e avaliação</b>. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.</p> <p>OSRAM DO BRASIL. <b>Introdução à Luminotecnia: bases teóricas, iluminação interna e externa</b>. São Paulo:1979.</p> <p>WILHIDE, Elizabeth. <b>Como criar em iluminação</b>. Tradução Bruno Vasconcelos. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2011.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>CENTRO DE PROJETOS E ENGENHARIA DE ILUMINAÇÃO DA PHILIPS LIGHTING DIVISION. <b>Manual de iluminação: um manual de projetos de instalações de iluminação</b>. Eindhoven, Holanda, 1986.</p> <p>GUERRINI, Délio Pereira. <b>Iluminação: teoria e projeto</b>. 2. ed. São Paulo, SP: Érica, 2008.</p> <p>IIDA, Itiro. <b>Ergonomia, projeto e produção</b>. 2. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2005.</p> <p>MOREIRA, Vinícius Araújo. <b>Iluminação e fotometria: teoria e aplicação</b>. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 1987.</p> <p>NEUFERT, Ernest. <b>Arte de projetar em arquitetura</b>. 17.ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2005.</p> <p>SILVA, Mauri Luiz da. <b>Led: a luz dos novos projetos</b>. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2012.</p> <p>_____. <b>Luz, lâmpadas e iluminação</b>. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2004.</p>

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Materiais e Processos – Iluminação
<b>Ementa:</b> Estudo e aplicação dos materiais, dos processos produtivos e dos aspectos pertinentes ao planejamento de projetos – Iluminação estudos aplicados
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>COSTA, Gilberto José Corrêa da. <b>Iluminação econômica: cálculo e avaliação</b>. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.</p> <p>OSRAM DO BRASIL. <b>Introdução à Luminotecnia: bases teóricas, iluminação interna e externa</b>. São Paulo:1979.</p> <p>WILHIDE, Elizabeth. <b>Como criar em iluminação</b>. Tradução Bruno Vasconcelos. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2011.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>CENTRO DE PROJETOS E ENGENHARIA DE ILUMINAÇÃO DA PHILIPS LIGHTING DIVISION. <b>Manual de iluminação: um manual de projetos de instalações de iluminação</b>. Eindhoven, Holanda, 1986.</p> <p>GUERRINI, Délio Pereira. <b>Iluminação: teoria e projeto</b>. 2. ed. São Paulo, SP: Érica, 2008.</p> <p>IIDA, Itiro. <b>Ergonomia, projeto e produção</b>. 2. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2005.</p> <p>MOREIRA, Vinícius Araújo. <b>Iluminação e fotometria: teoria e aplicação</b>. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 1987.</p> <p>NEUFERT, Ernest. <b>Arte de projetar em arquitetura</b>. 17.ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2005.</p> <p>____. <b>Luz, lâmpadas e iluminação</b>. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2004.</p>

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Materiais e Processos - Aplicados
<b>Ementa:</b> Estudo e aplicação dos materiais, dos processos produtivos e dos aspectos pertinentes ao planejamento e gerenciamento da produção – Aplicados
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BAUER, L. A. Falcão (Coord.). <b>Materiais de construção</b>. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2000. 2 v.</p> <p>CALLISTER JR, W.D. <b>Ciência e Engenharia dos Materiais: Uma Introdução</b>. 5Ed. LTC, São Paulo, 2000</p> <p>LESKO, Jim. <b>Design industrial: materiais e processos de fabricação</b>. São Paulo: E. Blucher, 2004. 272 p. ISBN 85-212-0337-3</p>
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ALMEIDA, Luis Diamantino de Figueiredo e. <b>Resistência dos materiais</b>. 7. ed São Paulo: Erica, 1999. 362 p. ISBN 08571941866 (broch.)</p> <p>ASHBY, M. F; JOHNSON, Kara. <b>Materials and design: the art and science of material selection in product design</b>. Oxford; Boston, MA: Butterworth-Heinemann, 2002. vii, 336 p. ISBN 0750655542</p> <p>DOYLE, Lawrence; LEACHS, James L.; MORRIS, Joe Lawrence; SCHRADER, George F. <b>Processos de fabricação e materiais para engenheiros</b>. São Paulo: Ed. Edgard Blucher : EDUSP, 1962. 639 p.</p> <p>LIMA, Marco Antonio Magalhães. <b>Introdução aos materiais e processos para designers</b>. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. viii, 225 p. ISBN 85-7393-420-4</p> <p>MANO, Eloisa Biasotto. <b>Polímeros como materiais de engenharia</b>. São Paulo: Edgard Blucher, 1991. 197 p. ISBN 8521200609</p> <p>NASH, William A. <b>Resistência dos materiais: resumo da teoria, problemas resolvidos, problemas propostos</b>. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. 384 p. (Coleção schaum)</p> <p>PAIM, Nelson de Souza; SCOTTON, Taiane. <b>Materiais para o setor moveleiro</b>. Porto Alegre: SENAI/RS, 2007. 76 p. (Coleção cartilhas moveleiras ) ISBN 9788560375066.</p>

Na sequência são apresentadas as disciplinas optativas, com suas ementas e conteúdos amplos, acompanhadas de suas bibliografias, ressaltando que o planejamento e construção dos conteúdos específicos deverão acontecer no momento da elaboração do planejamento de aulas das disciplinas ofertadas. Isto se justifica pela necessidade de adequação dos conteúdos às constantes mudanças e demandas emergentes da atividade.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

**Disciplina:** Design e Percepção - Estudos Aplicados

**Ementa:** Estudo dos fatores que formam as premissas da percepção e a compreensão dos aspectos materiais e imateriais de configurações artísticas e de design. Relações multissensoriais no processo de design

**Bibliografia Básica:**

ARNHEIM, Rudolf. **Arte & Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora**. 3. ed.: Nova Versão. São Paulo: Pioneira, 1986. 503 p.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 236 p.

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 245, [2] p.

**Bibliografia Complementar:**

ELAM, Kimberly. **Geometria do design: estudos sobre proporção e composição**. São Paulo: Cosacnaify, 2010. 106 p.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HOFFMAN, Donald. **Inteligência visual: como criamos o que vemos**. Rio de Janeiro: Campus, 2001. 251 p.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2006. 152 p.

LIDWELL, William; HOLDEN, Kritina; BUTLER, Jill. **Princípios universais do design: 125 maneiras de aprimorar a usabilidade, influenciar a percepção, aumentar o apelo e ensinar por meio do design**. Porto Alegre: Bookman, 2010. 272 p.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Design e Semiótica - Estudos Aplicados
<b>Ementa:</b> Experimentações dos conceitos de semiótica aplicados à prática projetual, compreendendo o design como uma praxis semiótica.
<b>Bibliografia Básica:</b> AZEVEDO, Wilton. <b>Os signos do design</b> . 2. ed. São Paulo: Global, 1996. BELCHIOR, Camilo. <b>Reciclando os Sentidos: o papel do design na ressignificação dos objetos</b> . Dissertação (Mestrado em Design). UEMG, Belo Horizonte, 2011. BONSIEPE, Gui. <b>Design como prática de projeto</b> . São Paulo: Blucher, 2012.
<b>Bibliografia Complementar:</b> CARDOSO, Rafael. <b>Design para um mundo complexo</b> . São Paulo: Cosac Naify, 2013. DEELY, John N. <b>Semiótica básica</b> . São Paulo: Ática, 1990. ECO, Umberto. <b>O signo</b> . 2. ed. Lisboa: Presença, c1973. MARTIN, Roger L. <b>Design de negócios: por que o design thinking se tornará a próxima vantagem competitiva dos negócios e como se beneficiar disso</b> . Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2010. VERGANTI, Roberto. <b>Design-driven innovation. Mudando as regras da competição – a inovação radical do significado de produtos</b> . São Paulo: Canal Certo, 2012.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design Sensorial de Produtos
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento de produtos pela ergonomia sensorial; com conhecimentos de percepção e sentidos; abordagem sistêmica; análise de causa e efeito; interação objetos /ambiente /pessoa; mecanismos de monitoramento; percepção e processamento da informação; e aplicação em design de produto
<b>Bibliografia Básica:</b> ARNHEIM, Rudolf. <b>Arte &amp; percepção visual: uma psicologia da visão criadora</b> . 3. ed. ; nova versão São Paulo: Pioneira, 1986. 503 p LINDSTROM, Martin. <b>Brand sense: segredos sensoriais por trás das coisas que compramos</b> . rev. e atua. Porto Alegre: Bookman, 2012. 240p. SILVEIRA, Luciana Martha. <b>Cor, design e consumo</b> . In: QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro (org.). Design & consumo. Curitiba : Peregrina, 2010. p. 35-48
<b>Bibliografia Complementar:</b> BELCHIOR, Camilo. <b>Reciclando os Sentidos: o papel do design na ressignificação dos objetos</b> . Dissertação (Mestrado em Design). UEMG, Belo Horizonte, 2011. BONSIEPE, Gui. <b>Design como prática de projeto</b> . São Paulo: Blucher, 2012. CARDOSO, Rafael. <b>Design para um mundo complexo</b> . São Paulo: Cosac Naify, 2013. GERRITSEN, Frans. <b>Color: apariencia óptica medio de expresión artística y fenómeno físico</b> . Barcelona: Editorial Blume, 1976. 179 p. ISBN 84-7031-440-8. MORAES, Anamaria de; MONT'ALVÃO, Cláudia. <b>Ergonomia: conceitos e aplicações</b> . 3. ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: iUsEr, 2003. 139 p. ISBN 859028624X BALLONE, C.J. <b>Percepção e Realidade em PsiqWeb</b> . Internet, disponível em <a href="http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&amp;idNoticia=206">http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&amp;idNoticia=206</a> /, revisto em 2012

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design de Livros-Objeto
<b>Ementa:</b> Planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades como instrumento para experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas, que estabeleçam conexão entre as áreas do design de produto, design gráfico e artes visuais.
<b>Bibliografia Básica:</b> LUPTON, Ellen. <b>Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes</b> . 2. ed., rev., e ampl. São Paulo, SP: Cosac & Naify, 2013. PAZMINO, Ana Veronica. <b>Como se cria: 40 métodos para design de produtos</b> . São Paulo: Blucher, 2015. SILVEIRA, Paulo. <b>A Página Violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista</b> . Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2008.
<b>Bibliografia Complementar:</b> FRUTIGER, Adrian. Sinais e símbolos: desenho, projeto e significado. São Paulo: Martins Fontes, 1999. KANE, John. <b>Manual dos tipos</b> . Barcelona: GG, 2012. LUPTON, Ellen. <b>A produção de um livro independente: um guia para autores, artistas e designers</b> . Tradução: Mara Lúcia L. Rosa. São Paulo: Edições Rosari, 2011. LUPTON, Ellen (Org.). <b>Intuição, ação, criação: graphic design thinking</b> . São Paulo: Editora G. Gili, 2013. HENDEL, Richard. <b>O design do livro</b> . 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. ROCHA, Michel Zózimo da. <b>Estratégias Expansivas: publicações de artistas e seus espaços moventes</b> . Porto Alegre: M. Z. da Rocha, 2011.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design Cênico
<b>Ementa:</b> Estudo dos conceitos e processos relacionados ao design na criação e desenvolvimento dos elementos visuais e sonoros da produção de um espetáculo teatral.
<b>Bibliografia Básica:</b> BERTHOLD, Margot. <b>História Mundial do Teatro</b> . SP: Perspectiva, 2004. DEL NERO, Cyro. <b>Máquina para os Deuses</b> . São Paulo: SENAC, 2009 PAVIS, Patrice. <b>Dicionário de teatro</b> . São Paulo: Perspectiva, 2001.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BACHELARD, Gaston. <b>A poética do espaço</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2003. BROWN, Tim. <b>Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas idéias</b> . Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2010. DEL NERO, Cyro, <b>Cenografia</b> . São Paulo: Editora Claridade, 2008. GUINSBURG, J. NETTO, J. Teixeira C. (org.). <b>Semiologia do teatro</b> . SP: Perspectiva, 2003. MACHADO, Bernardo Novais da Mata, <b>Do transitório ao permanente - teatro francisco nunes 1950-2000</b> . Belo Horizonte: PBH, 2002. MACHADO, Raul Belém. <b>O arquiteto da cena</b> , Belo Horizonte: Palácio das Artes, 2008. PAVIS, Patrice, <b>A Análise dos espetáculos</b> . São Paulo: Perspectiva, 2003. RATTO, Gianni. <b>Antitratado de Cenografia, variações sobre o mesmo tema</b> . São Paulo: Senac, 1999. SERRONI, J. C. <b>Teatros – uma memória do espaço cênico no Brasil</b> . SP: Senac, 2002. UBERSFELD, Anne, <b>Para ler o teatro</b> , São Paulo: Perspectiva, 2005.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Desenvolvimento de Produtos em Calçados
<b>Ementa:</b> O mercado de calçados e sua relação com a moda. Segmentos e estilos diferenciados no setor calçadista. Materiais tradicionais e alternativos, desenvolvimento de calçados, noções de modelagem e confecção.
<b>Bibliografia Básica:</b> CALDAS, Dario. <b>Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências.</b> Rio de Janeiro: Senac-Rio, 2004. 221 p. O'KEEFFE, Linda. <b>Sapatos: uma festa de sapatos de salto.</b> Colonia: Könnemann, 1996. RENFREW, Elinor; RENFREW, Colin. <b>Desenvolvendo uma coleção: v. crescer, amadurecer; tornar-se mais avançado ou elaborado: sf. conjunto de itens da mesma natureza ou que tem a relação entre si..</b> Porto Alegre: Bookman, 2010.167 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> CALLAN, Georgina O'hara. <b>Dictionary of Fashion and Fashion Designers.</b> London: Thames and Hudson, 1998. CHOKLAT, Aki. <b>Design de sapatos.</b> São Paulo: Senac São Paulo, 2012. 192 p. BOSSAN, Marie-Josèphe. <b>The Art of the Shoe.</b> France: Temporis Collection. 2004. MOTTA, Eduardo. <b>O calçado e a moda no Brasil: um olhar histórico.</b> (s.l.): Assintecal, 2004.2 ex MORRIS, Bethan. <b>Fashion Illustrator – Manual do Ilustrador de Moda.</b> 1ª ed. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2006. OLIVEIRA, Ana Cláudia de; CASTILHO, Kathia (Org.). <b>Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo.</b> Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008. 301 p.

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design de Projeto Editorial
<b>Ementa:</b> Construção de habilidades para execução de projetos editoriais de diferentes complexidades. Experimentação de linguagens técnicas e de semântica e suas relações entre tecnologia, metodologia e significação para a execução projetual. Experimentação de novos suportes de publicação editorial.
<b>Bibliografia Básica:</b> LUPTON, Ellen. <b>Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes.</b> 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Cosac & Naify, 2013. SAMARA, Timothy. <b>Grid: construção e desconstrução.</b> São Paulo: Cosac & Naify, 2007. WHITE, Jan V. <b>Edição e design: para designers, diretores de arte e editores: o guia clássico para ganhar leitores.</b> 2.ed.-. São Paulo: JSN, 2006
<b>Bibliografia Complementar:</b> FLUSSER, Vilém. <b>O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.</b> São Paulo: Cosac Naify, 2007. HASLAM, Andrew. <b>O livro e o designer II: como criar e produzir livros.</b> 2. ed. São Paulo: Rosari, 2010. LUPTON, Ellen (Ed.). <b>A produção de um livro independente: indie publishing: um guia para autores, artistas e designers.</b> São Paulo: Rosari, 2011. LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. <b>Novos fundamentos do design.</b> São Paulo: Cosac Naify, 2008. SUDJIC, Deyan. <b>A Linguagem das coisas.</b> Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Fotografia Básica
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento de habilidades necessárias ao registro fotográfico e técnicas para valorização da fotografia analógica e digital, como linguagem e instrumento de criação.
<b>Bibliografia Básica:</b> DUBOIS, Phillipe . <b>O ato Fotográfico</b> . São Paulo: Papirus,2006. HEDGCOE, John. <b>O novo manual de fotografia</b> . São Paulo: Editora Senac, 2005. TRIGO, Thales. <b>Equipamento fotográfico</b> . São Paulo:Senac,2005.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BARTHES, Roland. <b>A câmara clara</b> : notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. FLUSSER, Vilém. <b>Filosofia da caixa preta</b> . São Paulo: Annablume, 2011. HACKING, Juliet (org.). <b>Tudo Sobre Fotografia</b> . Rio de Janeiro: Editora Sextante. 2012. ROUILLÉ, André. <b>A fotografia: entre documento e arte contemporânea</b> . São Paulo: Editora Senac, 2009. TRIGO, Thales. <b>Equipamento fotográfico</b> : teoria e prática. São Paulo: Ed. SENAC, 2005

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Fotografia: Linguagem e Ensaios Autorais
<b>Ementa:</b> Análise de textos fundamentais para o estudo da fotografia e discussão sobre conceitos que fomentam a produção fotográfica autoral. Estudo do contexto da produção fotográfica contemporânea e suas relações com a história da linguagem fotográfica, da arte e do design. Construção de ensaios fotográficos autorais a partir de experimentações da linguagem.
<b>Bibliografia Básica:</b> BARTHES, Roland. <b>A câmara clara</b> : notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. DUBOIS, Philippe. <b>O ato fotográfico</b> . Campinas: Papirus, 2012. FLUSSER, Vilém. <b>Filosofia da caixa preta</b> . São Paulo: Annablume, 2011.
<b>Bibliografia Complementar:</b> FLUSSER, Vilém. <b>O Universo das Imagens Técnicas: elogio da superficialidade</b> . São Paulo: Annablume, 2008. FONTCUBERTA, Joan. <b>O beijo de Judas - Fotografia e verdade</b> . São Paulo: Gustavo Gili, 2010. MACHADO, Arlindo. <b>A ilusão especular: uma teoria da fotografia</b> . São Paulo: Gustavo Gili, 2015. SOULAGES, François. <b>Estética da fotografia</b> . São Paulo: Editora Senac, 2010. TRIGO, Thales. <b>Equipamento fotográfico</b> : teoria e prática. São Paulo: Ed. SENAC, 2005

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Identidade Visual Aplicada às Corporações
<b>Ementa:</b> Capacitação teórica e prática para planejamento e desenvolvimento de projetos de várias complexidades, visando experimentar e verificar metodologias e aplicações tecnológicas em identidade visual.
<b>Bibliografia Básica:</b> FRUTIGER, Adrian. Sinais e símbolos: desenho, projeto e significado. São Paulo: Martins Fontes, 1999. MUNHOZ, Daniella Michelena. <b>Manual de Identidade Visual - guia para construção.</b> Rio de Janeiro: 2AB, 2009. WHEELER, Alina. <b>Design de identidade da marca.</b> Porto Alegre: Bookman, 2008.
<b>Bibliografia Complementar:</b> FLUSSER, Vilém. <b>O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.</b> São Paulo: Cosac Naify, 2007.mater LUPTON, Ellen. <b>Intuição, ação, criação: graphic design thinking.</b> São Paulo: Gustavo Gili, 2013. LUPTON, Ellen. <b>Novos Fundamentos do design.</b> São Paulo: Cosac Naify, 2008. MEGGS, Philip B., PURVIS, Alston W. <b>História do Design Gráfico.</b> Cosacnaify. 2009. KOPP, Rudinei. <b>Design Gráfico Cambiante.</b> 2 edição. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Materiais de Acabamentos em Design de Ambientes
<b>Ementa:</b> Aprofundamento e desenvolvimento de representações de materiais e de sistemas construtivos em projetos de Design por meio de croquis e modelagem física.
<b>Bibliografia Básica:</b> CHING, Francis D. K.; JUROSZEK, Steven P. <b>Representação Gráfica para Desenho e Projeto.</b> Barcelona: JphnWiley& Sons, 2001.vi, 345p. KNOLL, Wolfgang; HECHINGER, Martin. <b>Maquetas de arquitetura: técnicas y construcción.</b> Barcelona: Gustavo Gili, 2009. 142 p. ISBN 9788425222566 (broch.). PARRAMÓN, José. <b>A perspectiva na Arte.</b> Lisboa: Ed. Presença, 1998.112 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> CONSALEZ, Lorenzo. <b>Maquetes: a representação do espaço no projeto arquitetônico.</b> Barcelona: Gustavo Gili, 2001. 111 p. ISBN 8425218470 (broch.). DOYLE, Michael E.. <b>Desenho a Cores: técnicas de desenho de projeto para arquitetos, paisagistas e designers de interiores.</b> Porto Alegre: Bookman, 2002. PIPES, Alan. <b>Desenho para Designers: habilidade de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentação, técnicas de produção.</b> Tradução de Marcelo A. L. Alves. São Paulo: Ed. Edgard Blücher Ltda., 2010.223 PADILHA, Angelo Fernando. <b>Materiais de engenharia: microestrutura e propriedades.</b> São Paulo: Hemus, 1997. 349 p. ISBN 8528904423 PAIM, Nelson de Souza; SCOTTON, Taiane. <b>Materiais para o setor moveleiro.</b> Porto Alegre: SENAI/RS, 2007. 76 p. (Coleção cartilhas moveleiras ) ISBN 9788560375066.

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Tecnologia das Construções para Design de Ambientes
<b>Ementa:</b> Estudo e aplicação dos materiais, dos processos produtivos e dos aspectos pertinentes ao planejamento e gerenciamento da produção do design de ambientes.
<b>Bibliografia Básica:</b> ASHBY, M. F.; JOHNSON, K.. Materiais e design: arte e ciência da seleção de materiais no design de produto. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2011. FROTA, A. B.; SCHIFFER, S. R. Manual de Conforto Térmico. 8 ed. São Paulo: Estúdio Nobel, 2003. COSTA, E. C. da. Acústica técnica. São Paulo: Edgard Blucher, 2003.
<b>Bibliografia Complementar:</b> LESKO, J.. Design industrial: materiais e processos de fabricação. São Paulo: Edgard Blucher, 2004. DRUESNE, A.. Coleção Folha Decoração & Design. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010. 20 v. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS FABRICANTES DE CHAPAS PARA DRYWALL. Manual de projeto de sistemas Drywall: paredes, forros e revestimentos. São Paulo: Pini, Drywall, 2006. 85 p. ISBN 8572661662 CUNHA, A. G. da; CUNHA, R. R. da. Impermeabilização e isolamento térmico: materiais e especificações. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997 SCHLITTLER, J. P. A.. TV digital interativa: convergência das mídias e interfaces do usuário: design de interação e as novas tecnologias de comunicação. São Paulo: Blucher, 2011.

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Oficina de Joalheria
<b>Ementa:</b> Teoria e prática das técnicas e da tecnologia de ourivesaria envolvidas no desenvolvimento de um produto de joalheria.
<b>Bibliografia Básica:</b> GOLA, E. <b>A Joia: História e Design</b> . São Paulo: SENAC, 2008. KLIAUGA, Andréa M. & FERRANTE, Maurizio. <b>Metalurgia Básica para Ourives e Designers</b> . 1. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009. COPRUCHINSKI, Lélia. <b>A arte de desenhar Joias</b> . Curitiba: Ed. Lélia Copruchinski, 2012.
<b>Bibliografia Complementar:</b> CODINA, C. <b>A joalheria</b> . Lisboa: Estampa. 2000. SCHUMANN, W. <b>Gemstones of the World</b> . New York, Sterling Publishing Co., Inc. 1997. SANTOS, Rita. <b>Joias: fundamentos, processos e técnicas</b> . São Paulo: Editora Senac SP, 2017. DAYÉ, Cláudia; CORNEJO Carlos; COSTA, Engrácia. <b>Joalheria no Brasil: história, mercado e ofício</b> . Barueri, São Paulo: DISAL, 2017. MANO, Eloisa Biasotto. <b>Polímeros como materiais de engenharia</b> . São Paulo: Edgard Blucher, 1991. 197 p. ISBN 8521200609 NASH, William A. <b>Resistência dos materiais</b> : resumo da teoria, problemas resolvidos, problemas propostos. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. 384 p. (Coleção schaum) NASH, William A. <b>Resistência dos materiais</b> . 2. ed. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1982. 521 p. PADILHA, Angelo Fernando. <b>Materiais de engenharia</b> : microestrutura e propriedades. São Paulo: Hemus, 1997. 349 p. ISBN 8528904423

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design de Gemas e Jóias
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento de projetos em gemas e jóias, com abordagem sistêmica de ampliação de valor dos produtos, processos e sistemas de um território.
<b>Bibliografia Básica:</b> GOLA, E. <b>A Joia: História e Design</b> . São Paulo: SENAC, 2008. LIPOVESTKY, G. ROUX, E. <b>O luxo eterno</b> . São Paulo: Cia das Letras, 2005. TEIXEIRA, M. B. S. <b>Design de Joias em Minas Gerais: Construção de uma Identidade</b> . In CASTANEDA et al. Gemas de Minas Gerais. Belo Horizonte, SBG, 2001.
<b>Bibliografia Complementar:</b> MORAES, D. <b>Metaprojeto: o Design do Design</b> . São Paulo: Blucher, 2010. KRUCKEN, L. <b>Design e Território</b> . São Paulo: Nobel, 2009. SKINNER, D. (2013). <b>Contemporary jewelry in perspective</b> . Asheville, NC: Lark Crafts in association with Art Jewelry Forum. ISBN: 978-1454702771 VILLAÇA, N. <b>O novo luxo</b> . São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006. TAIT, H. <b>7000 Years of Jewelry</b> . Londres: British Museum Press, 1986. UNTRACHT, O. <b>Jewelry: Concepts and Technology</b> . New York: Doubleday, 1982.

Departamento de **Formação Tecnológica**

**Disciplina:** Laboratório de Joalheria Contemporânea

**Ementa:**

Estudo dos conceitos e práticas da joalheria contemporânea através da evolução histórica e dos processos tecnológicos utilizados no design de joias. Experimentações laboratoriais a partir da ressignificação de materiais e da utilização do projeto de ornamentos corporais como vetor de um discurso. Análise dos atributos estéticos e simbólicos que podem conferir preciosidade a um determinado artefato.

**Bibliografia Básica:**

GOMBRICH, E. H. **O Sentido de ordem: Um estudo sobre a psicologia da arte decorativa**. Porto Alegre: Bookman 2012.

GOLA, E. **A Joia: História e design**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

MCGRATH, Jinks. **Nueva enciclopedia de técnicas de joyería**. Barcelona: Editorial Acanto, c2011.

**Bibliografia Complementar:**

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARDOSO, R. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

CODINA, C. **A joalheria**. Editora Estampa, Lisboa, 2000.

COPRUCHINSKI, Lélia. **A arte de desenhar jóias**. 1. ed. Curitiba: Edição do Autor, c2011.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Lógica dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FAGGIANI, K. **O Poder do design: da ostentação à emoção**. Brasília: Thesaurus Editora, 2006.

FRASER, T. **Guia completo da cor**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007

JONES, O. **A gramática do ornamento**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: A moda nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Projeto de Mobiliário - conceito e produto
<b>Ementa:</b> Estudo e aplicação de processos metodológicos para o desenvolvimento de projetos de mobiliário.
<b>Bibliografia Básica:</b> SILVA, Arlindo(Org) et al. <b>Desenho técnico moderno</b> . 4. ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2006. BAXTER, Mike. <b>Projeto de produto – Guia Prático para o Design de Novos Produtos</b> . São Paulo: Edgar Blücher Ltda, 1998 GOMES FILHO, João. <b>Ergonomia do objeto; sistema técnico de leitura ergonômica</b> . São Paulo, Escrituras, p.254 p, 2003. SUDJIC, Deyan. <b>A linguagem das coisas</b> . Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010. 223 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> FABRO, Mario. <b>Como construir Móveis Modernos</b> . Portugal: Edições Cetop, COMPLEMENTAR, 1978. LOSCHIAVO SANTOS, Maria Cecília. <b>Móvel Moderno no Brasil</b> . São Paulo: Studio Nobel / Edusp, 1995. PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. <b>Dimensionamento humano para espaços interiores; um livro de consulta e referência para projetos</b> . Barcelona: Gustavo Gili, 2005. NASH, William A. <b>Resistência dos materiais</b> . 2. ed. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1982. 521 p. PADILHA, Angelo Fernando. <b>Materiais de engenharia: microestrutura e propriedades</b> . São Paulo: Hemus, 1997. 349 PAIM, Nelson de Souza; SCOTTON, Taiane. <b>Materiais para o setor moveleiro</b> . Porto Alegre: SENAI/RS, 2007. 76 p. (Coleção cartilhas moveleiras) VIANNA, Maurício; et al. <b>Design Thinking: inovação em negócios</b> . 1. ed. Rio de Janeiro: MJV, 2012.

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Detalhamento técnico e ergonomia aplicada ao mobiliário
<b>Ementa:</b> Técnicas construtivas do mobiliário, documentação técnica do projeto. Conceitos de ergonomia e antropometria contemplando a análise e percepção do conforto no mobiliário e normas técnicas. Relação entre ergonomia, trabalho e produtividade.
<b>Bibliografia Básica:</b> GOMES FILHO, João. <b>Ergonomia do objeto: Sistema técnico de leitura ergonômica</b> . São Paulo: Escrituras, 2010. IIDA, Itiro. <b>Ergonomia: projeto e produção</b> . São Paulo: Edgard Blücher, 2005. PANERO, Julius; ZELNIK, M. <b>Dimensionamento Humano para Espaços Interiores: Um Livro de Consulta e Referência para Projetos</b> . Barcelona: Editoria Gustavo Gili, 2002.
<b>Bibliografia Complementar:</b> ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMA TÉCNICAS. <b>NBR 9050:2015 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos</b> . Rio de Janeiro, 2015. BRASIL. Ministério do trabalho e emprego. <b>Norma Regulamentadora 17 - Ergonomia</b> . MTE, SIT, 1990. GOLA, E. <b>A Joia: História e Design</b> . São Paulo: SENAC, 2008. GUIMARÃES, Lia Buarque de Macedo (Ed.) <b>Ergonomia de Produto – Volume 1: Antropometria, Fisiologia, Biomecânica</b> . 5 ed. Porto Alegre: FEENG/UFRGS, 2004. LIPOVESTKY, G. ROUX, E. <b>O luxo eterno</b> . São Paulo: Cia das Letras, 2005. MORAES, D. <b>Metaprojeto: o Design do Design</b> . São Paulo: Blucher, 2010. TEIXEIRA, M. B. S. <b>Design de Joias em Minas Gerais: Construção de uma Identidade</b> . In CASTANEDA et al. <b>Gemas de Minas Gerais</b> . Belo Horizonte, SBG, 2001.

Departamento de **Formação Projetual**

**Disciplina:** Design e paisagem na micro escala

**Ementa:**

Concepções de espaço, lugar, território e paisagem. Design e cidade. O Design e suas relações com os espaços físicos e sociais na micro escala.

## Bibliografia Básica:

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004

KRUCKEN, Lia. **Design e território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

PANZINI, Franco. **Projetar a natureza**: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea, São Paulo : Senac São Paulo, 2013.

## Bibliografia complementar:

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004

CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo : Companhia das Letras, 2002.

CARLOS, Ana Fani A. **A Cidade**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 15. ed. São Paulo: Global, 2004.

GHEL, Jan. **Cidades para pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LIBÂNIO, Clarice (org.) **Favelas e periferias metropolitanas**: exclusão, resistência, cultura e potência. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2016.

LIBÂNIO, Clarice; NASCIMENTO, Denise Morado (orgs.) **Ocupações Urbanas na região metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2016 .

LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MARQUES, Fabrício. **Uma cidade se inventa**: Belo Horizonte na visão de seus escritores. Belo Horizonte: Scriptum, 2015.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. 3.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro : Record, 2011.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do Espaço**: habitar, fundar, distribuir, transformar. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design e paisagem na macro escala
<b>Ementa:</b> Concepções de espaço, lugar, território e paisagem. Design e cidade. O Design e suas relações com os espaços físicos e sociais na macro escala
<b>Bibliografia Básica:</b> CANEVACCI, Massimo. <b>A cidade polifônica:</b> ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004 KRUCKEN, Lia. <b>Design e território:</b> valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009. PANZINI, Franco. <b>Projetar a natureza:</b> arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea, São Paulo : Senac São Paulo, 2013.
<b>Bibliografia Complementar:</b> APPADURAI, Arjun. <b>Dimensões culturais da globalização.</b> Lisboa: Teorema, 2004. CALVINO, Italo. <b>Cidades Invisíveis.</b> São Paulo : Companhia das Letras, 2002. CARLOS, Ana Fani A. <b>A Cidade.</b> 9. ed. São Paulo: Contexto, 2015. CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. <b>Temas Básicos em Psicologia Ambiental.</b> Petrópolis: Vozes, 2011. FREYRE, Gilberto. <b>Sobrados e mocambos:</b> decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 15. ed. São Paulo: Global, 2004. GHEL, Jan. <b>Cidades para pessoas.</b> 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. LIBÂNIO, Clarice (org.) <b>Favelas e periferias metropolitanas:</b> exclusão, resistência, cultura e potência. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2016. LIBÂNIO, Clarice; NASCIMENTO, Denise Morado (orgs.) <b>Ocupações Urbanas na região metropolitana de Belo Horizonte.</b> Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2016 . LYNCH, Kevin. <b>A Imagem da cidade.</b> 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. MARQUES, Fabrício. <b>Uma cidade se inventa:</b> Belo Horizonte na visão de seus escritores. Belo Horizonte: Scriptum, 2015. PEIXOTO, Nelson Brissac. <b>Paisagens urbanas.</b> 3.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2003. ROLNIK, Raquel. <b>Guerra dos Lugares:</b> a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015. SANTOS, Milton. <b>Por uma outra globalização:</b> do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro : Record, 2011. SEGAUD, Marion. <b>Antropologia do Espaço:</b> habitar, fundar, distribuir, transformar. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016

Departamento de **Formação Projetual**

<b>Disciplina:</b> Design de Embalagem
<b>Ementa:</b> Design de Embalagem: histórico, conceitos, premissas e nomenclaturas. Participação do designer no processo de concepção dos seus aspectos formais e funcionais. A metodologia de desenvolvimento de um projeto aplicado ao design de embalagem.
<b>Bibliografia Básica:</b> MESTRINER, Fabio. <b>Design de embalagem: curso básico.</b> 2. ed., rev. São Paulo: Pearson Makron Books, 2002. XX, 138 p. MESTRINER, Fabio. <b>Design de embalagem: curso avançado.</b> 2. ed., rev. e atual. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, [2005]. XI, 178 p NEGRÃO, Celso; CAMARGO, Eleida. <b>Design de embalagem: do marketing à produção.</b> São Paulo: Novatec, 2008. 336 p
<b>Bibliografia Complementar:</b> PELTIER, Fabrice; SAPORTA, Henri. <b>Design sustentável: caminhos virtuosos.</b> São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2009. 111 p. PEREIRA, José Luis. <b>Planejamento de embalagens de papel.</b> Rio de Janeiro: 2ab, 2003. 93 p. RONCARELLI, Sarah; ELLICOTT, Candace. <b>Design de embalagem: 100 fundamentos de projeto e aplicação.</b> São Paulo: Blucher, 2010. 208 p. SAITO, Hideo. Bottle & label design. <b>Tokyo: Bijutsu Shuppansha</b> , 1990. 224 p. ISBN 4-568-50104-0 MONT'ALVÃO, Cláudia. <b>Design de advertência para embalagens.</b> 2. ed. Rio de Janeiro: 2ab, 2002. 43 p. (Coleção base Design).

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Maquete de Móveis e Espaços Arquitetônicos
<b>Ementa:</b> Planejamento e execução de modelos em escala reduzida. Uso de diferentes materiais e técnicas para construção, montagem e acabamento de móveis e espaços arquitetônicos em escala reduzida.
<b>Bibliografia Básica:</b> GIBERT, Vicenç e López, Josep. <b>A carpintaria.</b> Editora Estampa - Lisboa, 1998. GIBERT, Vicenç e López, Josep. <b>Aula de madeira Marcenaria.</b> Editora Estampa - Lisboa, 2000. LEFTERI, Chris. <b>Como se faz: 82 técnicas de fabricação para design de produtos/</b> Chris Lefteri; tradução Marcelo A. L. Alves. São Paulo: Editora Blucher, 2009.
<b>Bibliografia Complementar:</b> CONSALEZ, Lorenzo; BERTOZZONI, L. <b>Maquetes: a representação do espaço no projeto arquitetônico.</b> . Barcelona: G. Gili, 2001.. 111p. ISBN 8425218470. KNOLL, Wolfgang.; HECHINGER, Martin. <b>Maquetes arquitetônicas.</b> . São Paulo: M. Fontes, 2003.. 141p. ISBN 8533617445. MILLS, Criss. <b>Projetando com maquetes: um guia de como fazer e usar maquetes de projeto de arquitetura.</b> 2.ed.Porto Alegre: Bookman, 2007.. 256p. RAMUZ, Mark. <b>A enciclopédia do trabalho em madeira: o guia de referência essencial para fazer trabalhos em madeira em casa.</b> São Paulo.

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Práticas Fundamentais em Madeira
<b>Ementa:</b> Aplicação de técnicas artesanais e industriais básicas para o uso adequado de ferramentas, máquinas e instrumentos utilizados em oficina de madeira.
<b>Bibliografia Básica:</b> GIBERT, Vicenç e López, Josep. <b>A carpintaria</b> . Editora Estampa - Lisboa, 1998. GIBERT, Vicenç e López, Josep. <b>Aula de madeira - Marcenaria</b> . Editora Estampa - Lisboa, 2000. LEFTERI, Chris. <b>Como se faz: 82 técnicas de fabricação para design de produtos</b> / Chris Lefteri; tradução Marcelo A. L. Alves. São Paulo: Editora Blucher, 2009.
<b>Bibliografia Complementar:</b> ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>NBR 7190: projeto de estruturas de madeira</b> . . Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1997. 107p. CARVALHO, Manfredo de Araujo. <b>Construções de madeira</b> . . Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, c1968. 112 p. GILBERT, Vicenç; López, Josep. <b>Restauro</b> . Lisboa: Ed. estampa. 64 p. LIMA, Marco Antônio Magalhães. <b>Introdução aos Materiais e Processos para Designers</b> . Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2006. RAMUZ, Mark. <b>A enciclopédia do trabalho em madeira: o guia de referência essencial para fazer trabalhos em madeira em casa</b> . São Paulo.

Departamento **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Propriedade Intelectual, Inovação e Empreendedorismo
<b>Ementa:</b> Conceitos relacionados à propriedade Intelectual e inovação; a propriedade intelectual como ferramenta de transferência de tecnologia; conceitos em empreendedorismo. Estudos de casos.
<b>Bibliografia Básica:</b> SILVEIRA, Newton. <b>A propriedade intelectual e as novas leis autorais</b> : propriedade industrial, direito de autor, software, cultivares. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Saraiva, 1998. xiii, 345 p. NOGUEIRA, Marylin; FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ; FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER; SCHOLZE, Simone; CHAMAS, Cláudia Inês. <b>Scientia 2000: propriedade intelectual para a academia</b> . Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2003. 326 p. HISRICH, Robert D; PETERS, Michael P.; SHEPHERD, Dean A. <b>Empreendedorismo</b> . 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. x, 662 p.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BONSIEPE, Gui. <b>Design como prática de projeto</b> . São Paulo: Blucher, 2012. BORGES, Adélia. <b>Design + artesanato: o caminho brasileiro</b> . São Paulo: Terceiro Nome, 2011. CAPRA, Fritjof; LUISI, P. L. <b>A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas</b> . São Paulo: Cultrix, 2014. <b>ECONOMIA criativa: inovação e desenvolvimento</b> : publicação do Programa Institucional de Extensão em cultura e Desenvolvimento. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. 186 p. GIDDENS, Antony. <b>Modernidade e identidade</b> . São Paulo; Jorge Zahar, 2002. HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P. <b>Empreendedorismo</b> . 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. LEFF, Enrique. <b>Saber Ambiental</b> . Petrópolis: Vozes, 2001.

Departamento de **Formação Tecnológica**

<b>Disciplina:</b> Inovação e Tecnologia Social
<b>Ementa:</b> Abordagem crítica e compreensão dos conceitos de inovação social, tecnologia social e sustentabilidade, através de estudo de casos: análise de experiências e desenvolvimento de projetos, dentro do universo da cultura e do design.
<b>Bibliografia Básica:</b> BARBARÁ, Saulo; FREITAS, Sydney (org). <b>Design:</b> gestão, métodos, projetos, processos. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2007. DAGNINO, Renato (org). <b>Tecnologia social:</b> uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2009. (publicação online). BONSIPE, Gui. <b>Design como prática de projeto.</b> São Paulo: Blucher, 2012.
<b>Bibliografia Complementar:</b> ALTEVATER, Elmar. <b>O Preço da Riqueza:</b> Pilhagem ambiental e a nova (des) ordem mundial. Tradução em português Wolfgang Editora. São Paulo: UNESP, 1996. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>NBR/ISO 14040 – Gestão ambiental – Avaliação do ciclo de vida – Princípios e estrutura.</b> Rio de Janeiro, 2001. BORGES, Adélia. <b>Design + artesanato:</b> o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. CAPRA, Fritjof; LUISI, P. L. <b>A visão sistêmica da vida:</b> uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014. GIDDENS, Antony. <b>Modernidade e identidade.</b> São Paulo; Jorge Zahar, 2002. HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P. <b>Empreendedorismo.</b> 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. SINGER, Paul. <b>O capitalismo:</b> sua evolução, sua lógica e sua dinâmica. São Paulo: Moderna, 1987. TRIGUEIRO, André. <b>Mundo Sustentável 2:</b> novos rumos para um planeta em crise - 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Globo. 2012. SILVA, Danilo Émmerson Nascimento. <b>Projetando produtos sociais.</b> Recife: Ed. Universitária UFPE, 2009.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Design Estratégico por meio da Ressignificação
<b>Ementa:</b> Aprofundamento da teoria e prática acerca da inovação radical de significados. Compreensão sobre o processo de atribuição de significação e ressignificação aos artefatos (produto e serviço) do design. Reflexão sobre as mudanças socioculturais na contemporaneidade que reflete na forma como as pessoas atribuem significados às coisas.
<b>Bibliografia Básica:</b> BELCHIOR, Camilo. <b>Reciclando os Sentidos.</b> 1ªed.Contagem, Ed. do autor, 2014. CARDOSO, Rafael. <b>Design para um mundo complexo.</b> São Paulo: Cosac Naify, 2013. BÜRDEK, Bernhard. <b>História, teoria e prática do design de produtos.</b> São Paulo: Blücher, 2006.
<b>Bibliografia Complementar:</b> BAUMAN, Zygmunt. <b>Vida para Consumo.</b> Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. LINDSTROM, Martin. <b>A Lógica do Consumo.</b> São Paulo: Nova Fronteira, 2009. BONSIPE, Gui. <b>Design como prática de projeto.</b> São Paulo: Blucher, 2012. BORGES, Adélia. <b>Design + artesanato:</b> o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P. <b>Empreendedorismo.</b> 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. LEFF, Enrique. <b>Saber Ambiental.</b> Petrópolis: Vozes, 2001. VERGANTI, Roberto. <b>Design-driven innovation.</b> Mudando as regras da competição – a inovação radical do significado de produtos. São Paulo: Canal Certo, 2012.

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

<b>Disciplina:</b> Tópicos sobre história da arquitetura brasileira
<b>Ementa:</b> Análise crítica sobre os ambientes arquitetônicos brasileiros: séculos XVII, XVIII, XIX e XX.
<b>Bibliografia Básica:</b> LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. <b>Arquitetura brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1979. 158p.</b> SEGAWA, Hugo. <b>Arquiteturas no Brasil: 1900-1990. 2ed. São Paulo: Edusp, 1999. 224p.</b> VASCONCELLOS, Sylvio de. <b>Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos. 5ed. rev. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1979. 186 p.</b>
<b>Bibliografia Complementar:</b> BARDI, P.M. <b>História da arte brasileira: pintura, escultura, arquitetura, outras artes. São Paulo: Melhoramentos, 1979. 228p.</b> BAZIN, Germain. <b>Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1983.</b> BURY, John. Myriam Andrade Ribeiro de: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL CASTRIOTA, Leonardo Barci. <b>Arquitetura da modernidade. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. 284p.</b> FABRIS, Annateresa. <b>Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo: Liv. Nobel: Ed. da USP, 1987. 296p.</b> LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. <b>História da Casa Brasileira. São Paulo: Contexto, 1989.</b> MENDES, Francisco Roberval; VERISSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. <b>Arquitetura no Brasil: de Dom João VI a Deodoro. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011. 179p.</b> REIS FILHO, Nestor Goulart. <b>Quadro da arquitetura no Brasil. 11 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. 211p.</b> SOUSA, Alberto. <b>Arquitetura neoclássica brasileira: um reexame. São Paulo: Pini, 1994. 120p.</b> VERISSIMO, Francisco Salvador. BITTAR, William Seba Mallmann. <b>500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de morada. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. 141p.</b>

Departamento de **Formação Expressiva**

<b>Disciplina:</b> Práticas Criativas em Design e Arte Contemporânea
<b>Ementa:</b> O desenho na arte contemporânea e sua relação com outras áreas, como design, pintura, escultura, gravura, instalação e performance.
<b>Bibliografia Básica:</b> ARNHEIM, R. <b>Arte e Percepção Visual. São Paulo: Cengage Learning, 2011.</b> CARDOSO, Rafael. <b>Uma introdução à história do design. 3. ed. totalmente rev. e ampl. São Paulo: E. Blücher, 2008. 273 p.</b> OSTROWER, F. <b>Criatividade e Processos de Criação. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.</b>
<b>Bibliografia Complementar:</b> ARCHER, M. <b>Arte Contemporânea: Uma História Concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</b> BEIGUELMAN, G., CAFFÉ, C. <b>São Paulo na Linha. São Paulo: Ed. DBA, 2000.</b> DERDYK, E., org. <b>Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo: Senac, 2007.</b> DEXTER, E. <b>Vitamin D: New Perspectives in Drawing. London: Phaidon Press, 2005.</b> FERREIRA, G. e COTRIM, C. <b>Escritos de Artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.</b> HOPTMAN, L. <b>Drawing Now: Eight Propositions. New York: MoMA, 2002.</b> KRAUSS, R. [1979]. <b>A Escultura no Campo Ampliado. Arte &amp; Ensaios, ano XV, n. 17, dez. 2009, p. 128-137.</b> LAGNADO, L. <b>São Tantas as Verdades: Leonílson. São Paulo: SESI, 1995.</b> LIPPARD, L. and CHANDLER, J. [1968]. <b>A Desmaterialização da Arte. Arte &amp; Ensaios, ano XX, n. 25, maio 2013, p. 150-165.</b> OSTROWER, F. <b>Universos da Arte. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1998.</b>

Departamento de **Formação Sócio-Humanística**

**Disciplina:** Libras - Instrumental

**Ementa:**

Instrumentalizar a comunicação da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais com configurações físicas, expressões, morfologia, diálogos, noções de tempo e hora, música, diálogo e conversação.

**Bibliografia Básica:**

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

GESSER, Audrei. **Libras que língua e essa**. [S.l.] Parábola Editorial, 2015

QUADROS, RONICE M. DE.; KARNOPP, LODENIR B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**Bibliografia Complementar:**

ALLAN, K. () **Classifiers**. *Language*, 53: 285-311, 1977.

KARNOPP, Lodenir B.; MACHADO, Rodrigo N. **Literatura surda: ver histórias em língua de sinais**. 2 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (CD) – 2SBECE. Canoas: ULBRA, 2006.

CAPOVILLA, F. C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**, Volume I: Sinais de A a M. 3.ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2008.

CAPOVILLA, F. C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**, Volume II: Sinais de M a Z. 3.ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2008.

LACERDA, Cristina B.F. de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Cad. CEDES [online]. 1998, vol.19, n.46, pp.68-80.

## 8.8 Monitoria

A monitoria é uma atividade acadêmica que “compreende exercício de atividades de caráter técnico-didático, desenvolvidas por discentes no âmbito de determinada disciplina, sob a orientação direta do respectivo docente” (UEMG, 2017).<sup>6</sup>

Além de enriquecer o currículo dos cursos, a monitoria pode também contribuir para estimular o interesse pela carreira docente, incentivando a participação dos alunos em projetos de pesquisa e extensão dos professores. Semestralmente, o número de vagas para monitoria será definida pelos colegiados de cursos, ouvidos os professores para avaliação da indicação das disciplinas que terão esse aporte.

## 9. INFRAESTRUTURA FÍSICA

A biblioteca da Escola de Design da UEMG reúne um organizado, grande e valioso acervo composto por títulos específicos da área de design e livros de outras áreas do conhecimento. Em março de 2019 são 12.300 títulos e 32.200 itens, todos devidamente indexados. Destacam-se 523 títulos de dissertações e teses. Este acervo atende às referências de bibliografias básicas e complementares.

Deste acervo também fazem parte vários periódicos nacionais e internacionais constando 544 títulos e produções audiovisuais (CDs, DVDs etc). A biblioteca facilita o acesso a todos os serviços por meio do sistema informatizado Pergamum no link:

---

<sup>6</sup> Ver Uemg (2017), SEÇÃO IV.

[http://200.198.28.130:8080/pergamumweb/home\\_geral/login.jsp](http://200.198.28.130:8080/pergamumweb/home_geral/login.jsp) e também em mobiles: <http://200.198.18.141/pergamum/mobile/index.php>. Nos sistemas informatizados é possível realizar consultas, renovação e reserva de todo o material disponível. Os usuários têm acesso aos títulos, referências bibliográficas e capas, além de sumários e resumos.

Outros serviços oferecidos pela Biblioteca incluem o acesso ao Portal de Periódicos da Capes <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez171.periodicos.capes.gov.br/>, orientações sobre o uso da biblioteca, empréstimo domiciliar em qualquer biblioteca da UEMG Campus BH e também o empréstimo em outras bibliotecas de Belo Horizonte. Os usuários podem também contar com os Boletins de Alerta de Novas Publicações, boletins bibliográficos sobre temas específicos que são publicados no site <http://www.ed.uemg.br/>. Para a prestação dos seus serviços, a Biblioteca da Escola de Design dispõe de 4 cabines individuais, 3 salas para estudo em grupo com 6 estações em cada uma e 6 computadores de uso público. O acervo da Biblioteca na área de Ciências Sociais Aplicadas conta com 2.501 títulos , sendo 5.031 exemplares; 133 periódicos sendo 5.146 exemplares.

A infraestrutura laboratorial que oferece suporte aos cursos da Escola de Design está atrelada aos Centros de pesquisa:

Laboratório e Estúdio Fotográfico

Laboratório de Edição de Som e Imagem

Laboratório de Pesquisa e Tratamento de Imagens

Laboratórios Integrados de Modelagem, Prototipagem e Ensaio Universais

Laboratórios de Estudos e Ensaio Ergonômicos e Sensoriais

Laboratório de Tipografia

Laboratório de Ouro e Ligas Metálicas

Laboratório de Lapidação e Artesanato Mineral

Laboratório de Prototipagem Rápida

Laboratório de Ensaio Cerâmicos

Laboratório de Informática – para aprendizagem acadêmica com 41 estações de trabalho

Arquivo de Som e Imagem

O curso conta com a estrutura de 20 salas de aulas, equipadas com equipamentos de áudio-visual, mesas e cadeiras para atividades de projeto, e cadeiras próprias para aulas teóricas, com capacidade para 45 alunos em sua maioria. Conta com espaços disponíveis para atividades

culturais e exposições de projetos acadêmicos e, ainda, com dois anfiteatros com capacidade para 20 alunos cada.

## **10. ESTRUTURA ACADÊMICO- ADMINISTRATIVA**

### **10.1 Núcleo Docente Estruturante – NDE**

Conforme resolução COEPE/UEMG no. 162/2016, o Núcleo Docente Estruturante\_NDE é órgão consultivo, que atua no acompanhamento do curso durante os processos de concepção, consolidação, avaliação e contínua atualização do seu Projeto Pedagógico do Curso – PPC. O NDE tem como atribuições: I – contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso; II – zelar pela integração interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo; III – identificar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso; IV – zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação; V – encaminhar, para apreciação do Colegiado de Curso, os estudos e propostas. Para assuntos específicos ao curso Núcleo se reúne ordinariamente, pelo menos uma vez por semestre e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo Presidente ou pela maioria de seus membros. Nos assuntos genéricos que tocam todos os cursos o NDE do curso se integra aos demais NDEs para as discussões e deliberações conjuntas, a fim de resguardar a integração prevista neste documento.

### **10.2 Colegiado de Curso**

Segundo a Seção III do Estatuto da Universidade do Estado de Minas Gerais, o Colegiado de Curso será constituído por: I – representantes dos departamentos que participam do curso, eleitos pelos respectivas Câmaras Departamentais; II – representantes dos professores que participam do curso, eleitos por seus pares; III – representantes dos estudantes matriculados no curso, escolhidos na forma do Estatuto e do Regimento Geral. Parágrafo único. Juntamente com os representantes serão eleitos suplentes, com mandato vinculado, para substituí-los em suas faltas ou impedimentos. O colegiado reúne-se sob demanda do próprio curso e comunidade acadêmica.

### 10.3 Programa de Apoio aos Discentes

Conforme previsto na Resolução CEE/MG 469/2019, os programas de apoio ao discente viabilizam sua permanência no curso, estimulam a iniciação científico-tecnológica ou de inovação e, ou a participação em atividades artístico-culturais e de extensão universitária. A assistência estudantil para a Universidade do Estado de Minas Gerais foi regulamentada em março de 2018, com a publicação do decreto 47.389/2018. Os auxílios estudantis serão destinados a moradia, alimentação, transporte, auxílio creche e auxílio psicopedagógico. Ao mesmo tempo, tanto calouros como veteranos poderão sempre contar com a colaboração da Coordenadoria de Assuntos Estudantis e Comunitários, vinculada à Pró-Reitoria de Extensão (Proex). Ressaltamos que observadas as legislações específicas, o atendimento aos estudantes com necessidades educacionais especiais é realizado de forma a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras. Além de oferecer profissional técnico de acompanhamento individual em sala de aula, quando necessário, a Universidade disponibiliza atendimento por meio do NÚCLEO DE APOIO AO ESTUDANTE – NAE. O NAE, em suas ações, propõe a democratização do acesso e a promoção de condições de permanência dos estudantes na universidade, seja na orientação e no acompanhamento especializado, seja no atendimento de demandas de acessibilidade educação inclusiva, contribuindo para integração psicossocial, acadêmica e profissional do estudante.

### 10.4 Departamentos da Escola de Design

As unidades departamentais da Escola foram estruturadas de forma a organizar os blocos de conteúdos afins relacionados aos aspectos e níveis do processo de design. A estrutura proposta acompanha os Eixos de Formação com disciplinas agrupadas em blocos de conteúdos afins. Os conteúdos estão agrupados em 4 (quatro) blocos, que compõem a estrutura departamental da escola conformada pelos seguintes departamentos:

#### **Departamento de Formação Sócio-Humanística**

Grupo de conteúdos destinados ao estudo e compreensão dos diferentes aspectos do contexto sociocultural do design. Seus estudos contemplam aspectos de ciências como a sociologia, a antropologia, a história, a linguística, a educação, a arqueologia, a política, a pedagogia, a comunicação, a semiótica, a psicologia, que auxiliam na compreensão dos elementos únicos de cada comunidade, sociedade e etnia.

### **Departamento de Formação Expressiva**

Compreende o grupo de conteúdos voltados ao uso e aplicação das linguagens que permeiam o processo de design, constituídos de sistemas de símbolos ou sinais instituídos como signos sonoros, gráficos, gestuais, etc., da linguagem verbal e não verbal. Suas disciplinas abrangem o significado de expressar nas dimensões de exprimir, representar e significar.

### **Departamento de Formação Tecnológica**

Compreende as disciplinas que medeiam as atividades de design, tanto do projeto, como dos processos produtivos e organizacionais, relacionadas à aplicabilidade de ferramentas, serviços e métodos tecnológicos implícitos na relação entre design, inovação e tecnologia.

### **Departamento de Formação Projetual**

Integrado pelas disciplinas diretamente relacionadas à prática projetual, compreende conteúdos de compreensão do pensamento e do processo de design, que evoluem para problemas complexos, complementado pela gestão da integralidade do processo, seus diferentes métodos, ferramentas, tecnologias, sua função social, etc.

Os conteúdos de Formação Variável estão distribuídos nos quatro departamentos, conforme a afinidade de conteúdos das disciplinas com a natureza do departamento.

Os atuais departamentos da Escola de Design foram devidamente analisados e, portanto, fez-se a correspondência entre os departamentos do Projeto Pedagógico atual (2003) e o proposto neste documento, conforme o quadro a seguir:

<b>DEPARTAMENTO ATUAL</b>	<b>DEPARTAMENTO PROPOSTO</b>
:: DEPARTAMENTO CONTEXTUALIZAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO – DECF	:: DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO SÓCIO-HUMANÍSTICA
:: DEPARTAMENTO SISTEMAS DE UTILIZAÇÃO – DESU	:: DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO EXPRESSIVA
:: DEPARTAMENTO SISTEMAS DE PRODUÇÃO – DESP	:: DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO TECNOLÓGICA
:: DEPARTAMENTO PLANEJAMENTO E CONFIGURAÇÃO – DEPC	:: DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO PROJETUAL

## **11. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como qualquer processo de mudança, esta proposta de PPC deve ser uma grande ação de comprometimento de toda a comunidade acadêmica da Escola de Design, que apenas se concretizará se todos os atores envolvidos se comprometerem a executá-la. Destacamos a importância do trabalho integrado de todo o corpo docente, considerando em especial as tantas contribuições que os professores recém admitidos poderão trazer de suas experiências e de outras áreas do conhecimento na construção de novas interfaces com o design. Dentro do amplo conceito de Escola Aberta, o planejamento desta ação deverá se efetuar por meio de um trabalho integrado desta comissão com os Colegiados dos Cursos, o Núcleos Docentes Estruturantes e os Departamentos da Escola, apoiados pela Diretoria da Escola de Design. O planejamento das ações se dará após a aprovação deste projeto, partindo de sua ampla difusão entre professores e alunos. Para a sua efetiva implementação, no entanto, esta comissão considera indispensável e em primeiro plano a sensibilização e preparação do corpo docente.

## 12. REFERÊNCIAS

AIGA- American Institute of Graphic Arts. Disponível em: <[www.aiga.org](http://www.aiga.org)>. Acesso em: maio de 2016.

ANDERSON, C. **A cauda longa**. Elsevier Brasil, 2006.

BOMFIM, G. A. **Algumas considerações sobre a Teoria e Pedagogia em Design**. Estudos em Design, vol. 7, pg . Rio de Janeiro: AENDBr, 1999.

BRANDÃO, P. **As profissões do desenho**: notas sobre a interdisciplinaridade. In: A alma do design. Cadernos de Design, Ano 8. Nº 21/22. Centro Português de Design. Lisboa, 2004.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 99 de 14 de dezembro de 2017. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 1988.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Decreto de 09 de novembro de 1995**. Estabelece o Programa Brasileiro de Design - PBD. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de diretrizes, bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 5 de 8 de março de 2004**. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design e dá outras providências. Brasília: Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Superior, 2004a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004**. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências Brasília: Diário Oficial da União, 2004b.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria de Economia Criativa**: política, diretrizes e ações. 2011-2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020**. Coordenação Pessoal de Nível superior. Brasília: CAPES, 2010a. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/plano-nacional-de-pos-graduacao>>. Acesso em: 13 de junho de 2017.

BRASIL. Senado Federal. **Lei nº 12.305/10 de 02 de agosto de 2010**. Estabelece a Política Nacional dos Resíduos Sólidos - PNRS, sob o Ministério do Meio Ambiente. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2010b.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências – ANEXO: Plano Nacional de Educação 2014-2024). Brasília: Diário Oficial da União, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017**. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. Brasília: DOU, 2017a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância: reconhecimento e renovação de reconhecimento**. Brasília: Inep/MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017b. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/instrumentos>>. Acesso em: 06 de março de 2018.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CENTRO BRASIL DESIGN. **Diagnóstico sobre o Design no Brasil**. Curitiba, 2014.

COUTO, R.M.S; FARBIARZ, J.L; NOVAES, L. **Gustavo Amarante Bomfim: uma coletânea**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014.

DELEUZE, G.; GUATARI, F. **Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed.34, 1997  
GALLO, S. Transversalidade e educação: pensando uma educação não disciplinar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX. **Extensão Universitária: Organização e Sistematização**. COOPMED: Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>> Acesso em outubro de 2018.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX. **Política nacional de extensão universitária**. COOPMED: Manaus, 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>> Acesso em outubro de 2018.

GALLO, S. **Transversalidade e educação: pensando uma educação não disciplinar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, 2017. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101566\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101566_informativo.pdf). Acesso em: mar. 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Índice nacional de preços ao consumidor amplo - IPCA: series históricas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

JESUS, F.P. **Práticas Pedagógicas: a criação de espaços híbridos para a formação do docente contemporâneo**. VII CONNEPI. Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. Palmas – Tocantins. 2012.

LAURO, R. **Currículo rizomático: três princípios**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/11/23/curriculo-rizomatico-tres-principios/>. Acesso em: maio de 2016.

MANZINI, E.; MARGOLIN, V. **Carta Aberta para a Comunidade de Design: Levante pela Democracia**. Chicago, 2017. Disponível em: <<http://unisinos.br/seedinglab/index.php/2017/04/18/271/>>. Acesso em: maio de 2018.

MINAS GERAIS. **Lei Estadual nº 22.570 de 05 de junho de 2017**. Dispõe sobre as políticas de democratização do acesso e de promoção de condições de permanência dos estudantes nas instituições de ensino superior mantidas pelo Estado. Belo Horizonte: Minas Gerais Diário do Executivo, 2017.

MINAS GERAIS. **Resolução nº 469, de 28 de fevereiro de 2019**. Estabelece normas relativas à regulação do ensino superior do Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais e dá outras

providências. Belo Horizonte: Minas Gerais - Diário do Executivo, 2019. Disponível em: < <http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/handle/123456789/219018>>. Acesso em: Abril de 2019.

MOZZOTA, B.B. **Gestão do Design**: usando o design para construir valor de marca e inovação cooperativa. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MUSSAK, E. **Capacitar é dar autonomia e autoconfiança**: Percepção motivação.2010. Disponível em: < <http://lapazcapacitat.blogspot.com.br//2010/04/capacitar-e-dar-autonomia-e.html?m=1>>. Acesso em: abril de 2016.

OWEN, C. **Considering Design Fundamentally**. Design Process Newsletter. Vs nº 3. Chicago Illions Institute: 1993.

REDIG, J. "**Não há cidadania sem informação, nem informação sem design**." Revista Brasileira de Design da Informação 1.1 (2004): 2004.

SCHON, D. **The reflective practitioner**: how professionals think in action. New York: Basic Books, 1983 SWANN, C. Action research and the practice of design. Massachussets Institute of Technology. Design Issues: volume 18, nº 2. Winter 2002.

SCHWARTZ, P. **Cenários**: as surpresas inevitáveis. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SIMON, H. A. **As ciências do artificial**. Coimbra: Press Paperback Editions, 1970.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UEMG). **Plano de Desenvolvimento Institucional UEMG - PDI | 2015-2024**. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: [http://intranet.uemg.br/comunicacao/arquivos/PDI\\_final\\_site.pdf](http://intranet.uemg.br/comunicacao/arquivos/PDI_final_site.pdf). Acesso em: Junho de 2018.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UEMG). **Resolução nº 162 15 de fevereiro de 2016**. Institui o Núcleo Docente Estruturante no âmbito dos Cursos de Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: [http://www.uemg.br/arquivos/2016/pdf/Rcoepe162\\_16-Na-Integra.pdf](http://www.uemg.br/arquivos/2016/pdf/Rcoepe162_16-Na-Integra.pdf). Acesso em: Junho de 2018.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UEMG). **Resolução nº 374 de 26 de outubro 2017**. Dispõe sobre o Regimento Geral da Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://www.uemg.br/arquivos/2017/pdf/Rconun2017-374.pdf>. Acesso em: Junho de 2018.

## 12.1 Legislações

DECRETO Nº 5.626/2005

DECRETO Nº. 46.352/2013

LEI Nº 9.394/96

LEI Nº 11.788/2008

PARECER CNE/CES 776, DE 03 DE DEZEMBRO DE 1997

PARECER CNE/CES 583, DE 04 DE ABRIL DE 2001

PARECER CNE/CES 146, DE 13 DE MAIO DE 2002

PORTARIA Nº 1.428/2018

RESOLUÇÃO CNE/CP, Nº 1/2004

RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 05/2004

RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 3/2007

RESOLUÇÃO CNE/CP, Nº 1/2012

RESOLUÇÃO CNE/CP, Nº 2/2012

RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 132/2013

RESOLUÇÃO CONUN/UEMG Nº 319/2015

RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 162/2016

RESOLUÇÃO CONUN/UEMG Nº 374/2017

RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 234/2018

RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 7/2018

PDI UEMG 2015-2024 (UEMG, 2014).

## 13. APÊNDICES

### APÊNDICE 01 – CENTROS E LABORATÓRIOS

#### **CENTRO DE EXTENSÃO DA ESCOLA DE DESIGN – CENEX ED**

##### **Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design

##### **Áreas de concentração / Linhas temáticas**

Educação; Tecnologia E Produção; Comunicação; Cultura; Direitos Humanos e Justiça; Saúde; Meio Ambiente e Trabalho.

##### **Área / Setor de impacto**

O Centro de Extensão atua diretamente promovendo a participação da comunidade acadêmica e geral para a disseminação do conhecimento.

##### **Apresentação**

Criado em 1987, o Centro de Extensão tem sua política dirigida a uma relação de reciprocidade com o meio circundante que envolve o estabelecimento de parcerias e cooperação na área de competência do design. A extensão universitária é entendida como processo interdisciplinar, educativo, cultural e científico que, articulada ao Ensino e à Pesquisa, difunde o conhecimento produzido na universidade e abre espaço para a comunidade participar da vida acadêmica. O Centro de Extensão da Escola de Design é responsável pelas relações dialógicas com a comunidade acadêmica e externa à unidade de ensino em diversos níveis de interação, seja na difusão do conhecimento em arte e design, no repasse de conhecimentos técnicos e tecnológicos, seja como articulador de trabalhos e projetos de difusão social, artístico e cultural ou, ainda, como auxiliar na captação de recursos financeiros e parcerias, oferecendo suporte operacional a projetos de outros centros, quando demandados.

##### **Diretrizes Estratégicas**

Tem atuação transversal e a maioria das ações extensionistas da Escola de Design são realizadas por seus Centros, Laboratórios e Núcleos, por professores e alunos mediante projetos específicos aprovados em diversas instâncias como o Conselho departamental, órgãos de fomento, Pró-Reitoria de Extensão da UEMG, pelo próprio Centro de Extensão por meio de seus núcleos, divisões e programas que desenvolvem ações e projetos próprios. Ele abriga também a Coordenação de Extensão instância responsável, juntamente com Pró-Reitoria, pela construção e avaliação da política de extensão da UEMG. O coordenador de extensão acompanha as ações extensionistas na Unidade representada. Entre suas atribuições destacam-se:

- Estimular e auxiliar na elaboração de projetos de extensão;
- Acompanhar o registro das atividades (programas, projetos, cursos, eventos, prestações de serviços e publicações/produções técnicas);
- Contribuir com a avaliação das propostas e atividades realizadas;
- Incentivar a participação dos docentes em editais de fomento;
- Observar, no âmbito da Unidade, o cumprimento de procedimentos para a institucionalização das ações de extensão;
- Mobilizar a comunidade acadêmica para participar das ações de extensão realizadas pela Universidade;
- Interagir com os Coordenadores de Extensão de outras Unidades Acadêmicas, possibilitando a realização de propostas articuladas que potencialize a expertise das partes envolvidas;
- Interagir com Departamentos, Coordenações de Cursos e Pesquisa, Núcleos, Centros, Diretórios Acadêmicos, docentes, discentes e funcionários técnico-administrativos incentivando a participação desses nas ações extensionistas;
- Participar de comissões e grupos de trabalhos constituídos ou solicitados pela PROEX – Pro-Reitoria de Extensão para o cumprimento de ações específicas;
- O Centro de Extensão abriga também as Coordenações de Programas Institucionais de Extensão da UEMG: Programas que procuram identificar o potencial de extensão da Universidade no que se refere, principalmente, ao enfrentamento de questões sociais contemporâneas articulando de três aspectos: (I) enfrentamento de questões sociais da vida contemporânea, (II) exploração da natureza multicampi e multidisciplinar da UEMG; (III) potencialização de atividades de extensão em curso nas Unidades Acadêmicas. Dos seis Programas Institucionais de Extensão da UEMG três possuem Coordenadores na Escola de Design com propósito de fortalecer e potencializar de ações de Extensão existentes nas Unidades Acadêmicas, articulando-as de modo a explorar a natureza multicampi da universidade, a interdisciplinaridade e a intersetorialidade. São eles: Cultura e Desenvolvimento; Educação Integral; Direitos à Produção e ao Acesso à Arte e à Cultura.

### **Núcleos**

- NUDEC-Núcleo de Design e Cultura: criado em 2009 com o objetivo de realizar estudos e pesquisas com vistas a ampliar e aprofundar os níveis de conhecimento sobre os nexos existentes entre Design, Artes, Ciências Humanas e Sociais, tematizando criticamente os campos de interesse com os quais o Design pode dialogar em um autêntico esforço transdisciplinar. Responsável pela execução dos eventos Roda de Conversa e Cine Clube além da publicação da Revista Transverso – qualis B5.
- NIPP-Núcleo Integrador de Práticas Pedagógicas: desenvolve principalmente atividades extensão com interface no ensino e na pesquisa voltadas para as questões humanas, com ênfase nos aspectos psicológicos e pedagógicos. Tem como proposta oferecer um espaço para acolhimento e apoio a toda comunidade acadêmica da Escola de Design. Para tal, conta com equipe multidisciplinar que desenvolve projetos de acolhimento psicopedagógico e posterior

encaminhamento do aluno, mediação de conflitos. Coordena o projeto Escola Integrada da PBH, as monitorias voluntárias, além de prestar apoio aos professores em questões didáticas.

- Assessoria de Comunicação: Divulgação das ações acadêmicas de caráter extensionistas, de pesquisa e do ensino da Escola de Design, fornecendo suporte e apoio à realização de eventos, manutenção do site da Escola, divulgação de notícias, distribuição de comunicados e informações, e gestão de mídias sociais.
- Divisão de Cursos de Extensão: Promoção e realização de cursos de curta duração (gratuitos ou pagos) demandados pela comunidade interna e externa. Os cursos são oferecidos por profissionais que apresentem por meio de comprovações em currículo notório saber sobre o assunto, pelos Centros da escola de design e/ou por professores interessados, uma parceria com a Pró-Reitoria. A oferta de cursos ocorre atualmente em fluxo contínuo no decorrer do semestre.

### **Publicações**

- Revista Transverso - Diálogos entre Design, Cultura e Sociedade – publicação semestral;
- Caderno aTempo – Histórias em Arte e Design – publicação anual.

### **Integração com a Graduação, Pós Graduação**

O Centro de Extensão atua como articulador entre demandas externas e os demais Centros e Laboratórios da unidade em estreita colaboração com a Direção, a Coordenação de Pesquisa e as Coordenações de Ensino da unidade, principalmente na realização de eventos e auxílio no estabelecimento de parcerias externas.

### **Parcerias e Cooperação Técnica (interna e externa)**

Em sintonia constante com a Pró-Reitoria de Extensão realizaparcerias com empresas por meio de termos de compromisso, o Centro de Extensão da Escola de Design tem parceria também com a FADECIT - Fundação de Apoio e Desenvolvimento da Educação, Ciência e Tecnologia de MG como gestora financeira das atividades extensionistas.

### **Equipe**

Conta com a participação de professores, funcionários técnico-administrativos e alunos bolsistas ou voluntários.

## **CENTRO DE PESQUISA PESQUISAS ACADÊMICAS**

A Coordenação de Pesquisa é a instância responsável pelo estímulo e apoio a todos da comunidade acadêmica que tenham interesse em desenvolver atividades de pesquisa.

A pesquisa desempenha um papel importante na produção de saberes científicos, tecnológicos e culturais, pois representa um dos pilares da tríade que norteia a universidade pública brasileira trabalhando em

conjunto com a extensão e o ensino de forma indissociável. É a partir das pesquisas que são produzidos novos conhecimentos, bem como, consolidados ou refutados conhecimentos pré-existentes.

Estando vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, representa um canal de comunicação direta entre esta e a comunidade acadêmica, desempenhando atividades administrativas tais como:

- Divulgação de editais de bolsas de iniciação científica, de professor orientador e de financiamentos;
- Divulgação de resultados de seleção de bolsistas;
- Controle do processo de assinatura dos contratos dos bolsistas;
- Controle dos atestados de frequência de bolsistas;
- Recebimento e envio à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação dos relatórios parciais e finais dos projetos desenvolvidos;
- Resolução de pendências.

Além das questões administrativas, a coordenação de pesquisa oferece suporte metodológico à comunidade acadêmica quando da elaboração de projetos, orienta aos acadêmicos que pretendem ingressar no universo da pesquisa a como dar os primeiros passos. Orienta também os pesquisadores quanto à necessidade de submissão de trabalhos que envolvam seres humanos, ao Comitê de Ética da Universidade.

O coordenador de pesquisa também participa como membro efetivo de uma comissão denominada “comissão científica” que é uma instância eleita por seus pares e responsável pela avaliação, distribuição e tomadas de decisões que envolvam a submissão e execução de projetos de pesquisa e extensão procedentes da ED/UEMG.

## **CENTRO DESIGN EMPRESA – CDE**

### **Coordenação**

A coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

### **Áreas de concentração / Linhas temáticas**

Design e Empreendedorismo; Design e Fabricação Digital; Design e Materiais.

### **Área / Setor de Impacto**

O CDE tem ampla atuação, permeando diversos setores, já tendo desenvolvido projetos com foco em mobiliário, produtos eletroeletrônicos, setor alimentício, produção artesanal de cerâmica, polos produtivos de beneficiamento de metal, dentre outros.

### **Grupos de Pesquisa**

Design & Tecnologia de Materiais Poliméricos e Compósitos (CNPq).

### **Apresentação**

O Centro Design Empresa possui vertentes de atuação que buscam a conexão com o mercado, promovida por meio de ações como: o desenvolvimento da visão empreendedora no aluno; a execução de projetos em parceria com instituições externas por equipes compostas por professores e alunos; disseminação do conhecimento por meio da participação em eventos internos e externos à universidade; treinamentos promovidos pela equipe interna e convidados; desenvolvimento de inovação em materiais com foco na aplicação em diversos setores.

### **Diretrizes Estratégicas**

Incrementar a inovação, ou sejam a inserção das pesquisas e projetos desenvolvidos na Escola de Design no mercado; ampliar a conexão com empresas, buscando maiores possibilidades de inserção do design; incentivar o empreendedorismo guiado pelo design; promover a difusão do conhecimento em conexão com a comunidade *maker* local.

### **Núcleos / Laboratórios / Grupos de Estudos**

- Laboratório de Prototipagem;
- Laboratório de Polímeros e Compósitos;
- Grupo de Estudos em Empreendedorismo;
- Arduemgers - Grupo de estudos em Sistemas Interativos.

### **Atividades planejadas**

- Atividades de Extensão: projetos aprovados em editais internos da UEMG ou financiados por empresas e instituições externas;
- Atividades de Pesquisa: projetos aprovados em editais internos da UEMG ou editais de instituições de fomento externas;
- Publicações: divulgação dos resultados das pesquisas em congressos e periódicos por meio da publicação de resumos em anais de eventos, artigos completos em periódicos e anais de eventos;
- Organização e participação. em eventos variados como Aula aberta, Design Talks, Programas Governamentais /FAPEMIG, CNPS, dentre outros.

### **Integração com a Graduação, Pós Graduação**

- Graduação: grupos de estudo, projetos de pesquisa e extensão envolvendo alunos dos cursos de Design de Produto, Design Gráfico e Design de Ambientes;
- Pós Graduação: professores do programa de Mestrado e Doutorado em Design da UEMG compõem a equipe do CDE e integram o desenvolvimento de suas pesquisas com as atividades do Centro.

### **Parcerias e Cooperação técnica (interna e externa)**

- Laboratório Aberto SENAI-MG- LEPCOM;
- Laboratório de Engenharia de Polímeros e Compósitos-UFMG- Cefet – MG;
- Instituto de Artes e Design – IAD/ UFJF- Ibmecc Belo Horizonte.

**Equipe**

Formada por professores mestres e doutores do Programa de Pos-Graduação da Escola de Design-UEMG e do Curso de Graduação, alunos de doutorado, alunos de mestrado, alunos de graduação, como bolsistas ou voluntários de Pesquisa e Extensão.

**LABORATÓRIO DE DESIGN GRÁFICO – LDG****Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

**Áreas de concentração / Linhas Temáticas**

Prática projetual de design gráfico, Design de Serviços, Tipografia, Serigrafia.

**Área / Setor de impacto**

Design Gráfico.

**Apresentação**

O LDG – Laboratório de Design Gráfico da Escola de Design / UEMG é um espaço destinado ao exercício da prática profissional do design gráfico. Em sua rotina de trabalho atende demandas da Universidade como um todo, reitoria e suas unidades. É responsável pela criação da identidade gráfica e peças promocionais de divulgação do vestibular, de seminários, de workshops e de outros eventos ofertados.

Como um espaço destinado ao aprendizado da atividade projetiva, o LDG é formado por professores orientadores e alunos estagiários, bolsistas ou voluntários, além de colaboradores internos e externos em seus 20 anos de atividade. Em todos esses anos, os participantes puderam experimentar, reinventar métodos e linguagens e colaboraram de forma interdisciplinar no desenvolvimento de projetos de design. O LDG contribui, de forma relevante, para o ensino da prática projetual.

**Diretrizes Estratégicas**

Desenvolver projetos de design gráfico de diversas naturezas e complexidades, estudos e pesquisas de métodos, práticas e materiais.

Integrar o LDG a outros setores da Universidade e, internamente, valorizar a troca de experiências e conhecimentos entre a comunidade acadêmica.

Estimular alunos bolsistas e estagiários a experimentar métodos e linguagens tendo como temas de projetos as demandas internas da UEMG.

**Núcleos / Laboratórios / Grupos de Estudos**

O LDG possui em atividade dois núcleos:

- Núcleo de Design de Serviços;
- Núcleo de Mídias Permanentes, composto pelas oficinas de tipografia e serigrafia.

**Atividades**

Além do desenvolvimento de projetos gráficos para atividades extensionistas e institucionais, o LDG tem em sua agenda anual atividades que realizam workshops e palestras que promovem um maior contato com técnicas, temáticas e profissionais da área do design gráfico. LDG contribui de forma significativa para publicações da Escola de Design e da Editora UEMG e da Universidade, como um todo, na medida em que é responsável pelo projeto gráfico de livros, anais, apostilas, catálogos, entre outros.

**Integração com a Graduação e Pós Graduação**

A integração com os cursos de Graduação e Pós Graduação decorre da experiência partilhada por meio do exercício da prática profissional.

**Parcerias e Cooperação Técnica (interna e externa)**

As parcerias são realizadas, principalmente, com setores internos da Escola de Design e, externamente, com as Pró-Reitorias de Ensino, de Extensão da Universidade.

**Equipe**

Composta por professores orientadores e estudantes bolsistas ou voluntários que se organizam para o atendimento das demandas da Universidade.

**CENTRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN E ERGONOMIA – CPqD.****Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

**Áreas de concentração / Linhas Temáticas**

Com área de concentração em Design Industrial, abarca as seguintes linhas temáticas: Ergonomia aplicada e análise do trabalho; Mobilidade e Transportation design; Materiais, Processos e Sustentabilidade; História do Design e Documentação.

**Área / Setor de impacto**

As áreas e setores de impacto relacionados às ações do Centro são amplas, constam de toda a extensão da indústria e do setor público, com destaque para: atividades de atenção à saúde humana; transporte (terrestre, aéreo e aquaviário); fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias; coleta, tratamento e disposição de resíduos; recuperação de materiais; fabricação de produtos de borracha e de material plástico; metalurgia; atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental; fabricação de produtos diversos; educação; pesquisa e desenvolvimento científico. Estas áreas são referenciadas pela Plataforma Lattes – CNPq.

## Grupos de Pesquisa

- Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design e Ergonomia

Instituição: UEMG / Líder: Jairo José Drummond Câmara / Área: Desenho Industrial

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3984006541117720>

- Grupo: Ergonomia, Design e Arquitetura

Instituição: UEMG / Líder: Iara Sousa Castro / Área: Desenho Industrial

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6161730031557403>

## Apresentação

Parte integrante da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, o CPqD – Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design e Ergonomia, fundado em Julho de 1993, atua em consonância com os cursos oferecidos pela instituição da qual faz parte. Realiza projetos de pesquisa em diversas áreas do conhecimento, acolhendo uma ampla gama de pesquisadores (bolsistas, professores e colaboradores) que promovem relevante participação, com apresentações e publicações em eventos acadêmico-científicos no Brasil e também no exterior.

## Diretrizes Estratégicas

A proposta estratégica do CPqD busca atender, além do Plano de Comunicação e Avaliação de Desempenho do Governo do Estado de Minas Gerais, Planejamento e Gestão (I – Foco em Resultados; II – Foco no Cliente; III – Trabalho em Equipe; IV – Comprometimento Profissional e V – Inovação), as diretrizes da Universidade do Estado de Minas Gerais salientados através do Plano de Gestão 2014/2018 constantes dos itens, a citar: **Desafio da Gestão – DG/I** – *oferecer Ensino, Pesquisa e Extensão, com qualidade atestada nos processos de avaliação e de maneira indissociável, em todas as Unidades da UEMG (4 – promover a ampliação e a melhoria de qualidade da Pesquisa e Pós-Graduação nas Unidades da UEMG e 5 – incentivar o aumento da produção docente em periódicos, processos de inovação e a participação em eventos qualificados);* **DG/II** – *garantir quadro de servidores docentes e administrativos permanente, qualificado e valorizado (11 – revisar e atualizar o Programa de Capacitação para servidores docentes e administrativos e 12 – promover a valorização dos servidores docentes e administrativos);* **DG/ III** – *viabilizar Infraestrutura física e acadêmica – prédios, instalações, bibliotecas, laboratórios, equipamentos – adequada ao desenvolvimento e à gestão das atividades da Universidade (16 – estruturar e equipar bibliotecas e laboratórios);* **DG/IV** – *estabelecer um padrão de financiamento para implementar as atividades planejadas e potencializar as políticas de Ensino, Pesquisa e Extensão em todas as Unidades (19 – ampliar prospecção e acesso a oportunidades de apoio e financiamento às atividades acadêmicas);* **DG/V** – *avançar na consolidação da UEMG como instituição universitária, respeitando e valorizando a diversidade que a compõe (20 – consolidar o modelo de gestão democrática dos processos da Universidade e 23 – desenvolver e implantar Política de Comunicação na e da UEMG, que construa e promova a identidade da Universidade na sua diversidade) e* **DG/VI** – *ampliar e consolidar a presença da UEMG nos cenários estadual, nacional e internacional (26 – ampliar o conhecimento externo sobre a UEMG e suas atividades e o entendimento sobre seus desafios e potencialidades).*

### **Núcleos / Laboratórios / Grupos de Estudos**

- Núcleo de Ergonomia e Análise do Trabalho (25 anos de atividades);
- Núcleo da Mobilidade (25 anos de atividades);
- Núcleo de Materiais (23 anos de atividades);
- Núcleo da História do Design e Documentação (23 anos de atividades).

### **Atividades**

As atividades desenvolvidas no CPqD abrangem, a citar: Extensão: proposição e desenvolvimento de projetos, ofertas de disciplinas optativas para a graduação e para a pós-graduação, colaboração com a promoção de eventos; Pesquisa: proposição e desenvolvimento de projetos; coordenação/ orientação em Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado; participação em avaliação de trabalhos voltados para periódicos e eventos científicos; participação em bancas de Trabalho de Conclusão de Curso junto à graduação e pós-graduação *lato* e *stricto sensu*; participação em comissões de concurso e comitê científico; Capacitação de mestres, doutores e pós-doutores; Produção de publicações em periódicos, capítulos de livros, anais de eventos científicos; Treinamento e preparação de alunos para ingressarem em empresas (representação bi e tridimensional manual); Promoção de proteção de projetos (desenho industrial, modelo de utilidade, patente); Incentivo e orientação de alunos para participarem de concursos.

### **Integração com a Graduação e Pós Graduação**

Os professores da equipe do CPqD participam direta e transversalmente de ações junto à graduação e à pós-graduação *lato* e *stricto sensu*. Dessa forma, disciplinas afins são ofertadas para os cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Design, além da realização de projetos de pesquisa que envolve alunos da Iniciação Científica, Extensão, Mestrado e Doutorado nos dois programas REDEMAT e PPGD/ED.

### **Parcerias e Cooperação Técnica (interna e externa)**

- Centro de Estudos, Teoria, Cultura e Pesquisa em Design / Grupo de pesquisa UEMG;
- Laboratório de Design e Seleção de Materiais – LDSM / Grupo de pesquisa UFRGS.

### **Equipe**

A equipe é composta por professores PHD, doutores e mestres, alunos de graduação, mestrado e doutorado.

## **CENTRO INTEGRADO DESIGN SOCIAL - CIDS**

### **Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

### **Áreas de concentração / Linhas Temáticas**

Design de Serviços; Design e Envelhecimento; Design e Inovação social; Design Universal e Inclusivo; Design em Interface com a saúde; Design e Educação; Design e Produção Artesanal; Design e Responsabilidade Social; Design para Inovação Social; Design contra crime; Design em interface com Políticas Públicas.

### **Área / Setor de impacto**

O CIDS atua por meio da triade ensino, pesquisa e extensão em todas as vertentes do design (Ambientes, Gráfico, Produto e Serviços), bem como das artes visuais naquelas ações que se caracterizam como voltadas para a solução de problemas da sociedade, que resultem em melhorias da qualidade de vida, renda, desigualdade e inclusão, de diferentes grupos sociais. Portanto, seu setor de impacto está voltado para suportar a formação de cidadãos comprometidos com esses valores, além da produção de trabalhos acadêmicos que possam servir de subsídios para o desenvolvimento e consolidação da área sob o ponto de vista teórico, prático e metodológico.

### **Grupos de Pesquisa (CNPQ)**

- Design em interface com a saúde;
- Grupo de Pesquisa e Extensão em Design Social.

### **Apresentação**

O CIDS surgiu a fim de ser um espaço de articulação e promoção do diálogo entre o design e a temática social. Embora a temática social passe por toda a atuação e formação do designer, essa expertise tem se destacado cada vez mais, e com grande relevância, nos estudos e publicações de design em nível nacional e internacional. A exemplo da antropologia social, psicologia social, economia social, direito social, áreas em que a inserção da temática social está consolidada, o CIDS procura, por meio de suas atividades acadêmicas, contribuir para o desenvolvimento e consolidação do design social. Para isso, oferece disciplinas (Design Social I e Design Social II) e desenvolve projetos de extensão e pesquisa com expressiva participação de alunos e professores da Escola de Design.

Fundado em agosto de 2016 o CIDS, comprometido com o rigor metodológico, ética profissional e seriedade, desenvolve projetos de pesquisa, extensão, produz relatórios técnicos, e incentiva a participação em eventos como congressos e seminários para a disseminação do conhecimento gerado. Os trabalhos extensionistas realizados impactam diretamente pessoas como jovens sob risco social, idosos, recuperandos do sistema APAC e vários outros membros da comunidade em situações de risco social.

### **Diretrizes Estratégicas**

Explorar os pontos de convergência entre os estudos, pesquisas e projetos na área do design e as questões sociais; estimular e fornecer suporte metodológico nos projetos de pesquisa e extensão e em suas interfaces desenvolvidos na Escola de Design relacionados à temática social; oferecer subsídios acadêmicos para o desenvolvimento de projetos de caráter social em interlocução com os demais Centros,

Laboratórios e Unidades da UEMG; consolidar a trajetória do desenvolvimento de projetos na área de design para questões sociais; Organizar eventos de caráter científico ou cultural que incentivem a comunidade acadêmica a desenvolver projetos de pesquisa/extensão na área do design como meio para a melhoria social; estimular a proposição e desenvolvimento de projetos de extensão que promovam o bem estar social por meio de produtos, serviços, ambientes e interfaces gráficas; divulgar os resultados obtidos pelo Centro em periódicos e eventos científicos específicos de interesse da área contemplada; buscar parcerias intra e interinstitucionais para desenvolver projetos de pesquisa e extensão na temática social; estimular a integração científica entre os cursos de graduação e os cursos de pós-graduação *strictu-sensu* da Escola de Design; organizar e participar de eventos científicos que dialogam com a temática; contribuir com a fundamentação teórica na área do design; estimular a equipe a participar de concursos externos relacionados a temática design social.

### **Atividades de Extensão e Pesquisa**

Desenvolvimento de estudos e pesquisas área do design como proposta de melhoria social, incluindo diferentes interfaces e temáticas, como questões ambientais, educação a distância, agricultura sistêmica, modelo prisional alternativo, design de serviços, negócio social, material didático interativo.

### **Integração com a Graduação, Pós Graduação:**

O CIDS promove a integração por meio da composição da equipe contando com estudantes dos cursos de graduação envolvidos nas atividades, assim como estudantes voluntários da pós-graduação *strictu sensu* (PPGD).

### **Parcerias e Cooperação Técnica (interna e externa )**

- UFMG - Estudos do Lazer;
- UFMG – Curso de Design de Produto.

### **Equipe**

A equipe do CIDS é formada por professores doutores e mestres dos cursos de design e alunos de graduação, mestrado e doutorado da Escola de Design.

## **CENTRO DESIGN DA IMAGEM**

### **Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

### **Áreas de concentração / Linhas temáticas**

Arte e Tecnologia da Imagem; e linhas de pesquisa: Criação e Crítica da Imagem em Movimento, Fotografia e Comunicação, Fotografia e interfaces na era digital.

### **Área / Setor de Impacto**

Criação e Crítica da Imagem em Movimento. Fotografia e Comunicação.

Fotografia e interfaces na era digital. Pesquisa e Crítica em Artes.

Design, História e Memória.

### **Apresentação**

A origem do Centro de Estudos em Design da Imagem remonta a 1997 quando foi realizada uma mostra de imagens em movimento no Palácio das Artes, localizado na cidade de Belo Horizonte, que contou com a participação de alunos, cineastas, videomakers e animadores e foi coordenada por professores da Escola de Design. Em 1998 foi criado o Núcleo de Imagens em Movimento, vinculado ao Laboratório de Design e, por meio deste, ao Centro de Extensão. Com o crescimento e ampliação das atividades do Núcleo este foi convertido em Centro de Estudos em Design da Imagem, em 2004.

Na atualidade, a imagem em movimento constitui uma das principais possibilidades de atuação para um designer e tem gerado grande debate acadêmico, envolvendo áreas afins como Teoria da Informação, Comunicação, entre outras. Oferece ambiente tecnologicamente preparado para o desenvolvimento de pesquisas durante a graduação e se dispõe a incentivar potenciais pesquisadores para o Programa de Pós-Graduação *lato e stricto sensu*, enquanto oferece condições para aprofundamento de estudos e experimentos do próprio corpo docente da unidade.

### **Diretrizes Estratégicas**

Disponibilizar recursos materiais, técnicos e humanos um ambiente voltado para a imagem para viabilizar o desenvolvimento de pesquisa e prática na área.

Formar grupos de pesquisa, envolvendo alunos graduandos, professores e pesquisadores para estudo de temas relacionando o Design da imagem estática e em movimento.

Contribuir para a abordagem interdisciplinar e integrar o o estudo referente a fotografia, a imagem em movimento e a arte sequencial ao design.

Promover a disseminação de informações e conhecimento por meio do design de imagem.

Participar e contribuir com projetos e pesquisas dos demais Centros e Laboratórios da Escola de Design/UEMG.

### **Atividades**

- Capacitação Técnica e Tecnológica para desenvolvimento de pesquisa e prática;
- Apoio às disciplinas da graduação e do programa de pós-graduação no desenvolvimento de atividades acadêmicas;
- Disponibilização dos Laboratórios e Estúdio Fotográfico;
- Desenvolvimento de Projetos de Iniciação Científica;

- Parcerias e apoio de instituições de fomento.
- Organização e participação em eventos científicos e tecnológicos.

### **Integração com Graduação e Pós Graduação**

- Capacitação Técnica, Tecnológicos necessários para desenvolvimento de pesquisa e prática promovendo cursos para docentes e discentes;
- Incentivar a participação em eventos externos;
- Integração às ações dos demais Centros, Laboratórios e Núcleos;
- Organização de palestras, oficinas, seminários, concursos envolvendo docentes e discentes.

### **Núcleos / Laboratórios / Grupos de Estudos**

- NUDEF- Núcleo de Fotografia e Design: busca reunir, relacionando interdisciplinarmente, as pesquisas científicas já realizadas e em andamento, envolvendo a fotografia e o design, financiados pela FAPEMIG e pela própria UEMG, bem como estimular práticas, expandir as atividades e o conhecimento neste setor. Dispõe de sala de pesquisa e laboratórios com PCs e internet, Câmeras fotográficas, Iluminação fria para câmera digital, fotômetro, Flash, scanner para animação clássica, Mesa de luz para animação, fundo infinito para grandes objetos e duas mesas com fundo infinito para pequenos objetos.
- NIQ - Núcleo de Ilustração e Quadrinhos: tem como objetivo a pesquisa, o desenvolvimento e a produção de trabalhos relacionados ao tema (charges, tiras, caricaturas, histórias em quadrinhos e ilustrações), bem como a promoção e realização de eventos.
- ASI - Arquivo de Som e Imagem: Arquivo específico em som e imagem organizado pelo projeto de pesquisa Revendo a História: Gestão do Acervo Documental. Este arquivo visa estabelecer a integração entre informação e design, além de contribuir como fomento à educação, pesquisa e cultura, promovendo resgate da memória do design enquanto campo do pensamento e, não apenas, de criação e produção.
- Grupo de Estudos Arte & Tecnologia: engajar estudantes e professores no desenvolvimento de Produção, Pesquisa e Crítica em Artes, priorizando-se temas que abordem a realidade brasileira.

### **Equipe**

Conta com a participação de professores como orientadores e pesquisadores, assim como alunos bolsistas e voluntários e funcionários técnico-administrativos.

## **CENTRO DE ESTUDOS EM DESIGN DE GEMAS E JÓIAS – CEDGEM**

### **Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

### **Área de concentração / Linhas Temáticas**

Estudos tecnológicos aplicados ao Design de Jóias; Novos materiais e processos; Desenvolvimento da atividade joalheira por meio do design; Prototipagem e Inovação, Design da Lapidação.

### **Área / Setor de impacto**

Mercado de Gemas e Joias, bijuterias e artesanato mineral.

### **Grupos de Pesquisa**

O grupo de pesquisa liderado pelo Centro está registrado no CNPq desde 2010 como Estudos em Design de Gemas e Joias, com as seguintes linhas de pesquisa:

- Concepção e Desenvolvimento do Produto
- Design da Lapidação
- Design e inovação em Ligas de Ouro
- Tecnologia da Prototipagem

Os membros do Centro participam ainda como convidados dos seguintes grupos de pesquisa:

- História da Técnica, Histórica da Ourivesaria; Instituição-sede: Escola de Design/UEMG.
- Ciência e Tecnologia dos Materiais, Instituição-sede: Comissão Nacional de Energia Nuclear/CDTN.
- Caracterização de Gemas, Instituição-sede: Centro de Tecnologia Mineral/CETEM-RJ,

### **Apresentação**

O Centro de Estudos em Design de Gemas e Jóias - CEDGEM da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais nasceu da natural convergência da experiência da escola na formação de profissionais de design e a particular vocação do estado para o setor de gemas e Joias.

Desde sua criação em 2003, o Centro desenvolve atividades de pesquisa, extensão e capacitação, voltadas à inovação técnica e tecnológica de produtos e processos do setor de gemas e joias. Alinhados e vinculados a políticas e programas do estado, as pesquisas e projetos buscam o desenvolvimento de ações que contribuam para a inovação e valorização dos bens e produtos minerais, pela vertente do design.

Com o apoio de órgãos de fomento, com destaque para a FAPEMIG, e a parceria com instituições públicas e privadas, projetos de pesquisa, extensão e capacitação tem sido desenvolvidos e abraçados por comunidades produtivas.

O CEDGEM, no cumprimento de seus objetivos de aplicar os conhecimentos e tecnologias gerados no âmbito de suas pesquisas, e no compromisso assumido junto a essas comunidades, busca atuar condizente com as demandas universais do setor, porém voltado às realidades e necessidades particulares locais. Desta forma, a equipe multidisciplinar do Centro contribui dentro da sua área de competência, para o desenvolvimento sustentável dessas regiões que tem a mineração como base principal de sustentação econômica, por meio da valorização do patrimônio material e cultural das regiões produtivas.

### **Diretrizes Estratégicas**

Em pesquisa e desenvolvimento, o Centro tem como proposta metodológica a utilização de unidades de interface voltadas à capacitação tecnológica por meio do design aplicado à inovação de materiais, técnicas e processos construídos pelos valores e competências das regiões mineradoras, particularmente as pequenas aglomerações produtivas.

Tem como objetivo ampliar a cooperação técnica, por meio do estabelecimento de novas parcerias com unidades produtivas, preferencialmente vinculadas a redes temáticas multidisciplinares.

Na área de ensino, o Centro tem como diretriz consolidar sua experiência construída desde 2001 na oferta de cursos em diferentes níveis de capacitação, em quatro frentes:

- Ampliar a oferta dos Cursos de Extensão na área da joalheria;
- Ofertar disciplinas específicas em Gemas e Joias;
- Alinhar a estrutura do curso pós-graduação *lato sensu* Especialização em Design de Gemas e Jóias;
- Colaborar de forma crescente com o Programa de Pós-Graduação em Design da Escola de Design.

### **Núcleos / Laboratórios / Grupos de Estudos**

Por meio dos seus laboratórios, o Centro faz interface com o setor produtivo de gemas e jóias, apoiado no pressuposto que todo o conhecimento gerado seja revertido em benefício do setor e da sociedade. Os experimentos e ensaios desenvolvidos nesses laboratórios orientam-se para problemas e necessidades reais, identificadas em conjunto com as unidades produtivas do setor, e demandadas pelos diversos níveis de sua cadeia de valor.

- Laboratório de Projetos: realiza a convergência dos estudos desenvolvidas nas ações e laboratórios do Centro, no ensaio e concepção de novos produtos que visam à Integração e aplicação das possibilidades técnicas, materiais e tecnológicas.
- Laboratório de Lapidação: tem foco na pesquisa e desenvolvimento de produtos a partir dos minerais gema, com ações desde o artesanato mineral às técnicas de lapidação avançada, pois seus equipamentos permitem realizar várias etapas do processo de beneficiamento de gemas.
- Laboratório de Prototipagem Rápida: tem ênfase nas novas tecnologias que permitem a visualização e materialização do produto na pré-produção, Modelagem virtual e produção de modelos tridimensionais via prototipagem rápida e manufatura aditiva.
- Laboratório Anglogold Ashanti de Ligas de Ouro: direcionado à pesquisa e desenvolvimento de novas possibilidades de uso e aplicação do ouro por meio da combinação de técnicas e outros materiais, com ênfase na valorização do saber fazer artesanal e do capital cultural das comunidades envolvidas com o setor de joalheria.
- Laboratório de Experimentações: promove ensaios em joalheria contemporânea com diversas temáticas objetivas e subjetivas, envolvendo desde a combinação de elementos materiais como a cerâmica na joalheria a aspectos do design emocional, como representatividade, efemeridade e pertencimento.
- Laboratório ITAPORARTE: mini plataforma produtiva em Coronel Murta no Vale do Jequitinhonha voltada à capacitação técnica de jovens da região, por meio do desenvolvimento de produtos

artesanais com utilização de materiais descartados da extração de gemas, abundantes na região e acessíveis à comunidade.

- UNIT- Unidade de Inovação Tecnológica: é um dos Laboratórios de Centro que esteve montado em Teófilo Otoni no Período 2010-2014 com objetivo de promover transferência de conhecimento e tecnologia para desenvolvimento de Capacidade Tecnológica Própria na Aglomeração Produtiva Local.

### **Atividades**

As atividades do CEDGEM têm em comum a integração das ações universitárias de Extensão, Pesquisa, Treinamento e Capacitação.

Suas atividades de Extensão buscam promover a retroalimentação permanente entre o Centro e o setor joalheiro, como no desenvolvimento de produtos e equipamentos, em projetos de inserção de design em unidades produtivas, transferência de tecnologia, participação em concursos, assessoria técnica a unidades e distritos produtivos e participação em feiras e mostras.

Em atividades de ensino, capacitação e treinamento, atua por meio da integração teoria e prática nos diferentes níveis de capacitação e da cadeia de valor do setor.

Em Pesquisa e Desenvolvimento, o CEDGEM tem experiência em diferentes territórios do Estado desde 2004, particularmente nos municípios de Coronel Murta, Teófilo Otoni, Araçuaí e Santo Antonio do Leite, e conta com professores, estudantes e ex-alunos familiarizados com as demandas nas regiões nos quais a atividade de extração mineral seja significativa.

Dentre os projetos conduzidos, destaca-se o Projeto ITAPORARTE de Lapidação e Artesanato Mineral (FAPEMIG/UEMG) montado em Coronel Murta a partir de 2005, premiado no Prêmio SEBRAE Design 2008, participante na Bienal Brasileira de Design de 2010, e ganhador do Premio Melhores Práticas em APL's Minerais da Rede APL – Mineral - Arranjos Produtivos Locais - do Ministério de Ciência e Tecnologia em 2012.

A condução desse projeto, e de outros como a Unidade de Inovação Tecnológica – UNIT, instalada de 2008 a 2014 na cidade de Teófilo Otoni, permitiram aos professores e alunos da Escola de Design produzir diversos artigos, projetos de iniciação científica, monografias de pós-graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Outros projetos desenvolvidos no Centro como o Projeto ideal: Inovação de equipamentos de lapidação pela inserção do design, ergonomia, novos materiais e processos (Edital MCT/CNPq 12/2009) levaram à produção de patentes de invenção registradas junto ao INPI tendo a UEMG como titular.

Com quinze anos de atuação, o Centro tem como projeto atual a produção de uma revista periódica com o tema Estudos em Design de Gemas e Joias, que será um veículo de divulgação científica dos resultados de seus projetos, bem como de registro histórico das atividades ali desenvolvidas com diversos parceiros ao longo do tempo.

### **Integração com a Graduação, Pós Graduação**

O Centro interage com os Cursos de Graduação no suporte aos alunos interessados em projetos e pesquisas relacionados ao setor de Gemas e Joias. Essa atuação se dá por meio da oferta de estágios como bolsistas ou voluntários de pesquisa e extensão, de estágios acadêmicos como monitores de disciplinas e na assistência técnica promovida pelos professores do Centro aos projetos desenvolvidos em diversas disciplinas como Prática Projetual e Representação Tridimensional.

Nos cursos de graduação os professores do Centro atuam formalmente na oferta de disciplinas obrigatórias como Materiais e Processos de Produção , além da oferta regular de disciplinas optativas.

Na pós-graduação *lato sensu*, o Centro promove desde 2001 o Curso de Especialização Design em Gemas e Joias, que atrai alunos de diversas regiões do País. Entre seus egressos, tem profissionais premiados e reconhecidos no mercado e se consolidou como o único curso dessa natureza no Brasil.

Na pós-graduação *stricto-sensu*, os professores do Centro oferecem suporte às disciplinas do programa de mestrado e doutorado em Design, e participação em bancas.

### **Parcerias e Cooperação Técnica (interna e externa)**

Para cumprir seu objetivo de construção e disseminação do conhecimento mantém parceria com Instituições públicas e privadas. Dentre elas destacam-se FAPEMIG, ANGLOGOLD ASHANTI, FINEP, CENTRO MINAS DESIGN, CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, IBGM -INSTITUTO BRASILEIRO DE GEMAS E JOIAS, MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia, PREFEITURA MUNICIPAL DE CORONEL MURTA, PREFEITURA MUNICIPAL DE TEÓFILO OTONI, PREFEITURA MUNICIPAL DE CORDISBURGO, SECTES – Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, SEE – Secretaria de Estado de Educação, SEDESE – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social, Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa – SEBRAE, e MINC- Ministério da Cultura- CNPC, Universidade Católica do Porto – UCP, Capes, Programa de Pós-Graduação em Design – PPGD-UEMG, Centro de Extensão, Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – CPqD -UEMG,

### **Equipe**

Composta por professores doutores e mestres, alunos bolsistas e voluntários que atuam no atendimento `a demandas externas e pesquisas.

## **CENTRO DE ESTUDOS, TEORIA, CULTURA E PESQUISA EM DESIGN – CENTRO T&C**

### **Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

### **Área de concentração / Linhas Temáticas**

Design; Teoria e Cultura do Design; Design e Sustentabilidade; Materiais, linguagem e design; e Interfaces, ergonomia e usabilidade.

## **Grupo de Pesquisa**

Centro de Estudos, Teoria, Cultura e Pesquisa em Design Cadastrado no CNPq, <http:dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6256028011013665>

## **Apresentação**

O Centro de Estudos, Teoria, Cultura e Pesquisa em Design, criado em 2003, se apresenta como um espaço no âmbito acadêmico-científico, apto à pesquisa avançada, e de incremento a novas soluções, para o desenvolvimento do debate sobre a cultura material e da pesquisa teórica em design. Sua finalidade é reunir grupos de docentes, estudantes, pesquisadores e estudiosos em busca da contribuição para o avanço da pesquisa em design.

## **Linhas De Pesquisa**

O Centro possui quatro linhas de pesquisas alinhadas com diferentes perfis dos nossos pesquisadores, em sua maioria, atuantes do corpo permanente do Curso de Mestrado e Doutorado em Design – PPGD. As linhas de pesquisa atuais são:

- **Teoria e Cultura do Design:** A linha objetiva investigar e contribuir para a troca de conhecimentos entre diferentes disciplinas das áreas sociais e humanas, com suas complexidades intrínsecas, ao incentivar o estudo sobre a transversalidade da atividade de design como fenômeno e cultura metaprojetual. Pesquisar os fenômenos e as transformações que configuram novos cenários para a atividade de design, e a conseqüência dos resultados para a cultura produtiva e projetual. Os interesses dos pesquisadores e estudantes da linha são: Multiculturalismo, Design e cenários complexos, História do design, Filosofia do design, Metodologia do design e metadesign, Design e sociedade, Cultura-identidade-globalização.
- **Design e Sustentabilidade:** A segunda linha propõe investigar as contribuições do design no suporte e no desenvolvimento de inovações sustentáveis, considerando as dimensões ambiental, social e econômica da sustentabilidade. Visa-se contribuir para a conscientização e a orientação do desenvolvimento e do projeto de produtos e serviços com perfil sustentável por meio de abordagens sistêmicas (análise da cadeia de valor, análise do ciclo de vida de produtos), valorização do patrimônio imaterial e desenvolvimento de redes. Os interesses dos pesquisadores e estudantes da linha são: Desenvolvimento de Redes, Cadeia de valor, Design de serviços, Design sistêmico, Inovação social e Patrimônio imaterial.
- **Materiais, linguagem e design:** A linha busca compreender a importância e o potencial dos materiais empregados nos produtos e ambientes contemporâneos, ampliar a capacidade de avaliar, criticar, selecionar e aplicar os materiais em projetos de design. Seu foco principal é conhecer a teoria relacionada ao tema e as possibilidades de explorar os materiais para apoiar a construção de novas linguagens do design. Os interesses dos pesquisadores e estudantes da linha são: Relações entre design e materiais, Design do conforto, Material e linguagem, Percepção e interação dos materiais, Técnicas de pesquisas subjetivas e Pesquisa aplicada.

- Interfaces, ergonomia e usabilidade: A linha visa desenvolver estudos teóricos e aplicados no campo das interfaces físicas e virtuais, e suas relações com os usuários. Os estudos buscam compreender o comportamento humano para projetar, avaliar e testar interfaces levando em conta a comunicação e a linguagem. Tem o propósito de estudar as transformações e conseqüências do mundo digital no contexto da ciência e da produção de bens culturais e materiais. Os interesses dos pesquisadores e estudantes da linha são: Interações e experiência, Técnicas de pesquisas com usuários, Design centrado no usuário, Ergonomia e usabilidade, Ensino a Distância.

### **Atividades**

O Centro T&C Design realiza anualmente Seminários internacionais com temas relevantes e de interesse da comunidade acadêmica, como Multiculturalismo (2005); Transversalidade (2007); Sustentabilidade (2008); Identidade (2009), Método (2010), Inovação (2011), Emoção (2012), História (2013), Semiótica (2014), Cultura (2015) e Educação (2017). Os resultados dos seminários são publicados nos Cadernos de Estudos Avançados em Design (português e inglês), no meio impresso e digital, e estão disponíveis gratuitamente para download no site <http://eduemg.uemg.br/catalogo.php>

### **Integração com a Graduação e Pós Graduação**

Muitos dos professores do Centro T&C são atuantes do corpo permanente do Curso de Mestrado e Doutorado em Design, e portanto, os alunos orientandos se envolvem nas pesquisas.

Os alunos de graduação também se envolvem nos projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos no T&C, seja como bolsista ou como estagiário voluntário.

Todo semestre, os professores do T&C oferecem disciplinas optativas para todos os cursos de graduação da Escola de Design, podendo citar: Sociedade de consumo, O processo de inovação pelo design, Design Têxtil e de superfície aplicado a moda, Linguagem dos materiais no design, Design para cenários complexos na prática.

### **Projetos de pesquisa**

São muitos os projetos desenvolvidos pelo Centro T&C, podendo-se se destacar: (1) Design e integração competitiva no território - Estrada Real. Parceria: Escola de Design da UEMG, Centro Minas Design, e Politecnico di Torino; (2) Design, cultura e semiótica: proposta de elaboração de um modelo para análise semântica de produtos da linha branca. Parceria Whirlpool Latin America e Fapemig, (3) Proposta de elaboração de um modelo para avaliar a percepção dos usuários dos materiais do interior do carro. Parceria: Fiat e Fapemig; (4) Dream:IN, Design estratégico e inovação aberta. Projeto internacional envolvendo Índia, EUA e Brasil; (5) Design e Museus de Minas Gerais: comunicação, acessibilidade, interação e experiência. Parceria com Universidade de Urbino, Itália; (6) Valorização sustentável da cultura e gastronomia do território: um projeto no Rio São Francisco (CNPq - Edital de Economia Criativa).

### **Equipe**

Conta com professores doutores, alunos de doutorado, alunos de mestrado, bolsistas e voluntários.

## **CENTRO DE ESTUDOS EM DESIGN & TECNOLOGIA - CEDTec**

### **Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

### **Área de concentração / Linhas Temáticas**

Pesquisa em design; Inovação de produtos e serviços;

Busca aperfeiçoar os recursos tecnológicos e humanos da instituição acadêmica e cooperar com a sociedade, desenvolvendo projetos com foco na inclusão social, na colaboração e na sustentabilidade, em processos e serviços. É membro da REDE DESIS para inovação social e do LeNS – rede para o ensino da sustentabilidade.

O centro apresenta duas linhas de pesquisa principais: Cultura, aspectos socioeconômicos, sustentabilidade e gestão da inovação; e Estudo de novos métodos e processos que contribuam para otimização e/ou redução de insumos materiais e energéticos durante o ciclo de vida do sistema produto. As linhas de pesquisas estão aprovadas pelo CNPq.

### **Apresentação**

O CEDTec - Centro de Estudos em Design & Tecnologia surgiu da necessidade de se desenvolver competência na aplicação das tecnologias em projetos de design. Busca complementar e aprimorar a formação acadêmica e desenvolver a pesquisa científica, o avanço tecnológico e a inovação sustentável em design voltado para processo criativo e inclusivo.

Aprovado pelo Conselho da Escola de Design, em janeiro de 2010, atende as duas linhas de pesquisas aprovadas pelo CNPq, sob a coordenação de professores do Programa de Pós-Graduação em Design – PPGD, da Escola de Design/UEMG.

O CEDTec atua nos vários níveis de formação de recursos humanos, da iniciação científica à pós-graduação integrando-se às atividades dos programas dos cursos de graduação e de pós-graduação *stricto sensu* da Escola de Design/UEMG – Mestrado e doutorado em Design e da REDEMAT.

Os projetos são aprovados pelos órgãos de fomento CNPq, CAPES, FAPEMIG, MEC e UEMG, com bolsas de iniciação científica para graduação, bolsas de apoio técnico, bolsas de pesquisadores, entre outras. Os projetos ainda contam com recursos financeiros de equipamentos para a Escola de Design e para o público atendido pelos projetos e programas.

### **Diretrizes Estratégicas**

- Equipar de recursos materiais, técnicos e humanos um ambiente voltado para a inovação social e tecnológica;

- Formar grupos de pesquisa, envolvendo graduandos, mestrandos, professores e pesquisadores onde serão estudados temas relacionando design, inovação, sustentabilidade e inclusão;
- Contribuir para o intercâmbio interdisciplinar de forma a tornar mais dinâmico o estudo referente à inovação, sustentabilidade e inclusão;
- Contribuir para uma melhor formação acadêmica e profissional de designers, atuando de forma sustentável e inovadora;
- Contribuir com eficácia nas parcerias com os projetos da ED/UEMG e outras instituições.

### **Grupo de Pesquisa**

- Cultura, aspectos socioeconômicos, a sustentabilidade, inclusão e a gestão da inovação: Esta linha busca a formação de um designer mais completo e engajado no processo de inovação dentro das organizações (empresas, ONGs, laboratórios, etc.), e tem como estratégias: análise das relações entre os diferentes atores do processo de inovação; análise das políticas públicas e estratégias empresariais visando a inovação; criação, desenvolvimento e implantação da inovação; co-design de soluções que permitam a inclusão de todos de maneira sustentável e equivalente.
- Estudo de novos métodos e processos que contribuam para otimização e/ou redução de insumos materiais e energéticos durante o ciclo de vida do sistema produto: Esta linha tem como estratégias: (a) O diagnóstico sobre escolha de materiais para o melhor desempenho de um produto final, (b) O diagnóstico sobre o tipo de processo de fabricação e (c) A aplicação da relação Design versus Materiais através dos conceitos adquiridos nas etapas anteriores.

As linhas de pesquisa estabelecem a interface com as áreas dos cursos de Design de Produto, Design Gráfico, Design de Ambientes e Artes Visuais – Licenciatura, além dos temas e áreas do PPGD (design, inovação e sustentabilidade).

Podem ser citadas: Design social, Design e inovação, Design e Tecnologia, Design e urbanismo, Design universal e inclusivo, Design e sustentabilidade, Design, Cultura e Museologia, Educação Ambiental, Inovação Social, Projetos de design em sistemas.

Os Grupos de Pesquisa aprovados pelo CNPq:

“Design, Inovação & Tecnologia – DIT”, “Estudos em Design, Comunidades, Tecnologias Sociais e Iniciativas Sustentáveis (DECTESIS)”, “Design, Identidade e Território”, “Design Inclusivo E Tecnologia Social” compreendem os membros pesquisadores e convidados do CEDTec.

### **Atividades**

Oferecer formação extracurricular e complementar para os alunos da Escola de Design, por meio de projetos de pesquisa científica e extensionista, com foco na inclusão, inovação, sustentabilidade e tecnologia, com atividades direcionadas para:

- Desenvolvimento de projetos e parcerias para inclusão social;
- Disseminação de conceitos de sustentabilidade baseados nos 3P (*profit, people, planet* – geração de renda, recursos humano e meio ambiente);
- Formar e aprimorar profissionais com consciência ambiental, engajados socialmente e responsáveis na execução de projetos sustentáveis;
- Pesquisar e divulgar a utilização de novos materiais recicláveis, reciclados, não esgotáveis e de fácil acesso e produção;
- Estimular o empreendedorismo e a geração de renda sustentável.

### **Integração com a Graduação e Pós Graduação**

O CEDTec desenvolve disciplinas, projetos de pesquisa e extensão, em conformidade com as metas da Universidade do Estado de Minas Gerais, adequadas à realidade da Escola de Design, considerando os objetivos da melhoria dos curso da graduação e “a efetiva atenção à pesquisa e extensão” (MOTA; ABREU, 2012, p.2).

### **Equipe**

Professores doutores e mestres, alunos graduandos bolsistas e voluntários, alunos da pós-graduação.

## **CENTRO DE ESTUDOS EM DESIGN DE AMBIENTES – CeDA**

### **Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

### **Área de concentração**

Design para Ambiência; Design.

### **Linhas temáticas**

Design de Serviços; Design e Saúde; Design Social; Design e Memória; Design e Linguagem; Design Gestão/Entrepreneurismo; Design e Paisagem; Projetos e Diagnósticos em Design.

### **Setor de impacto**

As ações do Centro envolvem a comunidade acadêmica e a comunidade externa por meio de projetos realizados.

### **Apresentação**

Ao longo da história do design, percebe-se cada vez mais o ampliar da complexidade dessa atividade, que culmina, na atualidade, como uma profissão que vai além de uma ação projetual e de produtos tangíveis que abordem apenas a função e estética como solução de problemas. Estudos significativos em outras disciplinas, tais como sociologia, antropologia, psicologia, dentre outras, atentam para um novo modo de entender o humano, suas experiências e relacionamentos e, por consequência, novas maneiras de solucionar questões, sejam essas de ambiente, produto, gráfico ou moda.

O humano é espacial e é por meio do espaço que ele se relaciona e estabelece relações específicas com o ambiente. Ambiente, então, passa ser uma construção de relação com as pessoas: social, cultural, política e econômica. Assim, o fruto dessa relação germina a identidade, o pertencimento e a apropriação. Desta forma, o conceito de ambiência passa ser não somente espaço físico e seus arranjos funcionais e estéticos, mas também, percepções, atitudes, sentimentos e comportamentos das pessoas em relação ao aspecto físico dos ambientes, sejam estes: um veículo, uma sala de aula, um parque, um cenário de teatro, um jogo virtual, dentre outros, isso é, ambientes internos ou externos, delimitados ou não.

Por meio desse entendimento que o Centro de estudos em Design de Ambientes propõe suas atividades. O CeDA tem como objetivo alinhar estudos para as ambiências e suas relações com o humano, por meio da teoria e da prática. Esses estudos estão integrados com o conhecimento do Design e tem como finalidade a melhoria da qualidade de vida do homem.

### **Diretrizes Estratégicas**

As ações do CeDA acontecem por meio da tríade pesquisa, ensino e extensão. A pesquisa e extensão incidem nas temáticas apresentadas, identificadas de acordo com as demandas da atualidade. O ensino dialoga na transversalidade com essas duas frentes, nas quais o discente aprofunda seus conhecimentos na teoria e na prática por meio de bolsas, estágios ou mesmo voluntariado.

O Centro tem ainda como proposta o estímulo de parcerias com outros Centros; com os cursos *lato* e *stricto sensu* da Escola de Design e, ainda, com outras Instituições de Ensino. Além disso, busca contribuir com a fundamentação teórica construída, por meio de periódicos, eventos, debates, seminários, dentre outros, com o intuito de estimular o conhecimento no meio acadêmico, bem como para a comunidade externa.

Portanto:

- Quanto à pesquisa procura incentivar a participação dos docentes e discentes em editais de fomento; em publicações; em eventos técnicos e Congressos Científicos;
- Quanto à extensão procura mobilizar parcerias com redes de cooperação; participação na consecução de feiras, mostras e concursos de design;
- Quanto ao ensino busca a participação atuante de alunos bolsistas, voluntários e estagiários nos estudos e práticas do design.

**Equipe**

Conta com um quadro de professores mestres e doutores, alunos graduandos, mestrandos e doutorandos, estagiários e bolsistas.

**CENTRO DE ESTUDOS EM DESIGN DA MADEIRA****Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

**Área de concentração**

Atua no desenvolvimento da pesquisa científica na área do Design Industrial com foco no uso e estudo da madeira.

**Linhas temáticas**

O CEMA dispõe várias linhas de pesquisa com o objetivo de produzir e difundir novos conhecimentos e inovações tecnológicas que se relacionam às áreas de biomecânica e meio ambiente.

**Diretrizes Estratégicas**

Equipado com Laboratório de Estudos e Laboratório de Ensaaios Ergonômicos, o Centro desenvolve pesquisas, presta serviço aos pesquisadores doutorandos e mestrandos, assim como professores e alunos da graduação da Escola de Design.

**Equipe**

Conta com um quadro de professores mestres e doutores, alunos graduandos, mestrandos e doutorandos, estagiários e bolsistas.

**LABORATÓRIO DE ENSAIOS, MODELAGEM E PROTOTIPAGEM - LEMP****Coordenação**

A Coordenação e procedimentos dos Centros são estabelecidos por documento regimental próprio aprovado pelo Conselho Departamental da Escola de Design.

**Área de concentração**

O LEMP apoia as atividades práticas dos cursos de Design e oferta disciplinas optativas.

**Apresentação**

O LEMP oferece à comunidade acadêmica conhecimentos práticos e teóricos em múltiplas áreas como Marcenaria, Usinagem, Fundição, Vacuum forming, Fibra de Vidro e Serralheria, de forma a enriquecer os saberes adquiridos e estimular a criatividade e curiosidade de alunos e docentes.

### **Diretrizes Estratégicas**

Pensado como um espaço aberto, o LEMP disponibiliza sua estrutura física e intelectual a toda a Escola de Design, auxiliando com orientações técnicas, do desenvolvimento de projetos à sua execução. Conta com máquinas e ferramentas disponíveis para a execução de modelos e protótipos pelos alunos.

### **Equipe**

Conta com um quadro de professores mestres e doutores, alunos graduandos, mestrandos e doutorandos, estagiários e bolsistas.

## APÊNDICE 02 - Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

1. **Terminologia:** de acordo com o Art. 9º da Resolução nº 5 de 8 de março de 2004 do Ministério da Educação e Cultura (MEC), adota-se o termo Trabalho de Conclusão de Curso - TCC;
2. **Modalidades:** podem ser desenvolvidos Trabalhos de Conclusão de Curso nas modalidades Monografia e Projeto.

Compreendendo que a Monografia trata-se de um estudo científico acerca de questões do universo do design, sobre um tema específico ou particular, com suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia. Investiga determinado assunto não só em profundidade, mas também em todos os seus ângulos e aspectos, dependendo dos fins a que se destina (LAKATOS, 2003, p.235). Deve ser acompanhada de redação de artigo científico. Enquanto o Projeto compreende o desenvolvimento de soluções projetuais em design (soluções estas que podem consistir no desenvolvimento de produtos físicos replicáveis ou produção única, experimental, comercial, conceituais, serviços e diagnósticos em design).

3. **Duração:** o Trabalho de Conclusão de Curso em Design tem a duração de 1 ano organizado em duas disciplinas: Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC-I) e Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC-II), distribuídas em dois semestres subsequentes, conforme a matriz curricular do curso. Para cursar a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC-II), obrigatoriamente, o aluno deverá ter cursado a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC-I).
4. **Objetivo:** desenvolvimento individual de atividade teórico-prática e reflexiva em design. A realização do Trabalho de Conclusão de Curso é requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Design de Ambientes.

### 5. Funcionamento

**5.1 Dos temas:** de natureza diversa, os temas abordados no projeto de graduação estabelecem a ligação entre a formação acadêmica e a prática profissional. O tema desenvolvido é de autoria do aluno, conforme seu interesse e ou aptidão por um setor específico do design, mas com possibilidade de vários enfoques que sintetizem os aspectos ligados ao processo e, permitam conciliar a reflexão sobre o tema eleito atestando as competências técnico-práticas adquiridas no decorrer do curso.

**5.2 Dos orientadores:** a partir de premissas estabelecidas pelo Colegiado de Curso, seguindo orientações das Resoluções<sup>7</sup> que regem o ensino da UEMG, o Trabalho de Conclusão de Curso será acompanhado por um professor orientador. É responsabilidade do orientador direcionar, sugerir, propor, avaliar o trabalho a ser desenvolvido para que atenda aos critérios do trabalho acadêmico científico. Ainda, cabe ao orientador, promover a discussão e a reflexão sobre a relevância acadêmica e social do tema proposto pelo aluno. Cabe ao orientador a liberação ou não do aluno para a participação nas bancas avaliativas, segundo os critérios estabelecidos pelo Colegiado de Curso em conjunto com a coordenação do TCC. O Trabalho de Conclusão de Curso, a critério do aluno e do orientador, pode ser acompanhado por um coorientador.

O processo de definição de tema e escolha do orientador acontece na disciplina TCC-I, momento no qual são preparados os documentos exigidos para a efetiva confirmação do aluno na disciplina e acompanhamento do processo de orientação.

**5.3 Da coordenação do TCC:** durante todo o processo os discentes são assistidos pela Coordenação do Trabalho de Conclusão de Curso, composta por um professor que é responsável pela gestão das etapas que compreendem a alocação dos alunos com seus respectivos orientadores, o registro de sua realização e a sistematização de procedimentos técnicos da disciplina.

**5.4 Das orientações:** os discentes são orientados semanalmente em data e horário pré-estabelecidos inseridos nas disciplinas TCC-I e TCC-II, conforme estipulado pela matriz curricular. Aos docentes são respeitados os encargos didáticos e suas atribuições delimitadas pela Resolução vigente.<sup>8</sup>

**5.4 Da avaliação:** o Trabalho de Conclusão de Curso seguirá critérios de avaliação conforme a modalidade desenvolvida. Ao sistema de avaliação, processual e somativa, é acrescida,

---

<sup>7</sup> As Resoluções vigentes encontram-se disponíveis no site da UEMG.

<sup>8</sup> Idem 1.

obrigatoriamente, a apresentação pública do TCC que será examinado pela Banca de Qualificação e a Banca Final. A primeira ocorre ao fim da disciplina TCC-I e a segunda ao fim da disciplina TCC-II. São compostas por professores e profissionais convidados e tem caráter decisivo no prosseguimento (no caso do TCC-I) e na aprovação dos alunos. Para a participação em cada uma das bancas, o aluno, mediante a aprovação do orientador, deverá entregar um exemplar do seu TCC para cada membro da banca, acompanhados do Formulário de Indicação de banca. As bancas ocorrerão na semana de TCC, aberta a toda comunidade, conforme calendário estabelecido pela Unidade Acadêmica ouvido o Colegiado de Curso.

**5.5 Da entrega:** após a aprovação da banca avaliadora, o aluno, em acordo com o orientador, deverá realizar a correção das proposições feitas pela banca e entregar o seu Trabalho de Conclusão de Curso à Coordenação do TCC.

**APÊNDICE 03 – ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**PROGRAMA DE ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO**

2018

## 1. APRESENTAÇÃO

Diante do ritmo acelerado de mudanças no mundo contemporâneo, a universidade cada vez tem que se esforçar mais para evoluir em todos os níveis da sociedade. A academia e o mercado de trabalho estão envolvidos em uma dialética que é fundamental para o progresso mas ao mesmo tempo exige sacrifícios e esforços de todas as partes.

As mudanças no âmbito das relações humanas são sempre mais complexas do que as mudanças no nível tecnológico, e como atividade extensionista, o estágio pode oferecer formas de evolução com a participação em empreendimentos ou projetos de interesse social. As competências adquiridas na universidade não são as únicas necessárias para uma formação integral do aluno e um processo de aprendizado contínuo é necessário para adaptação à nova realidade do mercado de trabalho.

Também a Declaração Mundial sobre a Educação Superior no Século XXI, fruto da Conferência Mundial sobre o Ensino Superior realizada em Paris em outubro de 1998, prega, entre outros preceitos, que a educação superior tem a missão e o dever de através do estágio, dar a oportunidade do aluno inserir-se em uma situação real de trabalho, abrindo caminho para a conquista profissional num mercado cada vez mais competitivo;

Frente a novas propostas no âmbito do ensino médio e fundamental, cabe à academia trabalhar critérios capazes de guiar os caminhos do aprimoramento; A UNESCO (1994) aponta as três grandes tendências principais do ensino superior comuns aos sistemas educacionais: 1. a extraordinária expansão quantitativa, via de regra acompanhada por desigualdades continuadas de acesso entre países e regiões; 2. diversificação de estruturas institucionais, programas e formas de estudo; 3. dificuldades financeiras.

Observando a atividade de estágio, a mesma pode atender às três tendências, já que frente à expansão quantitativa, proporciona um ensino de maior qualidade, diverso em relação à estruturas e formas de estudo, além de auxiliar o aluno em alguns casos no aspecto financeiro

## 2. OBJETIVOS

- Adequar-se às diretrizes curriculares dos cursos de Design;
- Exercer atividades de Extensão através do contato do aluno com a sociedade;
- Regulamentar e normatizar, sob os mais variados aspectos, a participação dos alunos em atividades de ensino e extensão no âmbito, e fora da Instituição de Ensino;
- Incentivar o trabalho interativo entre a academia e a comunidade visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, afim de desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- Promover a extensão, permitindo a ampliação do acesso às conquistas resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

### **3. AMPARO LEGAL**

Constituição Federal: Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.;

LDB 9394/96: art. 1º, § 2º, onde a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social; art. 2º, que diz ser a qualificação do aluno para o trabalho uma das finalidades da educação; art. 43 – VII, que define o estágio extracurricular como a participação do estudante em empreendimentos e projetos de interesse social; art. 82, onde as Instituições de Ensino estabelecerão as normas para realização dos estágios.

Regimento Interno/ED/UEMG: Cap. I, Seção I, art. Art. 6º, que diz que para obtenção de grau acadêmico, diploma ou certificado, o estudante deve cumprir currículo aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, integralizando o número de unidades de créditos previsto no mesmo.

### **4. CONCEPÇÃO DO PROGRAMA**

#### **4.1. Objetivo**

Este Programa de Estágio Supervisionado visa a fomentar o estágio supervisionado para os alunos regularmente matriculados e freqüentes nos cursos de Design de Ambientes, Design de Produto e Design Gráfico da ED/UEMG.

#### **4.2. Conceito de Estágio Supervisionado**

Por estágio supervisionado entende-se o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (art. 1º, Lei No 11.788/08)

#### **4.3. Objetivo do Estágio Supervisionado**

O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho (art.1º, § 2º, Lei No 11.788/08)

#### **4.4. Estágio Supervisionado Obrigatório**

É aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma (art. 2º, § 1º, Lei Na 11.788/08)

Nos cursos de Design da ED/UEMG, o estágio faz parte do projeto pedagógico curricular, tem carga horária e período de realização determinados, devendo ser programado, acompanhado e avaliado pelos Coordenadores e Supervisores da Escola e do Órgão Concedente.

#### 4.5. Estágio Supervisionado Não-Obrigatório

É aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória (art. 2o, § 2o, Lei No 11.788/08)

O estágio supervisionado não-obrigatório (extracurricular, voluntário) realizado ao longo do curso no âmbito da ED/UEMG, quando desenvolvido como atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica será considerado uma Atividade Complementar.

### 5. OPERACIONALIZAÇÃO

#### 5.1. Coordenação de Estágio Supervisionado

A partir de situações reais da vida e trabalho desenvolvidos pelos estudantes em Instituições e/ou comunidade, a Coordenação visa proporcionar-lhes o aperfeiçoamento e a complementação de sua formação profissional, social e cultural.

Para tanto mantém relações permanentes com os setores de estágios de outras Instituições de Ensino, além de entidades que oferecem oportunidades e campos de estágio e outras formas de colaboração no processo educativo.

##### 5.1.1. Responsabilidade

Será responsabilidade da Coordenação de Estágio Supervisionado cuidar para que todos os instrumentos de controle do estágio sejam devidamente preenchidos e assinados.

##### 5.1.2. Atribuições do Coordenador

- a) orientar os alunos e Órgãos Concedentes sobre o conteúdo do Termo de Compromisso e as normas legais de estágio;
- b) Elaborar cartas, ofícios, termos de compromisso, diagramas, projetos e relatórios para encaminhamento aos interessados;
- c) Definir, junto aos Órgãos Concedentes, horário, duração e outros aspectos do estágio, em conformidade com os Planos de Estágio apresentados pelos Professores Orientadores;
- d) Acompanhar e avaliar o estágio nos termos da lei e da prática pedagógica;
- e) Formalizar Acordos de Cooperação, quando necessário;
- f) Controlar as vagas recebidas informando aos alunos do seu preenchimento;
- g) Informar e orientar a política e cultura do estágio;
- j) Receber e divulgar as demandas e ofertas de estágio e emprego, de empresas que procurem a escola;

#### 5.2. Professor Orientador

Para fins de acompanhamento do estágio supervisionado na ED/UEMG, o Professor Orientador será

indicado pelo coordenador de cada curso, devendo ter formação acadêmica na mesma área do curso apontado.

#### 5.2.1. Atribuições do Professor Orientador:

- a) Acompanhar o estágio dos alunos;
- b) Criar condições e instrumentos que facilitem o processo de ensino- aprendizagem na relação Concedente-Estudante;
- c) Avaliar, junto com o Coordenador, os Relatórios dos estagiários;
- d) Avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;
- e) Exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades;
- f) Incorporar o plano de atividades do estagiário, elaborado em acordo das 3 (três) partes a que se refere o inciso II do caput do art. 3º da Lei 11.788/08, ao termo de compromisso por meio de aditivos à medida que for avaliado, progressivamente, o desempenho do estudante.

#### 5.3. Estagiário

Estagiário é o aluno regularmente matriculado e freqüente em qualquer curso da ED/UEMG que esteja definido como tal no Termo de Compromisso firmado entre o aluno e o órgão concedente e a instituição de ensino.

##### 5.3.1. Atribuições do Estagiário:

- a) Conhecer os objetivos da empresa;
- b) Saber a importância de seu trabalho em todo o processo produtivo;
- c) Observar e anotar fatos e dados significativos;
- d) Participar das atividades propostas com responsabilidade e organização.

##### 5.3.2. Requisitos para participar do Programa de Estágio Supervisionado:

- a) Estar regularmente matriculado e freqüente à partir do 4º período dos cursos de Design

#### 5.4. Supervisor de Estágio (Concedente)

Supervisor de Estágio é o responsável pelo acompanhamento do estudante no período em que este estiver cumprindo o estágio, no Órgão Concedente. Preferencialmente deve ter formação acadêmica em Design ou áreas afins.

- Serão aceitos como supervisores de estágios aqueles que tem notório reconhecimento na atividades em que o estudante desenvolve o estágio, mesmo que sem formação acadêmica superior.

##### 5.4.1 Atribuições do Supervisor:

- a) Providenciar a melhor e mais rápida integração do estagiário no Concedente;
- b) Orientar o estagiário sobre as atividades a serem desenvolvidas;
- c) Repassar/instruir o estagiário sobre as técnicas e tecnologias necessárias ao desempenho das funções atribuídas;
- d) Proporcionar o crescimento profissional do estagiário, na ótica de acúmulo de conhecimento;
- e) Acompanhar a freqüência do estagiário.

### 5.5. Órgão Concedente

Denomina-se Órgão Concedente qualquer pessoa jurídica de direito privado e os órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como profissionais liberais de nível superior devidamente registrados em seus respectivos conselhos de fiscalização profissional (art.9º, Lei No 11.788/08)

- Somente no caso das habilitações não regulamentadas, serão aceitas como Concedentes, profissionais liberais de nível superior que tenham a mesma formação do estagiário ou, caso não tenha formação superior, que apresente notório conhecimento sobre a área escolhida pelo aluno

#### 5.5.1. Fiscalização

Apesar da Coordenação de Estágio Supervisionado não ter “poder de polícia” caberá à ela a fiscalização das informações prestadas no Termo de Compromisso de Estágio celebrado entre Concedente e aluno, nos casos de alguma suspeita de irregularidade.

#### 5.5.2. Condições para concessão de estágio

Somente poderão habilitar-se à concessão de estágios, entidades e pessoas físicas, que tenham condição de ofertar instalações que tenham condições de proporcionar ao educando atividades de aprendizagem social, profissional e cultural (art. 7º - II, Lei No 11.788/08)

## 6. FORMALIZAÇÃO

As rotinas de operacionalização/formalização do estágio serão consolidadas pela Coordenação de Estágio Supervisionado, da seguinte forma:

- a) Plano de Atividade:
- b) Termo de Compromisso: celebrado entre o estudante e o Órgão Concedente do estágio, com a interveniência obrigatória da ED/UEMG;
- c) Relatório Parcial:
- d) Avaliação Final de Estágio: preenchido pelo estagiário e pelo Supervisor de Estágio, do Órgão Concedente, em relação ao desenvolvimento do estudante durante o estágio;

### 6.1. TERMO DE COMPROMISSO

O TCE se constituirá comprovante exigível pela autoridade competente, na inexistência de vínculo empregatício

#### 6.1.1. Assinatura no Termo de Compromisso

É obrigatório a assinatura de TERMO DE COMPROMISSO – TCE, entre o Concedente e o Estudante com interveniência da Escola de Design/UEMG.

#### 6.1.2. Duração do estágio

O prazo máximo de duração do estágio, com um mesmo Concedente, será de 01 ano, podendo ser prorrogável por período menor ou igual, por mais uma única vez.

- A carga horária semanal deverá ser de no máximo 6 horas diárias, de segunda a sexta, ou, 30 horas semanais, compatíveis com o horário do curso do estagiário. A carga horária mínima é de 30 horas.

#### 6.1.3. Recesso remunerado

A cada 12 meses de estágio, o estudante tem direito de 1 mês de recesso remunerado, preferencialmente durante o período de férias escolares

#### 6.1.4. Extinção do estágio:

- a) pelo término do Termo de Compromisso;
- b) pela desistência, por escrito, do estudante;
- c) pela não-renovação do Termo de Compromisso;
- d) pelo abandono ou pela conclusão do curso;
- e) por iniciativa do Órgão Concedente;
- f) pelo não cumprimento de uma das cláusulas do Termo de Compromisso.

#### 6.1.5. Contraprestação

O estágio, independente do seu caráter, poderá ser remunerado pelo Concedente, mediante pagamento de bolsa-estágio ou outro tipo de contraprestação acordada no termo de Compromisso.

- Nas atividades desenvolvidas nos Centros Acadêmicos da ED/UEMG, o aluno poderá ser remunerado somente se previamente contratado e acordado pelo Professor Responsável pela atividade de acordo com os critérios dos Centros Acadêmicos a que pertençam.

#### 6.1.6. Seguro contra acidentes pessoais

O seguro contra acidentes pessoais, feito em favor do estagiário, é obrigatório em todos os TCE, de responsabilidade do Órgão Concedente

### **7. ESTÁGIO VOLUNTÁRIO**

Estágio voluntário é a participação do estudante em empreendimentos e projetos de interesse social e cultural, sem qualquer vínculo empregatício, realizado na comunidade em geral, sob responsabilidade e coordenação dos Centros Acadêmicos da ED/UEMG.

### 7.1. Formalização do Estágio Voluntário

- a) Termo de Adesão ao Serviço Voluntário.
- b) Declaração do coordenador do Centro, contendo além do nome e curso do aluno, a carga horária despendida no estágio e o seu aproveitamento

## 8. DISPENSA DA DISCIPLINA ESTÁGIO SUPERVISIONADO

### 8.1. Requerentes:

Alunos regularmente matriculados e freqüentes, à partir do 5º período dos cursos de Design da ED/UEMG que desenvolvam atividades como designer, e que se enquadram numa das situações abaixo:

- Funcionário em regime de CLT;
- Profissional autônomo;
- Proprietário de empresa

### 8.2. Documentos comprobatórios:

- Funcionário CLT: xerox da carteira de trabalho e declaração da empresa sobre as atividades desenvolvidas pelo estudante
- Profissional autônomo: 3 declarações de 3 clientes diferentes, com a imagem de suas respectivas produções
- Proprietário de empresa: xerox do contrato social, declaração de próprio punho se indicando como o designer da empresa e 3 imagens de produtos desenvolvidos

8.3. Atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica desenvolvidas pelo estudante, poderão ser equiparadas ao estágio à partir da análise individual de cada caso, pela coordenação de Estágio da universidade e tendo qualquer dúvida dirimida pelas coordenações de curso; Os critérios para permitir a equiparação são a carga horária semelhante, complexidade das atividades e relação direta com a temática do curso.

## 9. DÚVIDAS E CASOS OMISSOS

As dúvidas e/ou casos omissos a este Programa deverão ser tratados diretamente com a Coordenação de Estágio Supervisionado, que, caso necessário, encaminha especificamente às coordenações dos cursos de design da ED/UEMG.

## 10. ANEXOS

- a) Lei 11.788/08

Estágio Supervisionado:

- b) Instruções
- c) Plano de Atividades
- d) Termo de Compromisso
- e) Relatório Parcial
- f) Avaliação Final

Estágio Voluntário:

g) Instruções

h) Termo de Adesão

Outros Documentos:

i) Termo Aditivo

j) Termo de Rescisão

k) Pedido de Dispensa

l) Convênio

## ANEXOS: ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estágio Supervisionado é uma atividade acadêmica de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas aos estudantes pela participação em situações reais da vida e trabalho de seu meio, sendo realizado na comunidade em geral ou no âmbito da ED/UEMG, junto a instituições públicas, privadas ou de profissionais liberais, sob responsabilidade e coordenação da Escola de Design.

Para o adequado cumprimento do estágio supervisionado deve-se observar:

1. Aluno regularmente matriculado e frequente, a partir do 3o período
2. Desenvolvimento de atividades compatíveis com o curso do aluno
3. Supervisor da empresa/instituição com formação ou experiência profissional na área do curso
4. Professor orientador da escola com formação na mesma área do curso do aluno
5. Instalações adequadas para a realização do estágio
6. Contratos preenchidos e assinados
7. Relatórios e avaliações pertinentes

Os alunos do curso de DESIGN devem cumprir 240 horas de estágio supervisionado que serão validadas através de:

1. Termo de Compromisso ( 3 vias)
2. Plano de Atividades (3 vias)
3. Relatório Parcial (1 via a cada 6 meses)
4. Avaliação Final (1 via no término do estágio)

De acordo com a Lei No 11.788 de 25/09/2008, é direito do estagiário:

1. Recesso remunerado de 30 dias a cada 01 ano de estágio (tempo e remuneração proporcionais se o estágio tiver duração menor)
2. Falta justificada nos dias de provas escolares, devidamente comprovadas
3. Ser coberto por Seguro contra Acidentes Pessoais

Coordenação de Estágio Supervisionado: 6o andar, sala 63  
e-mail: estagio.ed.uemg@gmail.com • Telefone: 31.3439.6515  
Documentação: <http://ed.uemg.br/sobre-ed/estagio-supervisionado>

**PLANO DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

PERÍODO: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ A \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

ESTAGIÁRIO: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_ Período: \_\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_

UNIDADE CONCEDENTE: \_\_\_\_\_

Supervisor: \_\_\_\_\_ Formação: \_\_\_\_\_

**INSTITUIÇÃO DE ENSINO: ESCOLA DE DESIGN/UEMG**

Prof. Orientador: \_\_\_\_\_ Formação: \_\_\_\_\_

OBJETIVO DO ESTÁGIO: Fazer com que o estudante possa aplicar na prática todo conhecimento adquirido no curso, facilitando sua inserção no mercado de trabalho.

**DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:**

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_

ESTAGIÁRIO

assinatura

\_\_\_\_\_  
PROF. ORIENTADOR DO ESTÁGIO

assinatura

\_\_\_\_\_  
SUPERVISOR DO ESTÁGIO

carimbo e assinatura

## APÊNDICE 04 – QUADRO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

**ATIVIDADES COMPLEMENTARES:** São atividades extracurriculares e que têm como objetivo a complementação do conhecimento do aluno para sua melhor formação profissional. Carga horária por aluno, a partir do 1º período: 150 h.

CÓDIGO AC	ATIVIDADES	DESCRIÇÃO	COMPROVAÇÃO E AVALIAÇÃO	HORAS VALIDADAS*	LIMITE VALIDÁVEL*
01	Atuações junto aos Centros e Núcleos da ED:	Atividades relacionadas à profissão com prazo inferior a 4 meses (acima deste prazo será considerado Estágio Supervisionado).	Declaração do coordenador do Centro ou Núcleo.	Máximo de 30 h por semestre	90 h
02	Atividades acompanhadas por profissional especializado, em área afim ao curso (diferenciado do Estágio Supervisionado).	Atividades por tempo determinado (máximo 2 meses), validadas posteriormente pela coordenação do curso, para aprimoramento da experiência do aluno. <i>Obs.Serão aceitos os estágios curriculares como Atividades Complementares, desde que o aluno tenha feito estágio em período anterior ao estabelecido como estágio supervisionado, ou que já tenha cumprido a carga horária mínima de estágio supervisionado.</i>	Apresentação de documento comprobatório à coordenação do curso para avaliação	Máximo de 30 h por semestre	90 h
03	Projetos de Iniciação Científica:	Atividades de início à pesquisa preferencialmente orientada por professor da E.D., em trabalho extraclasse.	Cópia do relatório de pesquisa validada pelo orientador e declaração da carga horária emitida pela coordenação de pesquisa da unidade.	Máximo de 60 h por semestre	120 h
04	Monitorias:	Atividades para alunos que detêm os conhecimentos dos conteúdos de uma disciplina por tê-la cursado nesta Escola ou em outra instituição de ensino e apoiem os professores nas matérias lecionadas.	Apresentação de certificado ou declaração, contendo carga horária da atividade, emitida pelo professor responsável e validada pelo NIPP.	Máximo de 45 h por semestre	90 h

05	Publicações:	Publicação de resumo, resumo expandido ou artigo completo em anais ou periódicos e publicação de capítulo de livro ou livro.	Apresentação do artigo e documento comprobatório da publicação.	15 h por publicação de resumo ou resumo expandido em periódico ou anais.  30 horas por publicação de capítulo de livro e artigo completo em periódico ou anais.  45 h por publicação de livro	105 h
06	Cursos de extensão	Participação em cursos de extensão oferecidos pela Escola de Design ou por outra instituição interna ou externa à UEMG	Apresentação de documento comprobatório.	Máximo de 30 h por semestre	90 h
07	Atividades comentadas programadas	Participação em sessões comentadas de vídeos, filmes e mostras, desde que relacionados ao curso.	Documento comprobatório de participação emitido pela coordenação de extensão da unidade (em caso de unidade da UEMG) ou pela instituição responsável pela realização do evento.	03 h por atividade Máximo de 15 h por semestre	60 h
08	Grupos de Estudo:	Participação voluntária em uma equipe de trabalho para estudo de um assunto relacionado a área do curso, independente das atividades regulares do ensino. Cada grupo deverá ser coordenado por um professor da UEMG.	Declaração do professor responsável pelo grupo de estudo com especificação do(s) tema(s) de estudo, carga horária desenvolvida pelo aluno, e avaliação de seu desempenho.	Máximo de 30 h por semestre	60 h
09	Visitas Técnicas:	Visitas orientadas por professor ou por responsável técnico, a empresas ou a instituições e que não estejam vinculadas às atividades de ensino de uma disciplina regular.	Comprovação e avaliação em formulário próprio pelo responsável pelo acompanhamento da visita.	05 h por visita Máximo de 15 h por semestre	30 h
10	Produções Coletivas ou Individuais:	Produções artísticas ou culturais elaboradas pelo aluno (ou pela equipe da qual participa) e apresentadas publicamente.	Avaliação pelo responsável pelo acompanhamento ao evento, ou por professor indicado pela coordenação de curso.	Máximo de 15 h por semestre	30 h

**Observação:** 1. As atividades acima descritas serão válidas, se comprovada sua realização, a partir de 16 de fevereiro de 2005.

2. Os casos omissos deste documento serão motivo de avaliação pelos Coordenadores de Curso da Escola de Design da UEMG.

3. \*As colunas **HORAS/ AULAS VALIDADAS** e **LIMITE VALIDÁVEL** poderão ser alteradas a qualquer momento, sem comunicação prévia aos alunos.

4. Comprovações e avaliações de Atividade Complementar serão aceitas se entregues ao professor responsável pelas Atividades Complementares até o último dia letivo do semestre consecutivo ao que ocorreu a atividade.

## APÊNDICE 05 – QUADRO DE CORRESPONDÊNCIA E CARÁTER DAS DISCIPLINAS

	PPC 2018-2019 Disciplinas – carga horária	PPC - 2003 Disciplinas – carga horária	Caráter da Disciplina
1	Expressão Gráfica - Desenho Técnico - 60	Representação Técnica I - 64	Prática
2	Expressão Gráfica - Desenho Projetivo (Arquitetônico) - 60	Representação Técnica II- 64	Prática
3	Expressão Gráfica – Bidimensional Digital - 30	Representação Técnica IV A - 32	Prática
4	Expressão Gráfica – Detalhamento construtivo - 60	Representação Técnica IV A - 32	Prática
		Representação Técnica III A - 32	
5	Expressão Gráfica – Tridimensional Digital - 30	Representação Técnica IV B - 32	Prática
6	Expressão Gráfica – Detalh. sistemas construtivos - 60	Representação Técnica V - 64	Prática
7	Expressão Gráfica - Oficina de Expressão - 60	Expressão Gráfica I - 64	Prática
8	Expressão Gráfica - Desenho e Linguagem Visual - 60	Expressão Gráfica II - 64	Prática
9	História do Design séc. XIX e XX - 30	Hist. Anal. Crit. da Arte e Design I - 32	Teórica
10	História do Design séc. XX e XXI - 30	Hist. Anal. Crit. da Arte e Design II - 32	Teórica
		Hist. Anal. Crit. da Arte e Design III - 32	Teórica
11	História do Design no Brasil - 30	Hist. Anal. Crit. da Arte e Design IV- 32	Teórica
12	Teoria do Design - 30	Teoria do Design I - 32	Teórica
13	Teoria do Design - Estudos Aplicados - 30	Teoria do Design II - 32	Teórica
14	Design e Mercado - Fatores econômicos - 30	Fatores Econômicos - 32	Teórica
15	Design e Mercado - Marketing - 30	Estudos de Mercado I - 32	Teórica
16	Design e Mercado - Empreendedorismo - 30	Estudos de Mercado II - 32	Teórica
17	Fundamentos Humanísticos – Filosofia - 30	Fatores Filosóficos, Sociais e Culturais I - 32	Teórica
18	Fundamentos Humanísticos – Sociedade e Cultura - 30	Fatores Filosóficos, Sociais e Culturais II - 32	Teórica
19	Design e Metodologia - Metodologia Científica - 30	Metodologia Científica I - 32	Teórica
20	Design e Metodologia - Fundamentos da Metodologia do Design - 30	Metodologia Aplicada ao Projeto de Design I - 32	Teórica
21	Design e Metodologia - Estudos aplicados - 30	Metodologia Aplicada ao Projeto de Design II -32	Teórica
22	Design e Metodologia - Aplicado ao TCC - 60	Metodologia Científica I I - 64	Teórica

23	Design e Semiótica - Fundamentos - 30	Comunicação e Semiótica I - 32	Teórica
24	Design e Semiótica - Estudos aplicados - 30	Comunicação e Semiótica II - 32	Teórica
25	Design e Percepção - Fundamentos - 30	Psicologia, Percepção e Forma I - 32	Teórica
26	Design e Percepção - Design para os sentidos - 30	Psicologia, Percepção e Forma II - 32	Teórica
27	Processo de Criação - 60	Processos de Criação - 64	Teórica
28	Design e Ergonomia Fundamentos- 30	Ergonomia I - 32	Teórica
29	Design e Ergonomia - Estudos aplicados- 30	Ergonomia II - 32	Teórica
30	Materiais e Processos – Fundamentos - 30	Materiais e Processos de Produção I - 64	Teórica
31	Optativa (Materiais e Processos - Aplicados ao detalhamento de Projeto)		Teórica
32	Optativa	Materiais e Processos de Produção II - 64	Teórica
33	Materiais e Processos - Aplicação - 30		Teórica
34	Materiais e Processos – Sistemas construtivos e instalações - 30	Materiais e Processos de Produção III - 64	Teórica
35	Materiais e Processos - iluminação Fundamentos - 30	Materiais e Processos de Produção IV - 64	Teórica
36	Materiais e Processos - iluminação - 30		Teórica
37	Materiais e Processos – conforto no ambiente - 30	Materiais e Processos de Produção V - 64	Teórica
38	Design e Projetos - Fundamentos - 30	Não há correspondência	Teórica
39	Prática Projetual – Design e Ambiência - 60	Prática Projetual I - 64	Prática
40	Prática Projetual – Design Estratégico - 60	Prática Projetual II - 64	Prática
41	Prática Projetual – Design Sistemico - 60	Prática Projetual III A – 64	Prática
42	Prática Projetual – Design e paisagem - 60	Prática Projetual III B – 64	Prática
43	Prática Projetual – Design e Negócios - 60	Prática Projetual III C – 64	Prática
44	Prática Projetual – Luminotecnia - 60	Prática Projetual IV A – 64	Prática
45	Optativa	Prática Projetual IV B – 64	Prática
46	Prática Projetual – Design e serviços - 60	Prática Projetual IV C – 64	Prática
47	EG – Detalhamento de mobiliário - 60	Prática Projetual V A – 64	Prática
48	Optativa	Prática Projetual V B – 64	Prática
49	Prática Projetual – Design do efêmero - 60	Prática Projetual V C – 64	Prática
50	TCC-I - 60	Projeto de Graduação - 288	Prática Teórico/prática
51	TCC-II - 120		
52	Seminários - 30 (Teórica)		
53	Oficinas Técnicas de TCC - 60		

## APÊNDICE 06: QUADRO – DISCIPLINA POR DEPARTAMENTO / EIXO – DESIGN DE AMBIENTES

DEPARTAMENTO FORMAÇÃO SÓCIO- HUMANÍSTICA	DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EXPRESSIVA	DEPARTAMENTO FORMAÇÃO PROJETUAL	DEPARTAMENTO FORMAÇÃO TECNOLÓGICA
HISTÓRIA DO DESIGN Séc. XIX a XX	EXPRESSÃO GRÁFICA Oficina de Expressão	DESIGN E PROJETO Fundamentos	MATERIAIS E PROCESSOS Naturais
HISTÓRIA DO DESIGN Séc. XX a XXI	EXPRESSÃO GRÁFICA Desenho e Linguagem Visual	DESIGN E METODOLOGIA Metodologia Científica	MATERIAIS E PROCESSOS Sintéticos
HISTÓRIA DO DESIGN NO BRASIL	EXPRESSÃO GRÁFICA Desenho Técnico	DESIGN E METODOLOGIA Metodologia do Design	MATERIAIS E PROCESSOS Sistemas Construtivos e Inst.
TEORIA DO DESIGN Fundamentos	EXPRESSÃO GRÁFICA Desenho Projetivo (arquitetônico)	DESIGN E METODOLOGIA Estudos Aplicados	MATERIAIS E PROCESSOS Conforto no Ambiente
TEORIA DO DESIGN Estudos aplicados	EXPRESSÃO GRÁFICA Bidimensional Digital	DESIGN E METODOLOGIA Aplicada ao TCC	MATERIAIS E PROCESSOS Aplica. ao detalh. de projeto
DESIGN E SEMIÓTICA Fundamentos	EXPRESSÃO GRÁFICA Tridimensional Digital	PRÁTICA PROJETUAL Design e Luminotecnia	MATERIAIS E PROCESSOS Iluminação - fundamentos
DESIGN E PERCEPÇÃO Fundamentos	EXPRESSÃO GRÁFICA Detalhamento Construtivo	PRÁTICA PROJETUAL Design de Negócios	MATERIAIS E PROCESSOS Iluminação - estudos aplic.
DESIGN E PERCEPÇÃO Design para os sentidos	EXPRESSÃO GRÁFICA Detalhamento mobiliário	PRÁTICA PROJETUAL Design e Ambiência	OFICINAS TÉCNICAS
FUNDAM. HUMANÍSTICOS Filosofia	EXPRESSÃO GRÁFICA Detalh. Sist. construtivo	PRÁTICA PROJETUAL Design do Efêmero	
FUNDAM. HUMANÍSTICOS Sociedade e Cultura		PRÁTICA PROJETUAL Design da Paisagem	
PROCESSOS DE CRIAÇÃO		PRÁTICA PROJETUAL Design de Serviços	
DESIGN E ERGONOMIA Fundamentos		PRÁTICA PROJETUAL Design e Escala de Produção	
DESIGN E ERGONOMIA Estudos Aplicados		PRÁTICA PROJETUAL Design de Identidade	
DESIGN E MERCADO Fatores Econômicos		PRÁTICA PROJETUAL Design Experimental	
DESIGN E MERCADO Marketing		PRÁTICA PROJETUAL Design Estratégico	
DESIGN E MERCADO Empreendedorismo		PRÁTICA PROJETUAL Design Sistêmico	
SEMINÁRIOS		PRÁTICA PROJETUAL Design Para Todos	
		PRÁTICA PROJETUAL Design da Informação	
		PRÁTICA PROJETUAL Design e Mobilidade	

---

PRÁTICA PROJETUAL  
Design da Mobilidade

---

TCC 1 – Trabalho de  
Conclusão de Curso 1

---

TCC 2 – Trabalho de  
Conclusão de Curso 2

---